



Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO
Centro de Ciências Humanas e Sociais – CCH



Museu de Astronomia e Ciências Afins – MAST/MCT

**Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio (PPG-PMUS)
Mestrado em Museologia e Patrimônio**

**O FAZER MUSEOLÓGICO E A EDUCAÇÃO NO MUSEU:
MUSEALIDADE E DIMENSÃO PEDAGÓGICA NAS AÇÕES
DO MUSEU DE ARTE RELIGIOSA E TRADICIONAL DE
CABO FRIO - MART.**

Adriano Barreto Vieira

UNIRIO / MAST – RJ, julho de 2015.

**O FAZER MUSEOLÓGICO E A EDUCAÇÃO NO MUSEU:
Musealidade e dimensão pedagógica nas ações do MART.**

por

Adriano Barreto Vieira,

Aluno do curso de Mestrado em
Museologia e Patrimônio, Linha 01 – Museu
e Museologia.

Dissertação de Mestrado apresentada à
Coordenação do Programa de Pós-
Graduação em Museologia e Patrimônio.

Orientador: Professora Doutora Maria
Amélia Gomes de Souza Reis.

UNIRIO/MAST - RJ, julho de 2015.

Vieira, Adriano Barreto.
V658 O fazer museológico e a educação no museu : musealidade e dimensão pedagógica nas ações do MART / Adriano Barreto Vieira, 2015.
v.133 f. ; 30 cm Orientadora: Maria Amélia Souza Reis.
Dissertação (Mestrado em Museologia e Patrimônio) - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro ; MAST, Rio De Janeiro, 2015.

1. Museu de Arte Religiosa e Tradicional (Cabo Frio, RJ).
2. Museologia. 3. Museus. 4. Museus - Aspectos educacionais.
5. Pedagogia - Assimilação cultural. I. Reis, Maria Amélia Souza. II. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Centro de Ciências Humanas e Sociais. Mestrado em Museologia e Patrimônio. III. Museu de Astronomia e Ciências Afins. IV. Título.

CDD – 069.1

FOLHA DE APROVAÇÃO

O FAZER MUSEOLÓGICO E A EDUCAÇÃO NO MUSEU: MUSEALIDADE E DIMENSÃO PEDAGÓGICA NAS AÇÕES DO MART.

Dissertação de Mestrado submetida ao corpo docente do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio, do Centro de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO e Museu de Astronomia e Ciências Afins – MAST/MCT, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Museologia e Patrimônio.

Aprovada por

Profª. Drª. _____

Maria Amélia Gomes Souza Reis – Orientadora – UNIRIO

Prof. Dr. _____

Everardo Paiva de Andrade - UFF

Prof. Dr. _____

Mario de Souza Chagas – UNIRIO

Rio de Janeiro, 2015

RESUMO

VIEIRA. Adriano Barreto. O Fazer Museológico e a Educação no Museu: Musealidade e Dimensão Pedagógica nas ações do MART. 2015. Dissertação (mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio, UNIRIO/MAST, Rio de Janeiro, 2015. 133p. Orientadora: Maria Amélia Souza Reis.

Esta dissertação desenvolve, a partir da contribuição de teóricos dos campos da Museologia e Patrimônio, História e Educação, um estudo sobre as ações museológicas empreendidas pelos profissionais do MART em suas relações com a cidade e região na qual está inserido (Cabo Frio, Arraial do Cabo, Armação dos Búzios e São Pedro da Aldeia), procurando compreender como os discursos e práticas educativas dos profissionais que atuam neste museu concebem e executam suas atividades educacionais cotidianas e como estes fazeres podem fornecer pistas para entender os processos educativos museológicos que estão sendo criados e recriados no MART. Estabelecemos nexos entre o processo museológico e a educação partindo de uma reflexão sobre a comunicação museológica e a educação em museus com a perspectiva de uma pedagogia cultural.

Palavras chaves:

Museu; Museologia; Educação em museus; Pedagogia Cultural.

ABSTRACT

VIEIRA. Adriano Barreto. The Museologic Making and Education in the Museum: museality and pedagogic dimension on MART actions. 2015. Dissertation. UNIRIO/MAST, Rio de Janeiro, 2015. 133p. Advisor: Maria Amélia Souza Reis.

This dissertation develops, from the contribution of theorists of Museology and Patrimony, History and Education fields, a study about the museologic actions undertaken by the MART professionals in their relations with the city and region in which it is inserted (Cabo Frio, Arraial do Cabo, Armação dos Búzios e São Pedro da Aldeia) seeking to comprehend how the speeches and educational practices of the professionals that work at the museum conceive and execute their everyday educational activities and how these doings can provide clues to understand the museological educative processes that are being created and recreated in the MART. We established links between the museological process and education coming from a reflection about the museologic communication and the education in museums with a cultural pedagogy perspective.

Key words:

Museum; Museology; Education in museums; Cultural Pedagogy.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	01
CAP. 1 – ENTRELAÇANDO OS HEMISFÉRIOS: AS PRÁTICAS DE MUSEALIZAÇÃO E A PEDAGOGIA CULTURAL.....	09
1.1 – SINDROME DE MACONDO E OUTRAS PARTICULARIDADES.....	10
1.2 - UMA INSTITUIÇÃO PARA OS CINCO SENTIDOS: AS PISTAS DOS VISITANTES	14
1.3 - O FAZER MUSEOLÓGICO E A EDUCAÇÃO EM MUSEUS.....	16
CAP. 2 – A PRODUÇÃO DE SENTIDOS E SIGNIFICADOS DO MART.....	20
2.1 – UM PERCURSO PELO ESPAÇO MUSEALIZADO.....	21
2.2 – O LEGADO DO ACERVO DO MART.....	22
2.3 – COLHENDO DADOS DAS NARRATIVAS.....	43
2.3.1 – AS PRIMAVERAS DOS MUSEUS.....	47
2.3.2 – SINAL FECHADO.....	59
CAP. 3 – ARTE DE GUIAR O ESPÍRITO NA INVESTIGAÇÃO DO MART.....	64
3.1 – O CAMINHO DAS INVESTIGAÇÕES E ALGUNS APONTAMENTOS.....	65
3.2 – SOB A COMPANHIA DOS ANJOS.....	66
3.3 – ENTRE O ESPIRITUAL E TEMPORAL; ENTRE O SAGRADO E O PROFANO – ENTRE DEUS E O HOMEM.....	71
3.4 - UM LABORATÓRIO NO MART: AS PEDAGOGIAS CULTURAIS COMO INSTRUMENTO ESSENCIAL PARA O ENTENDIMENTO DESTE MUSEU.....	76
3.5 – ACERCA DAS RELAÇÕES ENTRE EDUCAÇÃO, PEDAGOGIA CULTURAL E MUSEU.....	80
3.6 – AS QUESTÕES QUE ENVOLVEM AS PRÁTICAS EDUCATIVAS NO MART E A NATUREZA DIALÉTICA DOS OBJETOS DESTE MUSEU.....	82
3.7 – RESULTADOS: POR UM SINAL ABERTO.....	84
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	97
REFERÊNCIAS.....	102
ANEXOS.....	109

INTRODUÇÃO

No final do século XVII, dia 02 de agosto de 1686, é lançada a pedra basilar do Convento de Nossa Senhora dos Anjos em Cabo Frio pelo Provincial da Ordem Franciscana atendendo uma demanda antiga dos habitantes da região, população formada basicamente por pescadores, salineiros e lavradores¹. Gente simples que inspirados pela fé e pela humildade pregada pelos sacerdotes da ordem criada por São Francisco de Assis, há muito desejava o estabelecimento de seus serviços. Preferiam Nossa Senhora da Luz, mas o dia escolhido pelos frades era de Nossa Senhora dos Anjos em memória da grande devoção que seu santo patriarca teve a ela.

O convento ficava localizado no sopé do monte Tairú, antigo sítio sagrado dos índios tupinambás, que utilizavam pedras extraídas do lugar, além de muitas conchas ali encontradas, resquícios de povos remanescentes ainda mais antigos que precederam os tupinambás na ocupação da região, os sambaqueiros. A cidade cresceu em direção ao convento formando um novo núcleo urbano. No decorrer de sua trajetória além das suas atividades religiosas e serviços divinos, existiam no convento aulas de primeiras letras para meninos sendo assim um recinto de estudos.

O Convento estendeu suas atividades na região até o século XIX quando a comunidade franciscana além de outras ordens religiosas passou a ser alvo de investigações do governo imperial. Essa crise ocorreu por questões divergentes no âmbito político e religioso uma vez que o Império era simpatizante da maçonaria Sociedade Secreta, de origem remota, espalhada por todo o mundo, cujos membros, que professam os princípios de igualdade e fraternidade, se dão a conhecer entre si por meio de sinais esotéricos. Proibida a entrada de noviços pela lei imperial, o número de frades foi diminuindo até que, em 1872, morre seu último guardião e termina a história dos frades franciscanos na comunidade e o convento cai em ruínas.

Com o objetivo de estancar o processo de destruição, foi o conjunto arquitetônico dos remanescentes do convento e igreja de Nossa Senhora dos Anjos, capela e cemitério da Ordem Terceira de São Francisco da Penitência, o adro fronteiro com o cruzeiro e o largo de Santo Antônio até a orla do canal Itajuru, tombado pelo Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional em 17 de janeiro de 1957. A adaptação das ruínas para espaço do museu surgiu, como medida excepcional, da necessidade de assegurar vigilância e assistência efetivas aos remanescentes do primitivo convento, quando, pelo abandono e incúria em que se encontrava, ocorria o risco de desaparecer de vez sob a ação inclemente dos elementos naturais que interagem na região².

¹ BERANGER, Abel. Dados Históricos de Cabo Frio, 1996.

² Edgard Jacintho. Sobre o Museu do Convento, in: Carta à Cidade de Cabo Frio, 1994.

Elementos esses como a ressurgência, um fenômeno natural ocasionado por correntes submarinas que nascem nas ilhas Malvinas, próximas à Antártica, e afloram intermitentemente no litoral cabista quando sopra o vento nordeste. São águas geladas, responsáveis pelo nome de batismo português da região, muito salgadas e ricas em micronutrientes que dão início à cadeia alimentar marinha e resultam na presença abundante de baleias, cetáceos, peixes, crustáceos e moluscos em Cabo Frio. Lugar onde as margens do oceano surgiram como alternativa aos males da civilização, como lugar onde se pode ler de forma mais simples a nova temporalidade proposta pela religiosidade franciscana.

No ano de 1968 foi firmado convênio entre o arcebispado de Niterói e a diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional para a criação do Museu de Arte Religiosa e Tradicional e em 1972, o Patrimônio e a Fraternidade de São Francisco da Penitência assinam outro documento com termo de cessão integrando ao acervo tombado várias peças de valor histórico e artístico nas quais se destacam as esculturas em madeira policromada e terracota³ dos séculos XVII e XVIII. Que lugar sublime se constitui em miríade de cores, inventando, neste museu de arranjos coloniais, onde os signos de reconhecimento e procedimentos sociais estariam condicionados através das suas obras, os sentidos que propiciariam a confluência entre às modalidades de fruição deste lugar e sua vocação paradisíaca.

Aos 15 de dezembro de 1982, finalmente, foi o Museu de Arte Religiosa e Tradicional (MART) inaugurado e aberto às comunidades de Cabo Frio e de toda a Região dos Lagos, bem como aos turistas que visitam a região.

Funda-se nesta cidade uma espécie de genealogia divina que é revelada àqueles que, sob as encostas de cal e pedra vinham em busca do entendimento da complexidade dos céus. Eis os mistérios da vida que vão ao encontro do Museu de Arte Religiosa e Tradicional e de onde nos aportamos para esta dissertação que se desenvolve, a partir da contribuição de teóricos do campo da museologia e patrimônio e da educação, em um estudo sobre as ações museológicas empreendidas pelo MART em suas relações com a cidade e a região no qual está inserido procurando compreender como os profissionais que ali atuam concebem e executam suas atividades educacionais cotidianas e como estes fazeres podem fornecer pistas para entender os processos educativos museológicos que estão sendo criados e recriados em instituições similares.

³Terracota material constituído por argila cozida no forno, sem ser vidrada, utilizada em cerâmica e construção. O termo também se refere a objetos feitos deste material e à sua cor natural, laranja acastanhado.

Tendo sido graduado em História minha trajetória profissional foi pautada na pesquisa histórica e em especial pelo ensino de história com ênfase em conceitos como identidade, patrimônio, memória, multiculturalismo, transversalidade, que me impulsionou e atraiu para estudos e conceitos básicos da museologia. Ao longo dos anos meus gostos, minhas experiências, meus preconceitos (por que não?), minha vida de professor alterou-se com o passar dos dias e a minha memória continua a remexer as minhas palavras e o meu mundo. Meu antídoto diante deste museu que é objeto de minha dissertação é não ser mais um habitante de Macondo⁴ em terras cabofrienses.

Ao pensar o Ensino de História (campo acadêmico profícuo) e a relação entre história e memória, percebo que a ambiguidade ou polissemia citada abaixo cabe também para o campo museológico e para este estudo sobre o MART. A “Enfermidade da Linguagem” da qual Monteiro (2002) retira de Pierre Nora sugere a mesma complexidade e compreensão das representações em museus.

A ambigüidade ou polissemia do termo história tem sido bastante discutida. Em muitos idiomas, como o português e o francês, diferentemente do alemão, a mesma palavra história é utilizada para expressar a história vivida e a operação intelectual que a torna inteligível. Esta “enfermidade da linguagem”, como diz Nora, expressa a não consciência de uma diferença ou a compreensão de que o movimento que nos transporta é da mesma natureza daquele que o representa para nós? Questão semântica, que suscitou inúmeros debates, foi e é enfrentada por aqueles que investigam a teoria da história na busca da identificação e compreensão das diferentes concepções que orientam as abordagens realizadas para a análise e escrita da história, na produção da história enquanto conhecimento, e sua relação com a história vivida. (MONTEIRO, 2002, p. 15)

Os debates em torno da história e do ensino de história vêm se intensificando no país, na esteira dos avanços teóricos e metodológicos desta área de estudos, das reflexões sobre questões centrais da educação em sentido amplo e do engajamento de uma variada gama de sujeitos e instituições, bem como das tentativas de reestruturação dos cursos de licenciatura. Refletir sobre os conhecimentos que construímos coletivamente como profissionais de história, em diálogo com outros campos de conhecimento e em diferentes espaços profissionais, é fundamental. Reconhecer as especificidades do saber histórico acadêmico e do saber histórico escolar, é concordar que ambos são indissociáveis e que suas inter-relações são estruturantes neste estudo

⁴ Referência à aldeia de Macondo extraída do romance Cem Anos de Solidão de Gabriel Garcia Márquez que será abordado no capítulo 1.

e implicam sobremaneira na nossa prática como professores/pesquisadores. Trata-se de saberes constituídos em dimensão multireferencial sobretudo a partir dos diálogos entre história, educação e museologia.

As visitas ao MART no decorrer do meu exercício profissional como professor da rede municipal de ensino de Cabo Frio, proporcionaram-me adentrar aos meandros da museologia e aos estudos de seus conceitos para melhor atender aos alunos em seus questionamentos e aos meus planejamentos educativos no campo da história da cidade e participações em vários encontros de discussão pública sobre o patrimônio cultural da cidade e da região além de outras atividades e eventos institucionais.

O exercício de observar, procurar entender o MART e minha prática educativa me trouxe ao Programa de Pós-graduação em Museologia e Patrimônio e esta pesquisa tentará contribuir para os avanços da museologia em nosso país com destaque aos discursos e fazeres museológicos, como tentar responder à pergunta: como os museus respondem às suas funções sociais tomando a dimensão educativa em sua centralidade?

O MART significa para mim um vívido interesse e admiração, me faz acreditar em pôr em prática minha experiência profissional onde estejam presentes os museus, e em especial as ações museológicas desenvolvidas neste em suas relações com a cidade de Cabo Frio, na qual está inserido. Parto do princípio de que todo saber pressupõe um processo interdisciplinar de aprendizagem e formação, portanto, nessa dissertação busco compreender como se constituem saberes sobre a relação Museu e Educação e de que modo eles contribuem para a formação e a prática educativa desenvolvidas pelos profissionais de museus em suas ações educativas. O recorte temporal entre os anos de 2011 a 2013 se dá em decorrência da criação recente do Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM) no ano de 2009, como órgão que regula as políticas de ação museológica dos museus federais bem como a realização do primeiro concurso público em 2010 quando, então, o MART passou a contar com profissionais efetivos que hoje ocupam os cargos de museólogo, técnico em assuntos educacionais e técnico em assuntos culturais, responsáveis pelas ações que também serão objetos de estudo neste trabalho.

Nestas reflexões sobre o museu educativo lembro Eucanaã Ferraz (2005), que afirma no livro *Veneno Antimonotonia: os melhores poemas e canções contra o tédio* que todo poema é, por princípio, um veneno antimonotonia. Nele, o uso contínuo, repetitivo e mecânico da língua torna-a enfadonha, rotineira enquanto o poema, ao fazer-se por deslocamentos da língua, acarreta no seu ponto ideal uma ruptura da monotonia em vários campos da realidade como: arte, política, subjetividade, gosto ou

moral. Neste sentido, ainda indagamos: Poderiam os museus estar para a educação assim como a poesia está para a linguagem? Um veneno antimonotonia? Compartilhando dessa utopia e desejoso dela, partimos, então, para a multiplicidade de sentidos, ritmos e incertezas deste lugar museu e deste lugar MART.

Apesar de os resultados não poderem ser generalizados, visto que se tratou de um estudo de caso em uma instituição que passou por diversos problemas estruturais, com uma equipe ainda em estruturação, uma vez ser recente a sua composição e incipiente a participação da comunidade, pode-se afirmar que este trabalho de pesquisa poderá transformar-se em um possível caminho reflexivo para que o MART seja realmente importante para a sociedade local e adjacências, ou seja, que este museu descubra o quão importante pode ser a participação efetiva dos docentes das escolas locais, a motivação para sensibilizar a comunidade local a visitá-lo e uma possível saída para que o MART seja encarado como uma aliança entre o popular e o erudito em sua prática. Na formulação de um Plano Político Pedagógico que tenha a participação da sociedade civil nas figuras dos professores das escolas públicas e privadas, representantes das associações de moradores, artistas locais dos municípios que englobam a Região dos Lagos bem como a importância do estreitamento das relações com outros locais que apresentem os mesmos propósitos propulsores de cultura como a Fundação Casa de Scliar, Ponto de Cultura Tribal, Associações artísticas independentes, Academia Cabofriense De Letras entre outros. Foi possível também concluir que pode-se apresentar possíveis soluções para problemas expostos buscando os prováveis resultados positivos em experiências com outros museus do IBRAM que possuam as mesmas características do MART na medida em que se torna imprescindível e necessário trabalhar com experiências museais de sucesso que sirvam de algum modo como exemplo para que o museu em questão se aproxime de forma inovadora da sociedade local na qual precisa ser referencial.

Por fim, tomando por base as observações realizadas no âmbito deste trabalho, entende-se que a principal causa que nos faz entrar na arena das discussões museológicas é a crença que o enredo em torno das investigações gire ao lado da resistência e que em algum grau desvende uma possível solução para a aventura que é pesquisar o MART.

Pelas considerações expostas acima a pesquisa vincula-se à linha de pesquisa Museu e Museologia. As questões que esse estudo propõe encontram-se relacionadas às temáticas desenvolvidas pela linha em especial na abordagem da museologia em suas relações com os diferentes campos do saber; o discurso museológico e a abordagem teórico-pedagógica da museologia. O estudo proposto nessa pesquisa tem

a pretensão de somar-se às discussões sobre a necessidade de incorporação em todo processo educativo de uma metodologia da práxis e o papel dos museus na construção de uma sociedade cidadã inclusiva e pluralista, que entende todos os seus espaços, acervos e práticas como educativas, bem como as possibilidades de intervenção social do museu visando a uma educação emancipatória, proposta apresentada por Reis (2009).

Estruturamos esta dissertação em três capítulos:

No primeiro capítulo **Entrelaçando os hemisférios: as Práticas de Musealização e a Pedagogia Cultural** consideramos algumas hipóteses que se apoiam em idéias como síndrome, antídoto, práticas que longe de serem conceitos “medicalizantes” balizam alguns problemas pelos quais passam os museus e, por consequência, o MART. Faremos também um panorama dos conceitos que articulam as questões que são levantadas para esta dissertação.

O segundo capítulo **A Produção de Sentidos e Significados do MART**, consiste em revelarmos o acervo do MART e o seu circuito expositivo, suas práticas e projetos desenvolvidos. Destacamos como atividades privilegiadas para estudo o programa de visitas desenvolvido pela divisão educativa do museu e elaboração das atividades educacionais referentes a organização das versões da “Primavera dos Museus”, programa institucional do IBRAM e que faz parte do calendário fixo do museu. Assim como dedicamos à apresentação das atividades desenvolvidas no MART, suas práticas e projetos desenvolvidos. Procuraremos exercitar através dos números de visitantes, das entrevistas com seus gestores, equipe e o plano museológico algumas perspectivas que diminuam o ostracismo local deste museu que está por condição eterna e geográfica ao lado da Laguna de Araruama, de frente para a cidade e para todos que ali circulam de forma tão inócua. Grande parte da população da Região dos Lagos, se perguntada, sabe sequer o que é aquela construção. Libertar este museu de sua profunda condenação de desterro é o que acredito ser a maior contribuição do MART para a população local.

No terceiro capítulo, intitulado **Arte de Guiar o espírito na investigação do MART** consideraremos uma análise teórico – metodológica, onde apresentamos, em uma primeira etapa, os procedimentos metodológicos utilizados para a coleta de dados, interpretação e análise que compõe o trabalho e em uma segunda etapa, desenvolvemos a partir da literatura do campo a construção de conceitos basilares como musealização e musealidade para demonstrar o nosso entendimento da museologia enquanto processo de construção sócio histórico e em uma terceira etapa, estabelecemos nexos entre o processo museológico e a educação partindo de uma

reflexão sobre a comunicação museológica e a educação em museus com a perspectiva de uma pedagogia cultural que busque nesta teoria da educação estudos dos ideais culturais segundo determinada concepção de vida, de saberes amplos onde acreditamos estar na metodologia da práxis os processos e técnicas mais eficientes para realizá-los.

CAPITULO I:
Entrelaçando os hemisférios: As práticas de
musealização e a Pedagogia Cultural

1.1- Síndrome de Macondo e outras particularidades.

Por vezes O MART sofre da síndrome de Macondo. Macondo é o nome da aldeia pacata, onde vivem as pessoas, na qual se passa o romance Cem anos de Solidão de Gabriel José García Márquez. Esta síndrome da qual sofre o MART é semelhante a de que sofrem os amnesiados habitantes de Macondo. Informa-nos Márquez que esta doença evidenciava que o reconhecimento de mundo estava desaparecendo rapidamente e que poderiam esquecer o que era, por exemplo, uma vaca, o que era uma árvore, o que era uma casa; o antídoto descobriram, estava nas palavras. Para que as pessoas se lembrassem do que seu mundo significava para eles, escreveram rótulos e penduraram nos animais e objetos: “isto é uma árvore”, “isto é uma vaca e dela obtêm-se leite que misturado com café dá café com leite”. As palavras dizem-nos o que somos enquanto sociedade. Estamos no campo do *é* e do *era*. O desafio reside em acreditar no *é*. O Museu de Arte Religiosa e Tradicional de Cabo Frio sofre da síndrome de Macondo, esquecido pela sua população e por alguns de seus turistas. Acreditar que este museu tem suas obras e seu acervo creditados às palavras que ali estão penduradas é comprovar que estas experiências museais estão sempre em condição de latência/não latência e que não vivem o *é*, pararam no *era*.

Que uma latência se mantenha para que possa haver não latência, que um esquecimento seja preservado para que possa haver memória: é isso a inspiração, o transporte suscitado pela musa, que põe o homem em harmonia com a palavra e o pensamento. O pensamento só está próximo da coisa se se perder na sua latência, se deixar de ver a coisa. Essa é a natureza de coisa “ditada”: a dialética latência/ não latência, esquecimento/memória é a condição que permite que a palavra possa acontecer e não apenas ser manipulada por um sujeito. (AGAMBEN, 2012, pág.49).

O desafio é acasalar palavras e experiências e as experiências com palavras e sentidos, sair do mundo do *era* uma vez. Unir os hemisférios das práticas de musealização e a Pedagogia Cultural é um caminho para que este museu tenha o antídoto contra uma prática educativa distante da cultura local, longe de sua real atribuição: a produção de um saber vivaz que contribua para expandir a rota desejada por aqueles que são usuários do MART que facilite a navegação e o bordejar do pesquisador desta dissertação.

Ao considerar a existência de muitas dificuldades de compreensão do papel do museu como lugar no qual a educação se dá pelos objetos, Cury (2013), aponta para a

prática de muitos museus que ignoram as suas especificidades com relação a seus acervos. Assim várias estratégias são usadas para que a educação em um museu aconteça muitas vezes à revelia de conhecimentos mais aprofundados da natureza dessa instituição. A partir daí a autora considera o que ela chama de síndromes e preconceitos da educação em museus. Vamos considerar algumas dessas síndromes para ilustrar e demonstrar as propostas e práticas educativas que podemos observar em alguns museus:

A primeira síndrome seria a do centro cultural. Como o museu é “lugar de coisa velha e antiga” e muitas vezes visto como um lugar desagradável, a proposta é transformá-lo em centro cultural. Segundo Cury (2013), “a síndrome recairia sobre a modificação do museu e das suas particularidades para outro modelo de instituição, o centro cultural desvinculado de acervo e da museografia” (p.15).

Parece-nos que o museu já traz embutido em sua proposta o caráter de centro cultural para tanto é suficiente que se implementem ações diversas voltadas para o público. No entanto, observamos nas atividades desenvolvidas pelo MART, especialmente àquelas referentes às “Primaveras dos Museus”: a realização de oficinas, apresentações de danças, música, teatro, jogos e brincadeiras, ou seja, de atividades totalmente desvinculadas de seu acervo e especificidades da instituição, recaindo assim nos sintomas da síndrome. Na tentativa de tornar o museu mais “dinâmico” acabam na prática alterando suas finalidades.

Outra síndrome presente no MART seria a “dos conhecimentos prévios”, ou seja, o público, em especial o escolar, não aproveita a visita ao museu porque desconhece o assunto. Este é o primeiro ponto da síndrome. O segundo é como sanar esse problema no museu: fazendo uma introdução antes de contemplar a exposição, o que ocorre, muitas vezes em um auditório ou sala, à semelhança daquela da escola. Sobre a organização das visitas ao MART, o público antes de apreciar a exposição é conduzido a um “auditório” onde se dá uma aula oral e ilustrada ou audiovisual para que a partir daí a visita à exposição e a ação educacional aconteça respaldada. Segundo Cury (2013)

À nossa perplexidade está com a noção de que as pessoas já devem saber algo previamente estabelecido, quando, a nosso ver, a experiência museal é cultural. Estamos certos de que há, com frequência, dissonância cognitiva entre as exposições museológicas e o público, mas a solução para essa questão não pode recair sobre o visitante, tampouco a solução pode ser um recurso proveniente de outros meios educacionais que não tipificam a educação em museus. (p.16).

Entendemos, como a autora, que a participação do público não pode depender de seu capital cultural primordialmente, ou seja, este modelo fundado no conhecimento prévio ignora que há outros saberes e outras formas de participação baseados em outros códigos culturais.

O MART, hoje, compõe a rede de museus do Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM). Este instituto é uma autarquia federal, dotada de personalidade jurídica de direito público, com autonomia administrativa e financeira, vinculada ao Ministério da Cultura. Possui sede e foro em Brasília; foi criado a partir da Lei n.º 11.906, sancionada pelo ex-Presidente da República Luiz Inácio Lula da Silva em 20 de janeiro de 2009, que desmembrou do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional a Diretoria de Museus e as Unidades Museológicas.

O Instituto Brasileiro de Museus é o órgão responsável por desenvolver e aplicar a Política Nacional de Museus, bem como pela melhoria dos serviços do setor, tendo como objetivos, por exemplo, o aumento de visitação e arrecadação dos museus, o fomento de políticas de aquisição e preservação de acervos e a criação de ações integradas entre os museus brasileiros. O instituto também é responsável pela manutenção dos museus e casas históricas.

O MART conta com uma sala de exposição que abriga permanentemente o seu acervo; uma sala de exposições temporárias; a igreja conventual; quatro salas/escritórios e possui, a seu serviço, onze funcionários.

O Museu de Arte Religiosa e Tradicional possui acervos de natureza museológica, arquivística e bibliográfica.

O acervo museológico é composto principalmente de objetos de origem sacra, cedidos por meio do Convênio entre o DPHAN (atual IPHAN) e a Mitra Diocesana de Niterói, em 1968, ratificado por Termo Aditivo, em 1972. Tem como destaque sua coleção de imaginária dos séculos XVII e XVIII, em terracota e madeira policromada, que serviram à devoção dos fiéis e frades franciscanos que habitaram o Convento de Nossa Senhora dos Anjos no período entre 1696 e 1872. Estas peças já estavam no monumento quando foi assinado o termo para a criação e instalação do Museu⁵.

Na Igreja anexa ao Convento, espaço expositivo integrante do Museu, as esculturas, os retábulos e os demais elementos integrados são, em sua maioria, apresentados nos locais para onde foram inicialmente destinados.

⁵ Plano Museológico 2012-2014 MART/IBRAM.

Após o fechamento da casa religiosa, muitas peças se perderam. Do mobiliário muito pouco restou, além de alguns poucos objetos sacros utilizados nas cerimônias litúrgicas, prataria e livros litúrgicos raros. Outros objetos foram incorporados ao longo dos anos de funcionamento do MART, através de doações. Também integra o acervo museológico uma pequena coleção de peças de arte popular, além de desenhos e pinturas produzidos por artistas locais, cujas obras retratam o Convento de Nossa Senhora dos Anjos e a paisagem do seu entorno.

O acervo arquivístico foi se constituindo no decorrer do funcionamento do MART, sendo composto basicamente de documentação secundária (cópia) e material contemporâneo ao exercício da instituição. Esse material refere-se basicamente a assuntos de arqueologia, história da região do Cabo Frio, museologia, intercâmbio institucional, desenvolvimento de atividades culturais e material administrativo repassado à guarda permanente. Ainda como parte de seu acervo arquivístico, o MART possui uma coleção de fotografias, analógicas e digitais, das atividades realizadas durante o período de seu funcionamento. São imagens de duas espécies: as que retratam as atividades finalísticas da instituição, como a realização de eventos e a participação do Museu em atividades na região, especialmente em festas tradicionais; e, um segundo grupo, o de imagens contendo o acervo e de conteúdos capturados com fins administrativos que reportam à estrutura do prédio.

Sobre o seu acervo bibliográfico, o Núcleo de Biblioteca Especializada do MART foi implantado em 1995 com o objetivo de cumprir uma das cláusulas do Convênio firmado em 1968, entre o então DPHAN e o Arcebispado de Niterói, proprietário do antigo convento. Seu acervo é formado por livros, monografias, folhetos, fascículos avulsos de periódicos e coleção de multimeios composta por CDs, DVDs e fitas de vídeo cassete.

O Núcleo atende a pesquisadores de qualquer nível de formação, com interesse nas áreas de patrimônio cultural, arqueologia, arquitetura religiosa, arte sacra, museologia e assuntos correlatos. Ultimamente a pesquisa no NBEAHR (Núcleo de Biblioteca Especializada e Acervo Histórico Regional) está praticamente restrita à consulta interna, quando servidores do Mart utilizam o acervo bibliográfico para complementar suas pesquisas nas atividades que são desenvolvidas pela instituição.

Nesses trinta e dois anos de existência o MART vem desenvolvendo uma série de atividades, como visitação de professores e estudantes; apresentação de exposições itinerantes; promoção e organização de cursos, publicações, seminários e oficinas, como também abrindo o seu espaço para outras entidades; concertos e recitais;

lançamento de livros e projeções de filmes, entre outras, tentando-se livrar da Síndrome de Macondo.

O MART encontra-se hoje funcionando parcialmente devido a obras de reestruturação. O seu espaço expositivo está restrito a nave da igreja conventual, o jardim (antigo claustro) e a uma sala destinada a exposições temporárias.

1.2- Uma instituição para os cinco sentidos: as pistas dos visitantes.

Faz silêncio nas salas e nos corredores do MART. Súbito, a austeridade e assepsia dos ambientes se quebram com o estardalhaço das visitas, sob as impurezas trazidas das ruas, remanescentes nas solas dos seus calçados. Crianças, jovens, professores.... Aonde vai toda essa gente? O que faz ali, em que emprega seu tempo ocioso, o que procura e por que logo ali? Qual visitante estava sendo esperado? Aliás, as expectativas de visitas modelam um visitante ideal? Que fazer com a visita inesperada? Eis o veneno antimonotonia: o visitante que quebra a rotina dos espaços; o fazer de um espaço que atravessa o fastio da vida comum... haverá em tudo isso uma educação e uma pedagogia que faça a mediação entre o museu e seu visitante?

Ao analisar toda a gama dos lugares diversificados e densamente estratificados de aprendizagem, tais como a mídia, a cultura popular, o cinema, a publicidade, as comunicações de massa, as organizações religiosas, os museus, os shoppings entre outras, os Estudos Culturais ampliam nossa compreensão do pedagógico e de seu papel fora da escola como o local tradicional da aprendizagem.

Este tipo de abordagem, de um lado nos faz refletir sobre a influência limitada de nossas práticas pedagógicas escolares e, de outro, coloca em xeque as imagens de criança e de adolescente com as quais estamos trabalhando. Em outras palavras, as representações de infância e de adolescência que têm regulado nossas ações dentro da escola fundamental não correspondem às crianças e adolescentes com os quais nos deparamos diariamente em nossas salas de aula. Isto chama a atenção para o fato de que já não podemos ignorar, por exemplo, formas de ser e estar no mundo onde as identidades transcendem os vínculos de referência baseados na ideia de Estado, nacionalidade, comunidade. A circulação de tais imagens e significados e o compartilhamento de certas práticas culturais têm determinado as formas pelas quais os indivíduos compreendem a si mesmos e o mundo que os rodeia.

Hoje os programas de TV, os filmes (agora na TV a cabo), os videogames e a música (com os fones de ouvido que permite que se desliguem dos adultos) pertencem ao domínio privado de crianças e adolescentes. As escolas não dão conta da

complexidade dos processos de subjetivação e de produção de identidades no mundo em que vivemos hoje. Trocando em miúdos, poderíamos dizer que nossas salas de aula estão cada vez mais povoadas de jovens seres do século XXI, e nós, professores e professoras, confusos, continuando a enxergar ou a fazer de conta que lá estão os meninos e as meninas imaginados pelas teorias dos compêndios dos séculos XVII, XVIII, XIX e parte do XX. Um conjunto de sérias questões, abordadas por muitos analistas das sociedades e das culturas contemporâneas, parece continuar sendo ignorado por uma parcela significativa de profissionais da educação. Já é tempo de nos darmos conta de que o mundo mudou muito também dentro das nossas escolas. Este trabalho demanda desafios, incertezas e certezas em uma construção diária de mobilizações de saberes. Tenho a preocupação nesta construção e mobilização de saberes me imbuir em lutar pela transformação da estrutura burocrática onde os objetivos e meu papel de professor permitam antever um futuro criativo. Portanto, Andrade (2006) dirige seu olhar de forma precisa à perspectiva histórica que pretendo dar a esta dissertação onde:

Nesse sentido então, fica inteiramente descartada a possibilidade de se pensar numa história free-lance dos professores, de livre-pensadores desencarnados, em trajetória intelectual fluindo solta no universo da cultura. Pelo contrário, a história social dos professores como grupo que progressivamente se distingue, esboça uma identidade própria, institui modelos e práticas de formação e pouco a pouco se profissionaliza, é, não só uma parte da história da sociedade, como também uma dimensão inseparável da história da instituição e, portanto, da institucionalização escolar no Brasil. (Andrade, 2006, p.21)

E é destas identidades, deste grupo dos professores de história a que pertenço que proponho uma posologia, onde as doses sejam adequadas ao estudo desta dissertação, doses estas que combinem as diversas áreas referentes a este estudo: Museologia, Educação e História. Todavia, o MART como as escolas, em especial as que trabalho em Cabo Frio, sofrem conjuntamente da Síndrome de Macondo. Trazer a Pedagogia Cultural nesta dissertação é exemplo de uma zona de arrebentação onde as ondas "arrebentam" ou se "quebram" em parte da praia. Se houver bancos de areia afastados da praia podem ocorrer outras zonas de arrebentação sobre estes, uma zona de varrido onde parte da praia é "varrida" pelas ondas periodicamente. Para escrever esta dissertação é necessário ter este cenário, é indispensável que o MART sofra esta "arrebentação" ou demonstre em algum momento ter esta ação e, para tal, fizemos um

levantamento da documentação referente às atividades desenvolvidas pelo MART no período compreendido entre os anos de 2011 a 2013 tais como o Plano Museológico da instituição; Relatório de atividade para elaboração e implementação do plano político pedagógico; Relatórios de atividades desenvolvidas pelas áreas técnicas do museu; Documentação sobre o acervo em exposição; Depoimentos contidos no livro de registro de visitantes; Fotografias do museu e de atividades relacionadas ao período em estudo bem como o Estatuto de Museus e a Política Nacional de Museus no âmbito do IBRAM na medida que essas políticas instituem demandas por parte dos museus sobre a natureza de suas atividades em particular na educação nos museus.

Além da observação *in loco* das atividades desenvolvida pelos profissionais do museu, elaboramos um questionário (anexo III) onde tais profissionais puderam apontar e destacar seu pensamento sobre a natureza das atividades que desenvolvem no seu cotidiano profissional com destaque para as práticas educativas no MART. Mais uma vez, neste quesito em especial, me deparei com palavras que passam longe do cenário de “arrebentação” pelo qual seria necessário passar este museu.

1.3 - O Fazer Museológico e a Educação em Museus.

Acreditamos que um estudo sobre o MART constitua uma produção no/para campo da Museologia na medida em que o compreende como um “microcosmo social” (Chagas, 2001) onde práticas, pensamentos, sentimentos, desejos e emoções afloram permanentemente em seu devir.

Chagas (2009) considera, ainda, que o museu é processo e prática social em si mesmo e que conforma um cenário para o fato social, voltado à relação entre o homem e o bem cultural. Assim entendido, o museu aporta uma experiência total devido as suas múltiplas dimensões: poética, política, sociológica, pedagógica, institucional. A partir dessa compreensão, Chagas (2011), nos apresenta uma concepção de museu em fluxo; uma instituição que contém em parte o saber e a memória de uma comunidade, mas também em continuo desenvolvimento de sua *estrutura rizomática*, de crescimento horizontal e abertura às influências externas.

Pensar o museu como rizoma, no sentido atribuído por Deleuze e Guattari (2011), significa dizer que o museu é aberto, é conectável em todas as dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente. Esta idéia trata o museu não só no seu aspecto constituído como também constituinte, como gerador de conteúdo social e receptor de influências. Essa potência inerente às instituições museológicas está também, acredito, presente no museu em questão para

este estudo em que nos debruçamos. Os registros e relatórios de ações bem como a interpretação dos profissionais do MART sobre suas atividades puderam constituir um cenário empírico que possibilitou uma análise sobre o fazer museológico da instituição.

A concepção de Fazer Museológico e sua associação com a Educação aqui apresentada está impregnada com o pensamento de Santos (2008), considerando que o processo museológico constitui na sua integralidade uma ação educativa e de comunicação.

O fazer museológico é o resultado de ações integradas, portanto, em relação, sem privilegiar uma ação em detrimento da outra, enriquecidas no processo de comunicação. É ação dialógica, comprometida com a transformação. Daí afirmar que as ações de pesquisa, preservação e comunicação objetivam a construção de uma nova prática social, sendo, portanto, compreendidas como uma ação educativa. (Santos, 2008, p.118).

Santos (2008), propõe que a prática museológica tenha como produto a construção do conhecimento, que seja, portanto, educativa, sugerindo que para o museu atingir sua função pedagógica, “deverá ter uma capacidade de produção própria, com questionamento crítico e criativo sem, contudo, deixar de interagir com outras áreas do conhecimento” (Santos, 2008. p. 140). A autora ainda considera que é importante compreender que todas as ações museológicas devem ser pensadas e praticadas como ações educativas e de comunicação, porque sem essa concepção não passariam de técnicas que se esgotam em si mesmas e não teriam a contribuir para os projetos educativos que venham a ser desenvolvidos pelos museus.

Uma questão crucial emerge da análise das síndromes expostas anteriormente (de centro cultural e de conhecimentos prévios): como, então, mobilizar sentido e presença nas ações museais sem perder o nexos com a particularidade do museu e seu acervo? A perspectiva da pedagogia cultural – e, associada a ela, a perspectiva teórica proposta por Hall (2006), da centralidade da cultura, sugerindo a constituição de um espaço de convergência, como práticas culturais, entre ações museológicas e práticas pedagógicas – oferece uma possibilidade a ser explorada.

A nova relação que mantemos com o tempo, sugerida por Gumbrecht (2010), na qual o presente deixa de representar uma lâmina estreita entre o passado e o futuro, tornando-se progressivamente ampliado na medida em que, por um lado, as sociedades parecem perder a confiança ilimitada no futuro e, por outro lado, não deixamos o passado passar, saturando o presente de referências pretéritas. Nesse sentido, a relação que estabelecemos com o tempo enseja um desejo de presentificação, favorecendo a constituição de uma cultura histórica que acumula diferentes mundos

temporais numa esfera de simultaneidade: antes de aprender com o passado, trata-se de conviver com ele, presentificando-o.

Ao escrever este capítulo, deparei, como referência bibliográfica, com autores que trabalham com as Pedagogias Culturais. E o livro de Gumbrecht (2010), “Produção de Presença. O que o sentido não consegue transmitir” possui o objetivo de reconfigurar “algumas condições de produção de conhecimento nas Humanidades”, isto é, forjar uma nova epistemologia para as ciências humanas. E vi neste livro uma espécie de saída para o labirinto que é unir as práticas museológicas às pedagogias culturais. A ligação entre a hermenêutica e a metafísica fica clara quando Gumbrecht define metafísica como a “atitude, quer cotidiana, quer acadêmica, atribui ao sentido dos fenômenos um valor mais elevado que à sua presença material”. A hermenêutica é o método preponderante de conhecimento nas humanidades; um texto traz sentidos que devem ser postos a descoberto pelo intérprete, no caso os estudantes que visitam o MART. A técnica interpretativa é a principal ferramenta das ciências humanas, mas não precisa ser a única. A centralidade que essa técnica dá ao sentido e ao pensamento, a sua desconfiança com relação à materialidade (e ao corpo), faz com que seja correto atribuir-lhe uma atitude metafísica, no sentido acima referido de metafísica. A intuição de que poderia haver outras formas de abordagem dos fenômenos das ciências humanas que não fosse exclusivamente através do sentido e da interpretação, não surgiu do nada, na meditação silenciosa do acadêmico. Surge centrada na análise e interpretação do sentido do texto. Um dos grandes trunfos do Gumbrecht é o de conseguir sintetizar de maneira clara e precisa o grande embate de ideias que ocorre na passagem da Idade Média para a Primeira Modernidade e da Primeira Modernidade para a Segunda Modernidade. Esse relato deixa claro que as motivações por trás da história das mentalidades produzem critérios distintos de produção de conhecimento. De uma maneira geral, o autor defende que na Idade Média a autodescrição do homem não envolvia sua separação do mundo, enquanto na modernidade o homem passa a se considerar como observador do mundo e produtor ativo de conhecimento. Essa alteração na ótica de autorreferência tem grandes efeitos na produção de conhecimento, que deixa de ser pautada pela materialidade e pelo corpo, pela crença de que a matéria comunica, e passa a ser orientada pela noção de que por trás da materialidade há um sentido que precisa ser desvelado e somente o homem é capaz de realizar isso. Quando o homem na modernidade passa a se considerar estranho ao mundo, surge uma distância entre ele e as coisas. Estas, por outro lado, deixam de ter a capacidade de aparecerem por conta própria; as coisas só são autorizadas a “ser” algo, na medida em que o homem, o sujeito pensante, lhes autoriza existência ao dar-lhes sentido. Na passagem da Primeira Modernidade para a Segunda, surge uma nova autodescrição do

homem, segundo a qual, além de ver o mundo de fora, ele também se vê vendo o mundo. Há, assim, um observador de primeira e outro de segunda ordem. O segundo observador põe em xeque uma série de questões não problematizadas na primeira modernidade, como as diversas perspectivas acerca de um objeto ou a diferença entre a experiência conceitual e a percepção. As ciências humanas vão resolver esse problema de dois modos. Com relação ao primeiro problema, ela vai passar a adotar o método narrativo como modelo de investigação. A narração, ao invés da pura descrição de fatos, permite que o narrador inclua diversas perspectivas em uma só narrativa. Com relação ao problema da incompatibilidade entre a percepção e a experiência, as ciências humanas vão optar por preferir como critério para o conhecimento os dados da experiência conceitual. A partir de então, as ciências humanas passam a adotar a perspectiva fenomenológica idealista que conduzirá contemporaneamente à perspectiva construtivista, segundo a qual a matéria pode ser transformada de acordo com a vontade do homem, sua cultura. Gumbrecht termina seu livro falando do futuro das humanidades. Ao invés de falar das humanidades de uma maneira em geral, ele prefere falar de três de suas áreas disciplinares: a estética, a história e a pedagogia. Cada qual apresenta um modelo de configuração específica de produção de presença. O fenômeno estético (incluindo aqui, o ao meu ver, o museu) produz presença de modo epifânico, ou seja, na forma de eventos. Esses eventos são inesperados e únicos, não voltam a ocorrer, mas quando ocorrem provocam fascinação. A fascinação é o resultado de uma tensão entre a efemeridade da presença e a consciência da singularidade do fenômeno, isto é, a impossibilidade de compará-lo com outra ocorrência. Nesse momento epifânico o estado do espectador (visitante do museu), do artista e das obras se sintoniza com as coisas do mundo. Em um momento em que estamos saturados de sentidos, as artes e os museus têm esse poder de nos devolver às coisas do mundo. Por outro lado, a produção de presença na história se dá através da presentificação do passado, enquanto que a produção de presença na pedagogia se dá através da prática, cabe ao professor não antecipar o sentido da experiência ao aluno, mas apenas orientá-lo a estar preparado para o possível surgimento do ser (que logo se esconde). Estar preparado para o possível surgimento do ser significa alcançar um estado de concentração (insularidade) e serenidade que permita o esvaziamento da consciência, a abertura para o nada. O ser surge do nada, isto é, ele surge desde um lugar que não está preenchido pela cultura e pelo sentido. Diante disto, o legado do MART permite representar uma lâmina estreita entre o passado e o futuro, que veremos nas narrativas que seguem em suas obras e nas experiências que elas podem causar aos seus visitantes.

CAPÍTULO 2:

A Produção de Sentidos e Significados do MART.

2.1 – Um percurso pelo espaço musealizado

Antes mesmo de se adentrar no Museu de Arte Religiosa e Tradicional, é possível observar os elementos preservados do antigo Convento Nossa Senhora dos Anjos. No adro frontal está o Cruzeiro, uma imensa cruz erguida pelos franciscanos e que determinava o tratamento do espaço à frente da Igreja conventual. Na área externa do MART, à esquerda de quem caminha em direção ao Convento, são observados os muros do Cemitério e Capela, ambos sob a administração da Ordem Franciscana de São Francisco da Penitência de Cabo Frio, em funcionamento.



Imagem do Museu de Arte Religiosa e Tradicional de Cabo Frio. (acervo pessoal).

Em função de o Museu de Arte Religiosa e Tradicional estar localizado em um convento franciscano do século XVII, sendo considerado um dos marcos da arquitetura religiosa do período colonial, um dos pontos de maior destaque é a própria fachada do Convento. A data do lançamento da pedra fundamental do Convento Nossa Senhora dos Anjos encontra-se inscrita na portada da Igreja conventual. Esta, por sua vez, preservada, integra o espaço expositivo do MART. Sua entrada leva à recepção do Museu e o acesso ao templo é livre. Ao adentrar a Igreja, depara-se com os belos retábulos do altar-mor que contrastam com a simplicidade arquitetônica do espaço.

Ali é possível explorar outras atrações no local, como o conjunto escultórico “Verônica”, encerrado em um nicho, e a imagem de Jesus Cristo Seráfico do altar-mor

da Capela de São Francisco da Penitência da Ordem Terceira Franciscana de Cabo Frio, somente vista através de um portal em madeira que separa a Capela da área do Museu. O coro, visualizado da Igreja e localizado à entrada da nave, em nível superior, possui o acesso pela parte interna do Convento, através da torre sineira. A partir da Igreja conventual, chega-se ao jardim do MART, antigo claustro do Convento, que guarda vestígios da cozinha dos frades franciscanos, de onde se avista o morro e Capela de N. S.^a da Guia, sob a sombra de espécies nativas, como o jasmim do cabo. Do jardim, pode-se acessar o Núcleo de Biblioteca Especializada e Arquivo Histórico Regional, sediados na antiga sacristia.

O acesso às salas expositivas é feito a partir do jardim do Museu. As salas de exposição do térreo são utilizadas para exposições temporárias. Nesta área, assim como no jardim, também é possível observar vestígios dos alicerces do antigo Convento, expostos para possibilitar uma compreensão maior da estrutura original do prédio do século XVII e os materiais empregados na construção original. Do salão de exposições temporárias, por uma escadaria, chega-se ao pavimento superior, a sala Edgard Jacintho da Silva, de exposição permanente. Sua denominação homenageia o arquiteto responsável pela restauração do Convento. Neste pavimento observam-se nas paredes as conversadeiras, espécie de assentos em pedra partindo das janelas e utilizadas pelos frades enclausurados. Delas tem-se uma ampla vista do Largo de Santo Antônio na parede frontal e, na lateral, do acesso ao morro e Capela de N. S.^a da Guia, num primeiro plano, e Canal do Itajuru.

Além dos elementos arquitetônicos, a Sala Edgard Jacintho da Silva apresenta-se com imaginária e mobiliário que pertenceram ao antigo Convento e foram recuperados para exposição. Destaque para a escultura de Nossa Senhora da Conceição, do século XVII, e as esculturas recuperadas com trabalhos de arqueologia histórica. A partir desta sala, tem-se acesso ao coro da igreja conventual e à torre sineira, recuperada, que abriga a Administração do MART.

2.2 – O legado do Acervo do MART

No dia 18 de dezembro de 2014, o Museu de Arte Religiosa e Tradicional (MART), unidade museológica do Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM) em Cabo Frio (RJ), foi premiado com o *Diploma Cristo Redentor*, conferido pela Assembléia Legislativa do estado do Rio de Janeiro (ALERJ). O diploma é concedido anualmente pela ALERJ a personalidades e instituições que, reconhecidamente, tenham prestado destacada e meritória contribuição para o desenvolvimento turístico do estado do Rio

de Janeiro. A justificativa para o reconhecimento se dá pela contribuição do museu de forma exemplar para o desenvolvimento cultural e turístico da cidade de Cabo Frio.

Diante desta informação, além das demais já enumeradas no decorrer desta dissertação, já vislumbramos o legado que este museu traz para sua sociedade. Para que se confirme nesta dissertação este legado, abaixo descreveremos e estabeleceremos uma espécie de um itinerário deste acervo pelos seus profissionais.

Segundo a museóloga do MART, o acervo é composto, principalmente, pelo conjunto de imagens recuperadas e que serviram à devoção dos frades franciscanos e fiéis durante o funcionamento do Convento Nossa Senhora dos Anjos. São algumas peças do mobiliário, prataria religiosa, pinturas, retábulos e livros litúrgicos raros. Destaque para a coleção de imaginária dos séculos XVII, XVIII e XIX, em terracota e madeira policromada. Também integram o acervo, desenhos e pinturas de artistas regionais retratando o Convento e seu entorno e acervo.

Coelho (1994) informa que o acervo já estava no prédio quando foi assinado o convênio para criação e instalação do Museu. Segundo Dolores Tavares⁶ (1994), em agosto de 1972, por meio de um termo de cessão assinado entre o IPHAN e a Fraternidade de São Francisco da Penitência, essas peças foram integradas ao acervo do museu. De acordo, ainda, com Coelho (1994), a imaginária refere-se a santos ligados à Ordem Franciscana ou a santos de devoção popular da época. Entre as imagens, as de santos de devoção popular nos séculos XVII e XVIII, como a Sagrada Família, São José, Sant'Ana e São Joaquim.

As imagens encontram-se expostas na antiga Igreja conventual e nas salas de exposição do Museu, sendo a sala Edgar Jacintho Silva, restaurada pelo IPHAN, no segundo piso da ala do antigo convento, é a que contém a maior parte da imaginária em terracota pertencente ao MART. Na Igreja de Santa Maria dos Anjos, destaque para os retábulos⁷.

⁶ Diretora do museu durante duas décadas, pessoa importantíssima na formação do MART.

⁷ Informações baseadas no texto de Magaly OBERLAENDER. Os retábulos e a história da arte religiosa. (pp. 60-66). In: FINAGEIV, Belmira (org.). *Carta à cidade de Cabo Frio*. Rio de Janeiro: IBPC, 1994.



Foto 1 – Acervo MART/IBRAM.

O termo retábulo designa construções em materiais como madeira ou mármore com lavores, dispostos por trás ou acima do altar, com painéis pintados ou em baixo relevo. Na Igreja conventual, o retábulo principal caracteriza-se como composição simétrica com eixo do conjunto centrado na imagem da padroeira. Observa-se a formação nítida de três triângulos e eixo central, que dotam o retábulo com o equilíbrio das linhas utilizadas em larga escala no Renascimento. Oberlaender (1996) cita a estudiosa Lygia Martins Costa que afirma que o retábulo da Igreja conventual em Cabo Frio aparenta possuir a mais antiga arquivolta salomônica recoberta de parra do país. Portanto, a pesquisadora insere os retábulos no “espírito renascento-maneirista” e destaca as colunas torsas cobertas por videiras, que foram introduzidas no Brasil no século XVI e usadas, especialmente, pelas ordens religiosas, no século seguinte.

Destaque para a *Árvore da Vida*, em talha vazada com motivos zoomorfos e, mais predominantemente, zigomorfos. Simboliza a relação entre o céu e a terra, a morte e a regeneração pela crucificação de Cristo.



Foto 2 – Acervo MART/IBRAM.

Descreve Oberlaender (1996) que do tronco brotam os três principais galhos simbolizando o mistério da Santíssima Trindade. As folhas e frutos formam a videira, árvore que fornece o vinho, representando a Eucaristia. Os pássaros, pelicanos, bicando os cachos de uva, significam a ressurreição e a eternidade com o alimento da Árvore da Vida. As sete aves estão dispostas na árvore e essa quantidade representa a comunicação da terra com o céu. As imagens que compõem os retábulos⁸ são:

São José, século XVIII, madeira policromada dourada: santo de devoção popular, muito difundido entre as famílias católicas. No Brasil, as imagens mais antigas apresentam-no com botas, sendo conhecido como São José de Botas. Entre seus atributos, o lírio.

⁸Informações adaptadas de: Exposição *Imagens de Fé e História* – curadoria: Júlio César Neto Dantas e Maria Rosa Correia; e notas de pesquisa curatorial e para o Inventário do MART, por Júlio César Neto Dantas.

Também aparece com o Menino Jesus. (COELHO, M. op. cit., p. 69). O culto a São José teria iniciado no Egito, sendo popularizado no Brasil através da catequese. Aqui tornou-se popular entre os trabalhadores das classes menos favorecidas.



Foto 3 – Acervo MART/IBRAM

São Joaquim, século XVIII, madeira policromada dourada: pai de Nossa Senhora e marido de Sant'Ana, é representado como homem de meia-idade, calvo, de bigodes e barba curta. (COELHO, M. op. cit., pp. 68-69). Aparece vestindo trajes requintados, o que simbolizaria o pastor de posses de um grande rebanho.



Foto 4 – Acervo MART/IBRAM

Nossa Senhora dos Anjos, século XVIII, madeira policromada dourada: O Dia do Perdão, 02 de agosto, é quando se comemora a data de Nossa Senhora dos Anjos, uma das principais celebrações da Ordem Franciscana. Santa Maria dos Anjos é a padroeira da Ordem dos Frades Menores.

A pedra fundamental do Convento de Nossa Senhora dos Anjos foi colocada justamente nesta data, sendo esta invocação de Nossa Senhora escolhida como a padroeira da casa dos religiosos franciscanos em Cabo Frio.

Normalmente representada sobre nuvens e cercada por anjos, Nossa Senhora dos Anjos aparece como teria sido a visão de São Francisco de Assis na Capela da Porciúncula.

A museóloga do MART aponta para a feitura mais erudita da obra, em madeira, e de período posterior à imagem de Santa Maria dos Anjos que compunha o nicho de entrada - localizado acima do pórtico de entrada -, que atualmente está numa das salas de exposição do Mart. Acompanha coroas em prata repuxada do século XVIII.



Foto 5 – Acervo MART/IBRAM.

Nossa Senhora dos Anjos (Nossa Senhora da Porciúncula), século XVII, barro policromado: disposta originalmente no nicho de pedra localizado acima da verga da porta principal da Igreja de Santa Maria dos Anjos do Convento em Cabo Frio. Sua invocação remete ao local preferido de São Francisco, próximo a Assis na Itália. Lá

estava localizada a capela de Porciúncula, fundada há vários séculos por eremitas que retornavam da Terra Santa.



Foto 6 – acervo MART/IBRAM.

São Francisco, século XVIII, madeira policromada dourada: consta que Francisco de Assis, no retorno de Grécio a Porciúncula, abriu o Evangelho e nele leu, despretensiosamente, sobre a Paixão de Cristo. No dia seguinte, viu a imagem do

homem crucificado com asas de anjo. Ao meditar sobre ela, apareceram marcas no corpo de São Francisco, correspondentes às chagas de Cristo. (LE GOFF, 2001). São Francisco é sempre representado jovem, trajando o hábito franciscano ou capucho. Acompanha resplendor em prata repuxada do século XVIII.



Foto 7 – Acervo MART/IBRAM.

Santo Antônio, século XVII, barro: o mais popular dos santos franciscanos é apresentado na iconografia com o Menino Jesus. Nascido em Lisboa, na última década do século XII, entrou para a Ordem Franciscana em 1220 e faleceu em Pádua, em 1231. Acompanha resplendores em prata repuxada do século XVIII.



Foto 8 – Acervo MART/IBRAM

Painel do Teto da Capela-Mor, século XVII: na pintura, súditos celestes, angélicos, homenageiam a Rainha do Universo, Nossa Senhora Rainha dos Anjos. E entoam músicas em seu louvor e glória. Portanto, aparecem as tochas devocionais com o fogo, elemento redentor, purificador.

Os três painéis na faixa central apresentam pintura característica do século XVII. Em dois deles, cartela central com anjos músicos tocando instrumentos de corda. No outro, um anjo tocheiro nas mesmas condições decorativas.

Envolvendo os painéis, frisos dourados e molduras pintadas com angras e volutas. Os tons são vivos e terrosos, com fundo ocre, e desenhos de vários tons de terra, chegando ao vermelho vivo, com nuances filigranadas em branco e verde.



Foto 9 – Acervo MART/IBRAM.

Entre as peças do acervo em exposição, citamos:⁹

⁹Informações adaptadas de: Exposição *Imagens de Fé e História* – curadoria: Júlio César Neto Dantas e Maria Rosa Correia; e notas de pesquisa curatorial e para o Inventário do MART, por Júlio César Neto Dantas.

Menino Jesus, século XVII, barro: a peça estava enterrada no jardim do Museu e foi localizada por um antigo funcionário da instituição. A representação de Jesus Cristo menino ocorre vestindo túnica longa atada à cintura, como na imagem, podendo trazer o globo terrestre na mão esquerda e abençoando os fiéis com a mão direita. É representado também sentado em trono, reclinado, dormindo ou trazendo os instrumentos da Paixão.



Foto 10 – acervo MART/IBRAM

Senhor da Descida da Cruz, século XVIII, barro policromado: a imagem representa a cena do Calvário de Cristo.

É comum essas imagens representadas em tamanho natural e articuladas nos membros superiores para servirem em encenações do descendimento da Cruz durante a Sexta-feira Santa. A cabeça, às vezes, é corada de espinhos, caída sobre o ombro e os olhos,

fechados. Pode ser chamada Senhor do Bonfim, ou intitulada “Cristo das Sete Palavras” devido às últimas sete palavras pronunciadas por Jesus Cristo na cruz.



Foto 11 – acervo MART/IBRAM

São Boaventura, século XVII, barro: fragmentos da imagem foram encontrados incrustados numa das paredes do antigo Convento de Nossa Senhora dos Anjos durante as obras realizadas pelo Iphan em 1968. No trabalho de restauração, foi identificado o tronco de um frade franciscano. Posteriormente, a peça foi reconhecida como São Boaventura, quando encontrados - em diferentes momentos - outros dois de seus fragmentos nos jardins do Museu. A peça possui grandes semelhanças com a existente no Convento São Bernardino de Sena em Angra dos Reis (RJ).

São Boaventura é representado com o barrete doutoral, capa pluvial e sobrepeliz sobre a qual vê-se o hábito franciscano. Entre seus atributos comuns: chapéu de cardeal, mitra episcopal, báculo, pena, pequena igreja ou livro, este observado na peça exposta no

Mart. Pode também ser representado com a árvore da cruz ou “Árvore de São Boaventura ou da Redenção”.

Tronco de Frade, século XVII, barro: tronco de frade em genuflexo vestindo hábito franciscano. Possui semelhanças com bustos relicários, presentes em outros conventos brasileiros. Observa-se o cordão com os três nós que representam os votos de pobreza, obediência e castidade.

Nossa Senhora da Conceição, século XIX, barro policromado: invocação da Virgem Maria muito difundida em Portugal, o culto à Nossa Senhora da Conceição foi oficializado em homenagem à restauração da Coroa portuguesa. A festa em sua homenagem tornou-se oficial na metrópole e colônias portuguesas. No Brasil colônia, foi considerada protetora e, no Império, proclamada por D. Pedro I a Padroeira. De acordo com Coelho (1994), era comum a imagem de Nossa Senhora da Conceição nos altares-mores das igrejas franciscanas. À Virgem da Conceição foi consagrada no período colonial, a Província Franciscana do Sul do Brasil. A Virgem da Conceição é representada em pé sobre o globo terrestre – símbolo do poder – com as mãos unidas em oração. Sob seus pés surgem, geralmente, as pontas da lua crescente simbolizando a “revelação” e anjos ou querubins circundando-a em referência à “divina sabedoria”. Os pés de Nossa Senhora geralmente esmagam uma cobra, ou seja, ao contrário de outros mortais, Maria está “isenta do pecado original”.



Foto 12 – acervo MART/IBRAM.

Imagens de Roca: também chamados “santos de roca” devido à semelhança de sua estrutura com o fuso de roca, ou pelo fato de sua indumentária ser confeccionada neste instrumento. As imagens têm o corpo totalmente montado em réguas, sendo apresentadas de corpo inteiro, porém, com anatomia simplificada, cobertas por vestes esboçadas. Portanto, também conhecidas como “imagens de Vestir”. Embora até o momento não existam documentos que falem sobre a tradição da Procissão de Cinzas em Cabo Frio, as imagens da exposição - e o fragmento de algumas outras que não puderam ser remontadas – são fonte para investigar o cortejo local. A Procissão, realizada na Quarta-feira de Cinzas, era promovida pelas Ordens Terceiras Franciscanas. Eram comuns os andores da padroeira da Ordem Franciscana, Nossa Senhora da Conceição, de santos, leigos, penitentes, de São Francisco recebendo as chagas, de São Francisco da Cúria, de São Luiz – Rei de França, de Santa Isabel, do Amor Divino, de São Roque, de São Ivo, dos Bem-Casados e de Santa Isabel de

Portugal. Os andores eram precedidos por anjos que carregavam emblemas com inscrições em latim e o cortejo era encerrado com o andor de Cristo Crucificado.

São Luís - Rei de França, século XVIII, madeira policromada e tecido: nascido na França em 25 de abril de 1215, Luís foi rei e participou de duas Cruzadas. Pode ser representado vestindo o hábito franciscano ou em trajes régios – com coroa e cetro. Em uma das mãos pode carregar uma coroa de espinhos e os três cravos da crucificação. Presente do imperador latino de Constantinopla, Balduino II, representa a generosidade com os cristãos do Oriente.

São Benedito, século XVIII, madeira policromada e tecido: nascido numa aldeia próxima a Messina na Sicília, Itália, era filho de escravos africanos. Ainda criança, foi apelidado “o preto santo”, codinome que o acompanhou por toda a vida. Aos 38 anos, foi recebido como irmão leigo no Convento siciliano de Santa Maria e empregado como cozinheiro. Distribuía alimentos que pareciam multiplicar-se em suas mãos – por isso o pão em uma de suas mãos - sendo muito procurado por pessoas que buscavam curas e orações. É representado com o hábito franciscano, podendo portar, além do pão, o Menino Jesus em um dos braços ou um ramo de flores.

Santa Isabel, século XVIII, madeira policromada, tecido e papel: nascida em 04 de julho de 1271 recebeu o nome de Isabel em homenagem a sua tia-avó, Santa Isabel da Hungria, canonizada por Gregório IX em 1235. Após o falecimento de seu marido, rei D. Dinis em 1325, peregrinou até Santiago de Compostela e manifestou desejo de se recolher ao Convento das Clarissas, fundado por ela em Coimbra. Foi dissuadida e professou na Ordem Terceira de São Francisco. Faleceu em 4 de julho de 1336 em viagem a local próximo à fronteira de Castela. Representada com o hábito franciscano, pode ser apresentada curando enfermos. No MART, encontra-se disposta sobre andor em madeira e ferro do século XIX.

Santa Rosa de Viterbo, século XVIII, madeira policromada, tecido e papel: desde criança impressionou por sua devoção religiosa. Quando adoeceu aos oito anos, teve uma visão de Nossa Senhora. Fez pregações pelas ruas com um crucifixo na mão convertendo pecadores e atraiu multidões. Seu pai proibiu-a de atuar, mas recuou a pedido do Papa. Sofreu perseguição dos partidários do Imperador Frederico II, exilou-se e, em seu retorno, solicitou ingressar na corrente de Santa Maria das Rosas em Viterbo, mas não obteve permissão. Faleceu jovem, em 6 de março de 1252. Sepultada na Igreja de Santa Maria de Pódio, teve o corpo levado à Igreja do Convento Santa Maria das Rosas, incendiada em 1335. Após o incêndio, o corpo de Rosa foi preservado

e passou, todos os anos, a ser conduzido em procissão pelas ruas de Viterbo. Em 1457 foi canonizada pelo Papa Inocêncio IV.

Santa Rosa de Viterbo é representada jovem, vestindo o hábito franciscano e com uma cruz ornamentada de rosas. Pode trazer um ramalhete de rosas numa das mãos ou em uma das dobras do hábito.



Foto 13 – acervo MART/IBRAM.

Verônica, século XVIII, madeira policromada: conjunto escultórico com três peças em médio relevo que retrata a aparição de Jesus Cristo e Nossa Senhora a São Francisco

de Assis. Jesus e Nossa Senhora estão assentes num bloco de nuvens adornadas por cabeças de querubins. Representa Jesus abençoando o Santo e Nossa Senhora é apresentada com os braços estendidos em postura de acolhimento. Os querubins, provavelmente, são alusão à aparição da Virgem Maria juntamente com seu filho, ladeados por querubins e serafins. Refere-se também ao pedido de indulgência plenária que fez nascer o Dia do Perdão.

Denominado “Verônica”, do latim *vera* que significa exato, verdadeiro; pois representa a verdadeira imagem de Jesus. Dois outros exemplares são encontrados nos conventos franciscanos São Bernardino de Sena, em Angra dos Reis, e Santo Antônio, no Rio de Janeiro. A autoria do conjunto escultórico, segundo o curador Júlio Dantas, pode ser atribuída ao escultor português Francisco Xavier de Brito.



Foto 14 – acervo MART/IBRAM

São Luís de Tolosa (Toulouse), século XVIII, terracota: nascido em 1274, em Marselha na França, era sobrinho de São Luís - Rei de França e filho de Carlos II, rei das duas Sicílias, com Maria, filha do rei da Hungria. Permaneceu sete anos preso no lugar de seu pai, quando se dedicou aos estudos. Bispo franciscano de Toulouse, sagrado em 1296, é festejado no dia 19 de agosto. (COELHO, M. op. cit., pp. 68-69). Morreu em 1299, durante uma viagem, na mesma casa em que nascera.

Santa Clara, terracota: considerada a mais antiga expressão de perfeição evangélica, a jovem de família nobre, em Assis, na Itália, em 1194, recusou propostas de casamento e, contrariando seus pais, ingressou aos 18 anos na comunidade dos Beneditinos de Bastia. Clara teria sido levada para lá pelo próprio São Francisco que, ao recebê-la em Porciúncula, cortou-lhe os cabelos e a vestiu com um burel (veste em tecido grosseiro de lã). Posteriormente, sua irmã e sua mãe viúva, acompanharam Clara. Vivendo num abrigo em São Damião, criaram um modo de vida e de adoração especiais que originou a Ordem das Clarissas. As normas que regiam a comunidade que dirigiu até sua morte, em 1253, eram rígidas. Conta-se que, certa vez, Clara escreveu a uma freira fundadora do Convento das Clarissas em Praga, solicitando que ela não exagerasse na austeridade com as noviças: “por que nossos corpos não são feitos de bronze”, teria afirmado.

Sagrada Família, terracota, século XVIII: as primeiras representações de Jesus, Maria e José juntos datam, provavelmente, ainda do século I. Eram pinturas ou esculturas realizadas nas catacumbas, que sugeriam a família de Cristo. Posteriormente, tornaram-se frequentes as representações da Sagrada Família unindo os três personagens, embora nos relatos evangélicos, Maria seja mais citada durante a infância e a morte de Jesus. Nossa Senhora é apresentada em cenas cotidianas, em representações com requintes nos detalhes das vestes e em ambientes que denotam a popularização de seu culto durante a Idade Média. A imaginária nos lares da Brasil colônia difundiu-se através do colonizador português, sendo bem-recebida nos lares matriarcais e conservadores da época - em que a imagem da família era o esteio da sociedade. De acordo com Coelho (1994), a Sagrada Família estava entre aquelas com maior devoção popular nos séculos XVII e XVIII, assim como São José, Sant’Ana e São Joaquim.

Nossa Senhora da Conceição, terracota, século XVII: obra em terracota com policromia detalhada e douramento, o que confere à peça grande valor artístico, segundo a museóloga do MART. A imagem de Nossa Senhora da Conceição foi

difundida pelos franciscanos. Seu culto foi oficializado em 1640, quando a festa tornou-se obrigatória e, em nome da virgem, foram cunhadas moedas de ouro e prata.



Foto 15 – Acervo MART/IBRAM.

Grupo de Sant’Ana Mestra e Nossa Senhora, madeira, século XVIII: santa de devoção desde o Oriente – em Constantinopla fora construída uma Igreja em sua honra, em 550

-, teve seu culto difundido em Portugal e introduzido no Brasil pelos colonos. É comemorada em festejos populares em 26 de julho, o mês de Sant'Ana. (COELHO, M. op. cit., p. 69). A primeira imagem de Sant'Ana teria chegado ao Brasil, em Porto Seguro, provavelmente no século XVII. Durante todo o período colonial, foi considerada a padroeira dos lares cristãos e das mães. Raramente, no Brasil a representação de Nossa Senhora menina é feita separada de Sant'Ana.



Foto 16 – acervo MART/IBRAM.

2.3 - Colhendo dados das narrativas

A Arte Sacra¹⁰ do Mart possui as suas exigências naturais como arte, pois expressa e favorece a finalidade do prazer estético que, por sua natureza, à mesma arte lhe cabe produzir. Malraux confere mais uma intenção da arte: a poesia.

As grandes obras religiosas são inseparáveis de uma poesia poderosa, e tanto se tornam arte como poesia quando a sua Verdade as abandona; mas a poesia está sempre subordinada à fé e é, quase sempre, meio de expressão da fé. (MALRAUX, 2013, p 195)

Por isto, esta dissertação está vitalmente ligada às atividades artísticas, educacionais e legislativas que compõem o MART e seu entorno, com tráfego, mar e gente. E, em se tratando de gente, as visitas ao MART estão previstas de acordo com o Plano Museológico no item 2.5 – Programa Educativo e cultural – subprograma de visitas mediadas (p.45) segundo o programa:

A visitação será desenvolvida segundo os seguintes critérios: visitação mediada para escolas ou grupos com agendamento prévio, a fim de se determinar o perfil de público e o planejamento da visita específica ao Museu; visita sem mediação para escolas não agendadas, com a presença de monitor para o esclarecimento de eventuais dúvidas; e, finalmente, visita sem mediação para visitantes/grupos sem agendamento, a ser estruturada segundo a política institucional de visitação do Mart. (Plano Museológico, p.45).

Segundo a técnica responsável pela divisão educativa do museu, seu trabalho tem como prioridade as visitas escolares quando, excepcionalmente, conta com o auxílio de outras divisões. As demais visitas são realizadas com o apoio da recepção, antigos funcionários do museu.

¹⁰Segundo Le Goff (1984), Deve-se distinguir entre arte religiosa e arte sacra. A diferença está fundada não tanto nos caracteres intrínsecos de ambos e na inspiração de cada uma, mas no destino da obra artística. Existem obras de profunda inspiração religiosa e que, não obstante isto, não são destinadas ao culto, e portanto, não devem ser consideradas propriamente como sendo "arte sacra". Em geral, pode-se dizer que é arte religiosa aquela que reflete a vida religiosa do artista. A virtude da religião tende a produzir no homem uma atitude substancialmente interna, de amor, submissão, de fé e esperança e, sobretudo, de adoração a Deus. A arte religiosa deve ter esta mesma finalidade e para que isso ocorra é necessário que a arte - conservando a característica intrínseca - se subordine ao fim da religião. A "arte sacra" é aquela arte religiosa que tem um destino de liturgia, isto é, aquela que se ordena a fomentar a vida litúrgica nos fiéis e que, por isso, não só deve conduzir a uma atitude religiosa genérica, mas há de ser apta a desencadear a atitude religiosa exigida pela Liturgia, ou seja, para o culto divino. Nesta dissertação não proponho aprofundar este assunto por não ser este o objetivo desta pesquisa.

“As visitas mediadas podem incluir alguma atividade educativa, tal como o Mart adaptado; podem também ser parte de uma determinada programação do museu como, como na Primavera dos Museus. Já as visitas guiadas são voltadas para os visitantes espontâneos e são realizadas pela equipe da recepção: os visitantes fazem o seguinte roteiro: nave conventual; jardim; exposição temporária, se houver, durante todo o percurso, o visitante é acompanhado por um servidor habilitado a passar informações sobre o museu”.

Acrescenta que

“Não tem muita experiência em educação já que a sua formação acadêmica é em direito e que por isso não tem uma metodologia definida, mas que procura aprender com textos apresentados pela REM (Rede de Educadores em Museus) e com demais colegas e que pretende estudar pedagogia posteriormente”.

A técnica informa que constituem visitas mediadas à medida que *“interagem com o público formado por alunos e professores a partir de perguntas e respostas de ambos os lados com preocupações mais abrangentes do que passar somente a história do convento/Mart”*. Cita como exemplo *“a técnica de indução como: vocês sabem o que é tombamento?”*. Ainda informa que *“procura tornar as visitas divertidas, para que o museu não se torne monótono a as crianças fiquem avessas. Para que o entendam como local de conhecimento, prazeroso, interativo, e não de coisas velhas, frias e estáticas”*. Utiliza como recursos para essas visitas com professores e escolares: *“vídeos e, em eventos como exposições temporárias, a distribuição de material didático elaborado pela própria divisão e impresso no museu”*. Com relação ao material didático utilizado, a técnica informa que *“procura formas utilizadas por professores, adaptando para perguntas sobre o museu para serem respondidas após a visitação e cruzadinhas e liga pontos porque acredita que as crianças gostam desses joguinhos”*. Informa, também, que a divisão educativa é responsável pelo calendário fixo do museu que inclui a Semana de Museus e a Primavera dos Museus.

O roteiro de visitação segundo, ainda informa a técnica, inicia-se no Adro do Convento, onde se observa a “fachada” do monumento onde, então,

“Se aborda a relação entre o Convento e o MART; quanto tempo tem o convento, comenta-se sobre a portada e a pedra fundamental na construção do antigo convento. Daí, dirige-se para a nave conventual para assistir o vídeo institucional de acordo com o tempo disponível e a idade dos alunos; se forem menores de quinze anos ou para crianças, prefere não passar o vídeo devido à linguagem e, nesse caso, conta-se a história do Convento/MART com uma linguagem mais adequada à faixa etária com perguntas apresentando como ponto de interesse: enterramentos, douramentos e questões religiosas. Se for o caso de serem maiores de quinze anos, após assistirem o vídeo, a fala será breve para não ser repetitivo”



Acervo MART/IBRAM.

O próximo passo é o jardim (antigo claustro do convento) onde *“visita-se a antiga cozinha dos frades dando destaque para remanescentes do piso”*.



Acervo MART/IBRAM

A partir daí, dirigem-se para a sala de exposições temporárias onde se dão *“explicações sobre o acervo”*.



Acervo MART/IBRAM.

E terminam a visita na sala de exposição permanente “onde se dão mais explicações sobre o acervo comentando sobre o material (terracota e madeira), as conversadeiras e os orifícios nas imagens”.



Acervo MART/IBRAM

A técnica ainda informa que, com grupos maiores, podendo ter o auxílio de outro servidor, o grupo pode ser dividido entre as salas de exposição temporária e permanente.

2.3.1 – As Primaveras dos Museus

A Primavera dos Museus constitui um programa de ações do Instituto Brasileiro de Museus – IBRAM que acontece no mês de setembro e tem o propósito de mobilizar os museus brasileiros a partir de um esforço de concentração de suas programações em torno de um mesmo tema. Tem como meta mobilizar os museus a desenvolver atividades especiais como exposições, palestras, oficinas, seminários, ações educativas em torno de um tema específico, tendo como objetivos sensibilizar os museus e a comunidade para o debate sobre temas da atualidade; estimular a visita a museus e incentivar a aproximação entre sociedade e museus.

No período compreendido para o nosso estudo, analisaremos três versões da Primavera dos Museus desenvolvida pelo MART: No ano de 2011, a Quinta Primavera de Museus teve como tema “Mulheres, Museus e Memória” que ocorreu no MART entre os dias 19 e 25 de setembro e contou com as seguintes atividades: “Visita guiada - Irmã Lua: A imaginária feminina no Museu de Arte Religiosa e Tradicional” enfocando as imagens femininas de santas pertencentes ao antigo convento franciscano de Nossa Senhora dos Anjos; Ação educativa Árvore da Vida: constituída de exposição de trabalhos literários e artísticos, já confeccionados por alunos da Escola Municipal Deodoro Azevedo e transposta para o museu. Os trabalhos dos estudantes ficaram expostos na árvore do jardim (antigo claustro) e exposição de iconografia de personalidades femininas nacionais e internacionais também na árvore do antigo claustro; Entrega de jogos educativos elaborados pelo setor de Educação Museal sobre personalidades femininas para os estudantes que visitaram o MART; Apresentação de show musical “Despertar canta as Mulheres” com o Coral Despertar do Clube da Melhor Idade Alegria de Viver, com execução de músicas que falam sobre mulheres e performance do grupo de balé do Projeto Ecleticamente na Dança, também da Escola Municipal Deodoro Azevedo.

A seguir apresentaremos imagens que ilustram os eventos citados:



Visita Guiada a irmã Lua Foto 20.09_52 – acervo MART/IBRAM.

1- Ação educativa: Árvore da Vida



Foto 21.09 (M) _18 - acervo MART/IBRAM.



Foto 21.09(M)_20 - acervo MART/IBRAM



Foto 21.09(T)_82 - acervo MART/IBRAM.

2- Exposição de Iconografia de personalidades femininas.



Foto23.09_32 - acervo MART/IBRAM



Foto 23.09_29 – acervo MART/IBRAM

3- Distribuição de jogos educativos



Foto 21.09(T)_94 - acervo MART/IBRAM

4- Apresentação de Coral



Foto 22.09(T)_73 - acervo MART/IBRAM

5- Apresentação de Grupo de Balé



Foto 21.09(T) _74 - acervo MART/IBRAM

A Sexta edição de Primavera de Museus “A função social dos Museus”, em 2012, ocorreu em apenas um dia. No dia 27 de setembro, devido à situação do MART que, como visto anteriormente, estava passando por obras de restauração. Contou com as seguintes atividades:

Apresentação de esquetes “Causos de Cabo Frio” adaptado do livro Cabofrianças, de Meri Damasceno (memorialista local); apresentação de orquestra de violão, com o Prof. Eden Fernandes e alunos do CRIA (Centro de Referência da Criança e do Adolescente); e dança de salão e tango com os Profs. Fabio e Tatiana, do Projeto Cultural Jardim do Eden.

O público-alvo para essas atividades foram, segundo o relatório de atividades do ano de 2012, adolescentes do Centro de Referência da Criança e do adolescente (CRIA) e alunos do CPED (Centro de Profissionalização para Pessoas com Deficiência), ambos da Secretaria de Assistência Social da Prefeitura Municipal de Cabo Frio e contou com total de 46 participantes.

Fotografias referentes à apresentação de esquetes “Causos de Cabo Frio”.



Foto 169 – acervo MART/IBRAM



Foto 173 – acervo MART/IBRAM

Apresentação de dança de salão e tango



Foto MART.6.primavera – acervo MART/IBRAM.

Apresentação de Orquestra de Violão



Foto MART.6.primavera – acervo MART/IBRAM

Na Sétima Primavera de Museus “Museus, Memória e Cultura Afro – brasileira”, realizada entre os dias 24 e 27 de setembro de 2013, foi organizada pelo museu, em parcerias com outras entidades, a seguinte programação:

Recital de poesias que abordassem o tema “Memória e Cultura Afro-brasileira”, com apresentação do Coral Despertar do Clube da Melhor Idade Alegria de Viver; Inauguração da Exposição de Esculturas “Ciência e Arte” do artista Gilmário Santana, sob a curadoria de José Antônio Mendes (a exposição permaneceu até 24 de novembro); Lançamento do livro “José Gonçalves da Silva à nação Brasileira: o Tráfico Ilegal de Escravos no antigo Cabo Frio” de autoria de Nilma Teixeira Accioli; Apresentação de Jongo com o Grupo GRIOT; Brincadeiras afro-brasileiras com distribuição de material didático para as Escolas previamente agendadas junto à Divisão Educativa e Visita Mediada seguida de apresentação de capoeira, com o Centro Cultural Geribá Capoeira.

A seguir fotografias que ilustram as atividades:

1- Recital de poesias



FOTO 3[1] – acervo MART/IBRAM.

2- Apresentação do Coral



Foto 2[1] – acervo MART/IBRAM

3- Exposição “Ciência e Arte”



Foto 1[1] – acervo MART/IBRAM

4- Apresentação de Jongo



Foto 4[1] – acervo MART/IBRAM

5- Brincadeiras Afro-brasileiras – distribuição de material didático

Onde está?
Encontre nesta página os contornos do Brasil e da África!

Muitas das palavras que usamos em nosso dia-a-dia são de origem africana. Que tal procurar algumas dessas palavras no quadro abaixo?

S	M	O	L	E	Q	U	E	J	J	B	A	G	N	U	S
B	A	R	D	P	I	O	F	S	Q	O	F	Y	E	H	A
T	R	M	L	C	A	M	U	N	D	O	N	G	O	M	P
G	I	F	B	H	M	A	B	J	I	L	M	G	D	J	R
O	M	K	U	A	J	L	A	C	N	C	G	U	O	E	O
E	B	N	M	Q	W	E	P	U	U	A	Z	P	T	N	S
A	O	J	I	L	O	C	H	I	G	N	A	X	L	U	D
F	N	C	N	P	A	C	A	R	A	J	E	W	N	F	A
O	D	R	H	T	U	Z	O	L	F	I	B	V	Z	A	L
R	O	L	O	H	A	D	M	A	C	A	C	O	C	A	
A	X	U	C	S	G	R	Y	O	H	A	K	Q	E	M	Z
F	B	I	A	V	H	A	R	I	E	O	P	A	C	I	N
Y	N	P	M	H	Q	U	I	L	O	M	B	O	X	J	E
K	S	O	D	Z	M	J	U	Q	A	O	T	S	L	P	S
B	A	G	U	N	Ç	A	E	C	M	Z	U	M	B	I	G

Um pouco mais do que você conhece e talvez nem saiba de onde vem

Labirinto (Moçambique)

Os jogadores se posicionam numa das extremidades do labirinto desenhado no chão. Para avançar, deverão vencer alguma disputa como: par ou ímpar; pedra, papel, tesoura; ou mesmo um jogo de adivinhações.

Ajude a menina a chegar no MART!

Programação do MART na 7ª Primavera

24 de Setembro (terça-feira) - 14h30min
Recital de Poesias
Tema: "Museus, Memória e Cultura Afro-brasileira"
Apresentação do Coral
Despertar Clube da Melhor Idade Alegria de Viver
25 de Setembro (quarta-feira) – A partir das 14h
Abertura da exposição, de Gilmar Santana:
"Ciência e Arte"

Lançamento do livro, de Nilma Teixeira Accioli:
"José Gonçalves da Silva à Nação Brasileira: O Tráfico Ilegal de Escravos no Antigo Cabo Frio"

Apresentação de jongo:
Griot – Pesquisa, difusão e memória em tradições brasileiras
26 de Setembro (quinta-feira)
Brincadeiras africanas e afro-brasileiras:
Com distribuição de material didático
14h – Apresentação do Coro Paulo Freire
27 de Setembro (sexta-feira) – A partir das 14h30min
Visita mediada:
Convento de Nossa Senhora dos Anjos
Apresentação de capoeira:
Centro Cultural Geribá Capoeira de Cabo Frio

Apoio:

Realização:

Bibliografia: BOKUNDE JR, Alfredo. *Coletivo História Sociedade & Cidadania: 4ª série e 8ª ano*. São Paulo: Ed. FTD, 2004. BILACI, Patricia Ramos & MOTA, Myriam Bicho. *História Dos Governos do Terceiro Milênio (Volume Único)*. 3ª Ed. SP: Moderna, 2007. Internet: <http://afriportalprofessor.wordpress.com/> <http://www.ancorabir.com.br/revista-esp/brincadeiras-africanas-historia-africana-nas-brincadeiras-de-criancas/>; www.iaabufpa.com.br/publicacoes.html; apostila de jogos africanos e afro-brasileiros: <http://afriportalprofessor.wordpress.com/sugestoes-de-aulas/>; culturanonesta.blogspot.com.br/2008/11/escravos-de-jo-paguen-canga.html; <http://coletivo.org.br/>; <http://mundostreitoabril.com.br/materia/o-que-e-o-canga-que-os-eslavos-de-jo-paguen>; <http://www.com.br/br/2012/05/for-saura-e-os-eslavos-de-jo/>; disciplinas.usf.com.br/disciplinas/cultura-brasileira/vocabulario-brasileiro-culturas-africanas-influenciam-nosso-idioma.html; prosetaeducar.blogspot.com.br/2013/07/brincadeiras-de-origem-africana.html.

VAMOS CONHECER UM POUCO MAIS SOBRE O MART?

Ir ao museu é uma experiência divertida! E pensar que existe um bem perto, em Cabo Frio. Ao visitar o MART você vai conhecer uma casa com mais de 300 anos, toda feita em pedra! É o Convento de Nossa Senhora dos Anjos. Sabia que lá viveram religiosos, os frades franciscanos?

O Convento é tão importante para a nossa história, que o Iphan – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional preservou o monumento do jeito que os frades o fizeram. Ele é considerado patrimônio nacional.

Além de conhecer a arquitetura do local, quem visita o MART também encontrará esculturas, imagens religiosas da época do Brasil colonial. É muito legal para sabermos como viveram as pessoas há muito tempo atrás em nossa região. E também para descobrirmos como elas fizeram tudo o que está preservado hoje, esperando a nossa visita.

Como todo museu, o MART precisa de cuidados especiais. Eles são feitos pelo IBRAM – Instituto Brasileiro de Museus que cuida de vários outros, como o Museu Imperial em Petrópolis e o Museu Nacional de Belas Artes no Rio de Janeiro.

Aproveite sua viagem no tempo!

Resposta: acarajé; banguça; cafuné; canudongo; canjica; chuchu; capoeira; fubô; farofa; jiló; jongo; marimbondo; macaco; minhocã; moleque; quilombo; samba; senzala; suriga; zumbi.



Foto 7[1] – acervo MART/IBRAM

6- Apresentação de Capoeira



Foto 10[1] – acervo MART/IBRAM

7- Visita Mediada

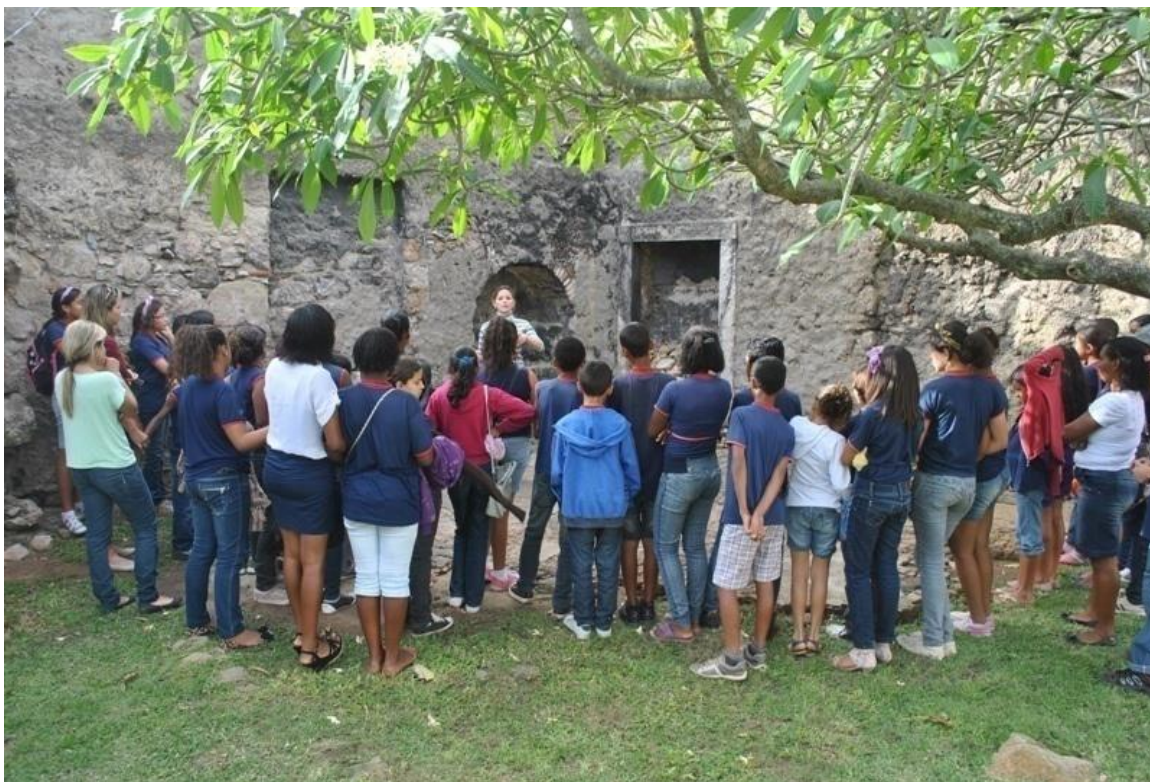


Foto 9[1] – acervo MART/IBRAM

2.3.2 - Sinal Fechado

O ponto final dos ônibus de Cabo Frio e outros municípios próximos, localizado no Largo de Santo Antônio, em frente ao Morro do Guia e do Convento de Nossa Senhora dos Anjos é como em todo local com proximidades entre linhas de transporte público, neste caso ônibus intermunicipais e municipais, local com grande fluxo de pessoas. Em minhas inúmeras visitas ao MART, sempre me intrigava o não olhar das pessoas para o museu. Muita pressa das pessoas não descartava o olhar para o comércio, para a lagoa. Intrigava-me mais ainda o pátio ao lado do museu, ser um estacionamento e o MART ser também invisível aos que ali estacionam seus carros, por ser um local central, próximo ao centro da cidade. Sempre era inundado em um canto da mente pela música do Paulinho da Viola: Sinal Fechado.

Nas entrevistas à equipe do museu, algumas ausências nas respectivas respostas foram sentidas no que tange o papel do MART e seus visitantes. Sempre o

público surge de forma etérea e a museóloga não respondeu ao questionário¹¹ importante para esta dissertação. Sinal fechado.

Abaixo ilustro com fotografias o cenário local que acima descrevi, portanto, o circuito que passa ao largo do Largo de Santo Antônio, endereço do MART.



Foto panorâmica do MART (Acervo pessoal)

¹¹Entrevistas via web onde os profissionais do MART pudessem apontar e destacar seu pensamento sobre a natureza das atividades que desenvolvem no seu cotidiano profissional com destaque para as práticas educativas no museu.



Foto do ponto de ônibus em cabo Frio que fica em frente e ao lado do museu onde todas as linhas finais dos ônibus municipais e intermunicipais fazem seu ponto final e inicial.



População junto ao ponto de ônibus ao lado do museu



Acervo pessoal

Ao fundo o MART (local de enorme fluxo de pessoas e o grande fluxo de ônibus)

A seguir a imagem da exposição Formigas:



Estas são as peças desenvolvidas pelo artista plástico Paulo Luís de Oliveira para a intervenção artística *Formigas*. As 70 formigas afixadas foram confeccionadas pelo artista e sua equipe com matérias-primas típicas da região: coco e palmeira e bambu. Artista plástico há 30 anos, Paulo Luís começou a desenvolver a ideia há um ano e escolheu o tema pelas características de organização e trabalho das formigas.

Se tal é a função da cultura e se o amor pela arte é exatamente a marca da eleição que, à semelhança de uma barreira invisível e intransponível, estabelece a separação entre aqueles que são tocados pela graça e aqueles que não a receberam, compreende-se que, através dos mais insignificantes detalhes de sua morfologia e de sua organização, os museus denunciem sua verdadeira função, que consiste em fortalecer o sentimento, em uns, da filiação, e, nos outros, da exclusão. (BOUDIEU, 2003, p. 129)

Notório é que ações e funções do MART, por vezes incluiu e por mais vezes ainda excluiu, a população da real vocação do MART, que pode de certa forma ser uma saída para a libertar a cidade de Cabo Frio, de continuar sendo uma cidade sitiada pelo mar (por ter em excesso uma vocação turística voltada para os atrativos geográficos). Incluir a cultura, a história que possui no MART neste enredo turístico é um exercício bastante genuíno que ajudaria a entender a relação entre comunidade e museu e a partir disto Cabo Frio ser atravessado pelo mar e ter a arrebentação que é necessária para a ocupação libertária e ampla que cabe ao MART na sociedade cabofriense. Essa

dissertação traz para a academia a possibilidade de discutir a condição de estado de sítio que se encontra o MART, como também acredito estarem as práticas educativas deste museu.

CAPITULO 3:

Arte de guiar o espírito na investigação do MART.

3.1 - O caminho das investigações e alguns apontamentos sobre o MART.

Durante os meses de novembro e dezembro de 2014 e janeiro de 2015 frequentei o MART com o objetivo de fazer um levantamento de dados e informações sobre o fazer museológico da instituição. Sendo muito bem recebido pela direção e equipe de profissionais do museu durante esses três meses tive amplo acesso a todas as informações e documentação solicitada. O primeiro material que tive em mãos foi o Plano Museológico do MART e os Livros de registro de eventos do MART, de registro de visitantes¹² e o Livro de depoimentos além dos relatórios de atividades desenvolvidas pelas áreas técnicas do museu. Durante o levantamento dessa documentação estive sempre acompanhado pelos profissionais responsáveis que me apresentaram suas experiências nas atividades presentes nos documentos. Além disso, enviei via e-mail questionário¹³ onde estes pudessem narrar suas experiências no museu com relação à educação.

Através da análise dessa documentação pude então apurar o trabalho que foi desenvolvido pelos profissionais da instituição no decorrer do período delimitado para estudo compreendido entre os anos de 2011 e 2013. Chamou-me atenção alguns trabalhos desenvolvidos no decorrer do ano de 2012 como o processo de elaboração do Plano Museológico da instituição bem como de seu regimento interno e a realização de uma pesquisa de público e no ano de 2013 a elaboração de inventário dos acervos museológico, arquivístico e bibliográfico e a realização de encontros para elaboração de um Projeto Político Pedagógico da instituição. O MART ainda não conta com tal projeto apesar de existir um relatório desses encontros.

Durante ano de 2011 o MART funcionou normalmente desenvolvendo suas atividades integralmente, pois não passava por nenhuma restrição. No decorrer do ano de 2012 devido a uma pane elétrica com princípio de incêndio o MART ficou interditado de 28 de janeiro a 02 de outubro desenvolvendo suas atividades no adro e jardim (antigo claustro do convento) e a partir da reabertura com visitação realizada somente na nave conventual e antigo claustro. A partir de 2013 devido a interdição da sala Edgar Jacintho (espaço de exposição permanente), em função da falta de energia elétrica, apenas a nave da Igreja Conventual – onde se encontram os retábulos principal (com imagens de Nossa Senhora dos Anjos e São José de Botas) e laterais (com imagens de São Francisco de Assis e Santo Antônio), o conjunto escultórico Verônicas, e as imagens de

¹² Em anexo.

¹³ As entrevistas via web estão em anexo.

roca (São Luís de Toulouse, São Benedito, Santa Isabel e Santa Rosa de Viterbo), jardim (antigo claustro) e sala de exposição temporária estiveram abertos à visita pública.

Nessa pesquisa optamos pela análise do registro de visitação do MART referente ao período delimitado para estudo que possibilitou a elaboração de algumas inferências relacionadas à performance do Museu com a comunidade; Também realizamos uma análise do trabalho de organização e realização de visitas a exposição permanente “Imagens de Fé e História” e das atividades desenvolvidas pelo museu durante as versões da “Primavera dos Museus” que fazem parte do calendário fixo do MART utilizando também registros fotográficos que ilustram as mesmas. A Primavera dos Museus é uma das atividades destacadas pela divisão educativa do museu e constitui um programa de ações do Instituto Brasileiro de Museus – IBRAM que acontece no mês de setembro e tem o propósito de mobilizar os museus brasileiros a partir de um esforço de concentração de suas programações em torno de um mesmo tema. Tem como meta mobilizar os museus a desenvolver atividades especiais como exposições, palestras, oficinas, seminários, ações educativas em torno de um tema específico tendo como objetivos sensibilizar os museus e a comunidade para o debate sobre temas da atualidade; estimular a visitação a museus e incentivar a aproximação entre sociedade e museus.

3.2 - Sob a companhia dos anjos

Anjo segundo a tradição judaico-cristã, a mais divulgada no ocidente, conforme relatos bíblicos são criaturas espirituais, conselhos de Deus, logo as fases metodológicas desta pesquisa contemplam, basicamente, a observação, a descrição, a análise, a interpretação e a síntese dos resultados próprios a um estudo de caráter científico, mas impregnados da aura mística que possui o MART. Em cada fase do estudo desenvolveram-se operações de combinação e o emprego de um conjunto de métodos e técnicas, tais como: pesquisa bibliográfica, documental, entrevistas, etc. a partir da análise crítica do discurso fundamentada em um estudo de caso¹⁴ que se materializa juntamente na sua atmosfera imaterial que envolve e produz admiração do público que visita o Museu de Arte Religiosa e Tradicional de Cabo Frio MART e que se mistura a uma espécie de aura de santidade que influencia de forma leve, mas não menos importante as análises propostas.

¹⁴Yin (2010), “um fenômeno contemporâneo em profundidade e ao seu contexto de vida real, especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto não são claramente evidentes. ”

Estudo de caso como referencia Stake (2007), é aqui relevante na medida em que

“O verdadeiro objectivo do estudo de caso é a particularização, não a generalização. Pegamos num caso particular e ficamos a conhecê-lo bem, numa primeira fase não por aquilo em que difere dos outros, mas pelo que é pelo que faz. A ênfase é colocada na singularidade e isso implica o conhecimento de outros casos diferentes, mas a primeira ênfase é posta na compreensão do próprio caso”. (Stake, 2007, p.24).

Para a realização da pesquisa, conforme já se anuncia, optou-se por uma abordagem qualitativa, porque, sendo ela interpretativa e subjetiva, responde melhor às questões sobre os processos museológicos e educativos. Além disso, a pesquisa qualitativa não se preocupa diretamente com a generalização dos fatos estudados e nem com a representatividade estatística da amostragem, fatores não prioritários quando se faz análise de concepções de um dado grupo, muito embora alguma quantificação se torne necessária. André e Ludke (1986) ressaltam ainda que na pesquisa qualitativa “os pesquisadores não se preocupam em buscar evidências que comprovem hipóteses definidas antes do início dos estudos. As abstrações se formam ou se consolidam basicamente a partir da inspeção dos dados num processo de baixo para cima”. (ANDRÉ e LUDKE, 1986, p.13).

Segundo Bogdan e Biklen (1994), o significado tem importância vital na pesquisa qualitativa. O significado que as pessoas dão as coisas e à sua vida é a preocupação essencial na abordagem qualitativa. Este tipo de abordagem destaca-se no mundo dos significados das ações e das relações sociais presentes nesta pesquisa e que não se carregam em números, médias e estatísticas. Chizzotti (2000, p.78) contribui afirmando que: “[...] a complexidade e as contradições de fenômenos singulares, a imprevisibilidade e a originalidade são criadoras das relações interpessoais e sociais” possibilitando, pois, o enriquecimento deste tipo de pesquisa em nosso trabalho.

Bogdan e Biklen (1994) destacam cinco características da investigação qualitativa: a fonte direta de dados é o ambiente natural e o investigador é o instrumento principal de coleta de dados; os dados recolhidos são descritivos; o interesse do investigador centra-se, sobretudo, nos processos; a análise dos dados é feita pelo investigador de uma forma indutiva; o investigador interessa-se por compreender o significado que os participantes atribuem às suas experiências. Características que, apesar de poderem não estar presentes de igual modo no estudo, determinaram em grande medida nosso tipo de investigação.

Compreendendo que a maior preocupação não é com o produto, mas sim com o processo do trabalho de pesquisa, porque a qualidade está acima da quantidade de uma amostragem, utilizando como principais instrumentos: entrevista informal, entrevista via web e análise documental capazes de identificar os profissionais e investigar as suas concepções relativas às suas atividades educativas.

Quanto aos meios, foram utilizados os procedimentos técnicos de pesquisa bibliográfica, documental que serviram ao estudo de caso em questão e que segundo destaca Bogdan (1994), deve “[...] a agenda de um investigador desenvolver-se a partir de várias fontes [...]” reforçando Cervo e Bervian (2002, p.48) [...] qualquer espécie de pesquisa, em qualquer área, supõe e exige uma pesquisa bibliográfica, prévia, quer para o levantamento da situação em questão, quer para fundamentação teórica ou ainda para justificar os limites e contribuições da própria pesquisa.

Nesse sentido, iniciamos o processo de revisão de literatura por meio de uma pesquisa bibliográfica sobre as informações e contribuições de diversos autores acerca da dimensão educativa dos Museus.

Em relação à entrevista entendemos como André e Ludke (1986), que a vantagem da mesma sobre outras técnicas é que ela permite a captação imediata e corrente da informação desejada, praticamente com qualquer tipo de informante e sobre os mais variados tópicos. Uma entrevista bem feita pode permitir o tratamento de assuntos de natureza estritamente pessoal e íntima, assim como temas de natureza complexa e de escolhas nitidamente pessoais.

Como se realiza cada vez de maneira exclusiva, seja com indivíduos ou com grupos, a entrevista permite correções, esclarecimentos e adaptações que a tornam sobremaneira eficaz na obtenção das informações desejadas. Enquanto outros instrumentos têm seu destino selado no momento em que saem das mãos do pesquisador que o elaborou, a entrevista ganha vida ao se iniciar o diálogo entre o entrevistador e o entrevistado. (ANDRÉ e LUDKE, 1986, p.34).

Estas entrevistas tiveram caráter informal e foram realizadas no contato permanente com os profissionais do MART durante os períodos de novembro/dezembro de 2014 e janeiro de 2015. Foi também elaborado um conjunto de questões orientadoras e instrumentais à coleta de informações complementares às entrevistas informais. Interessaram-nos as percepções e concepções de museus e da educação em museus que se fazem presentes nas enunciações dos seguintes profissionais: museólogo, técnico em assuntos educacionais e técnico em assuntos culturais, na medida em que estes profissionais são os responsáveis por todas as ações educativas. Estes procedimentos permitiram observar, ainda que brevemente, em que medida os

instrumentos institucionais como a Política Nacional de Museus, o Estatuto Nacional de Museus influenciou nas práticas profissionais a fim de possibilitar aos museus/discursos efetivos de comunicação e cidadania.

Os documentos, no caso dessa proposta, os registros e relatórios das ações desenvolvidas pelos profissionais do MART, constituem também uma fonte de onde foram retiradas evidências que fundamentaram afirmações e declarações dos envolvidos. Representaram ainda uma fonte historicamente de informação, na medida em que surgem num determinado contexto e fornecem informações sobre esse mesmo contexto.

Considerando ainda que André e Ludke (1986) admite a análise documental como indicativa de problemas efetivam-se as análises através de outras técnicas complementares a ela, compreendermos como afirmam estes autores: Quando o interesse do pesquisador é estudar o problema a partir da própria expressão dos indivíduos (...) incluem-se todas as formas de produção do sujeito em forma escrita, como redações, dissertações, testes projetivos, diários pessoais, cartas e etc. (ANDRÉ e LUDKE, 1986, p.39).

A partir deste escopo a teoria que norteou a interpretação e análise dos dados coletados acerca da compreensão dos profissionais sobre a relação museologia, museu, educação, foi a Análise Crítica do Discurso conforme apresentada pelo teórico Normam Fairclough, que destacamos abaixo de modo a melhor compreender o que realizamos a seguir.

Fairclough (2001), apresenta a análise do discurso num quadro tridimensional: como texto, como prática discursiva e como prática social e no caso desse estudo consideramos como adequada por ser uma abordagem para a investigação da mudança discursiva em sua relação com a mudança social.

Ao utilizar o termo discurso, Fairclough considera o uso da linguagem como forma de prática social apresentando o discurso como um modo de ação e como um modo de representação e a relação dialética entre o discurso e a estrutura social considerando, assim, que se por um lado é moldado e restringido, por outro é constitutivo. A escolha deste modo de análise nos coloca exatamente dentro desta perspectiva na medida em que tomo por referência o lugar de onde falo – como educador, professor de história e conhecedor dos modos de viver das pessoas locais.

Para Fairclough (2001), “os efeitos construtivos do discurso se apresentam, 1º como construção de identidades sociais e posições do sujeito; 2º contribui para construir

relações sociais entre as pessoas e 3º contribui para a construção de sistemas de conhecimento e crença”.

A prática discursiva seria constitutiva, portanto de maneira convencional como criativa: contribuindo para reproduzir a sociedade como é, mas também contribuindo para transformá-la.

A importância de considerar a relação entre discurso e estrutura social como dialética para evitar erros de ênfase indevida de um lado, na determinação social do discurso e de outro, na construção social do discurso. No primeiro caso o discurso é um mero reflexo de uma realidade social mais profunda, na segunda, o discurso é representado idealizadamente como fonte do social. (Fairclough, 2001, p.42).

Segundo a teoria da Análise Crítica do Discurso a parte do procedimento que trata da análise textual é denominada ‘descrição’ e as partes da prática social da qual o discurso faz parte, de ‘interpretação’. Busca-se, portanto, procurar entender como esses profissionais, ao mesmo tempo, compreendem e ajudam a construir uma prática profissional voltada para a educação, a partir de suas respectivas referências e experiências pessoais.

A perspectiva dessa leitura ou desse entendimento se aproxima de uma tradição nas pesquisas sobre a educação e o trabalho educativo, segundo a qual é o processo pelo qual tudo que é informado pelos sentidos é mudado em uma experiência de consciência, em um fenômeno que consiste em se estar consciente de algo. Como Tardif nos coloca:

O profissional não é simplesmente um espírito que processa informações, um gestor de comportamentos ou um profissional que toma decisões: é, acima de tudo, toda uma pessoa que aborda os problemas e as situações cotidianas através de suas expectativas, de seus valores, de suas crenças, de suas emoções e de suas próprias perspectivas. (TARDIF, 2005, p.31).

É consensual, hoje, no campo e até fora dele que existe uma dimensão educativa intrínseca aos museus. No entanto do que estamos a tratar quando nos referimos à educação no museu? Gosto de fazer um paralelo com a terminologia museologia social, porquê a adjetivação se toda a museologia é social? Acreditamos que as mudanças conceituais que ocorreram na museologia a partir dos anos de 1970, a nova museologia, com destaque para a função social dos museus estão no cerne da relevância que o tema educação em museus adquiriu na contemporaneidade. Com esse intuito é que neste capítulo faremos algumas considerações procurando tecer relações entre a

museologia e a educação a partir de conceitos chaves como musealização e musealidade, educação em museus bem como as denominadas Pedagogias Culturais.

3.3 - Entre o espiritual e temporal, entre o sagrado e o profano - entre Deus e o homem.¹⁵

O papel do cristianismo na civilização ocidental tem sido estreitamente interligado com a formação da história e da sociedade ocidental. Através de sua longa história, a igreja tem sido uma fonte importante de serviços sociais como a educação, visto que várias universidades do mundo foram fundadas pela Igreja. Há diversas maneiras de se pensar como se dá a relação entre religião e ciência. A história da humanidade mostra que as visões acerca da natureza da ciência e da natureza da religião mudaram com o tempo, de acordo com as concepções filosóficas e contextos políticos, sociais, econômicos. O MART como vimos na introdução passou pelas transformações inerentes a uma instituição religiosa que passa a ter o papel de um museu e, desta forma, tentar se adequar aos novos conceitos e construções humanas, que variam com o tempo. Tendo o MART a função de museu é inerente que conceitos religiosos, educacionais e da cultura da sociedade cabofriense se intercalem e se misturem a concepções distintas sobre o conhecimento científico e as práticas museológicas. Começamos inicialmente com a série de ações cujo objetivo é garantir a integridade e a perenidade de algo; defesa, salvaguarda, conservação e preservação que trará ao cabo as demais questões museológicas e intelectuais que discutem as questões propostas neste capítulo.

Tradicionalmente e em sentido amplo, a preservação inclui o conjunto de ações voltadas para a manutenção de um determinado bem cultural, desde os instrumentos legais que o protegem até os mecanismos e as intervenções que colaboram para sua integridade, passando pelas ações de documentação, destinadas ao registro e à transferência de informações. Helena Ferrez (1994) destaca a extensão do conceito de preservação, que ultrapassa a conservação física. Para a autora, “a função básica de preservar, *lato senso*, engloba as de coletar, adquirir, armazenar, conservar e restaurar aquelas evidências, bem como a de documentá-las”.

Como estratégia de preservação, a musealização aponta, assim, para essas duas direções, objetivando não apenas garantir a integridade física de uma seleção de

¹⁵ Este subtítulo é extraído do “*Dicionário Temático do Ocidente Medieval*”, em colaboração de direcção com Jean-Claude Schmitt, 2001.

objetos, mas também promover ações de pesquisa e documentação voltadas à produção, registro e disseminação das informações a eles relacionadas, com vistas à transmissão a gerações futuras.

Waldisa Rússio (1984), defende a musealização como “uma das formas de preservação”, vê o museu como um “cenário institucionalizado”, ressaltando que o ato de separar objetos e transferi-los para o museu reflete a compreensão de que estes “são testemunhos, são documentos e têm fidelidade”.

Para Rússio, os documentos são considerados testemunhos fidedignos do homem e do meio ambiente. Assim a autora abre espaço para operar com "o ambiente físico natural", com o "ambiente físico alterado pelo homem", com as "criações do seu espírito, todo o seu ideário, seu imaginário", as suas intervenções, atuações e percepções. (1984, p.61) "A paisagem percebida pelo homem - segundo a autora - é para o museólogo também um dado cultural". Esse pensamento informa o seu conceito de cultura:

Então para o museólogo, cultura é essencialmente fazer e viver, ou seja, cultura é o resultado do trabalho do homem, seja ele um trabalho intelectual, seja ele um trabalho intelectual refletido materialmente na construção concreta. (RÚSSIO, 1984, p.61)

Essa linha argumentativa está na base da conceituação de bem cultural e de patrimônio cultural. O patrimônio cultural para Rússio não se separa de natureza, uma vez que ela própria é construção humana, e não pode ser descrito apenas como um conjunto de bens culturais. É preciso dizer também que o patrimônio cultural se constitui a partir da atribuição de valores, funções e significados aos elementos que o compõem. O reconhecimento de que o patrimônio cultural não é um dado, mas uma construção que resulta de um processo de atribuição de significados e sentidos permite avançar em direção à sua dimensão política, econômica e social; permite compreendê-lo como espaço de disputa, como campo discursivo sujeito aos mais diferentes usos e submetido aos mais diferentes interesses.

Para Rússio, trabalho é cultura, "é ação transformadora do homem sobre a natureza, sobre si próprio e sobre as relações entre os homens"; o trabalho gera bens a que se atribuem valores e significados, esses bens conformam o patrimônio cultural; o patrimônio pode ser criado, preservado e destruído. Para Rússio a ação preservacionista no campo dos patrimônios contribui para a constituição de identidades culturais, o que está articulado com "uma questão muito séria que é a questão de soberania e de autodeterminação" (1984, p.62).

Chagas (2006), argumenta, dialogando com Rússio, que do ponto de vista museológico, preservar testemunhos materiais não é sinônimo de preservar memória.

“A memória não está aprisionada nas coisas aguardando um herói libertador”, ela situa-se na relação entre o sujeito e o objeto de memorização. Segundo o autor, fidedignidade, fidelidade e autenticidade são valores atribuídos e não são critérios acima de quaisquer suspeitas na orientação de ações museais.

O que está em pauta em muitos museus não é o caráter fidedigno e autêntico dos objetos em exposição, não é uma possível verdade incorporada à coisa, mas a possibilidade de comunicação de idéias, sentimentos, sensações e intuições. Importa saber, segundo penso, que a preservação de representações de memória é apenas uma das funções museais e sequer se pode garantir que seja a principal ou mais importante (CHAGAS, 2006, p. 16).

Marília Cury (1999) considera que “a musealização é valorização de objetos”, e que esta se dá em diferentes momentos de um processo que tem início com a seleção de um objeto para integrar uma coleção, etapa em que ocorreria uma “ação consciente de preservação”. O termo musealização nomeia, assim, “uma série de ações sobre os objetos, quais sejam: aquisição, pesquisa, conservação, documentação e comunicação” (Cury, 2005, p. 26).

Desvallées e Mairesse (2010) definem musealização como “a operação destinada a extrair, física e conceitualmente, uma coisa de seu meio natural ou cultural de origem e a lhe dar um estatuto museal, transformá-lo em *musealium* ou museália, (...) fazê-la entrar no campo do museal”. Tal processo, segundo esses autores, não se resume a transferir um objeto para o museu, mas pressupõe uma mudança de contexto por meio da qual se opera uma transformação no estatuto do objeto que, “de objeto de culto, objeto utilitário ou de encantamento, animal ou vegetal” torna-se “testemunho material e imaterial do homem e seu ambiente, fonte de estudo e exposição, adquirindo assim uma realidade cultural específica”. O “objeto portador de informação” ou “objeto-documento” estaria, para os autores, “no cerne da atividade científica do museu tal como se desenvolve a partir do Renascimento, a qual visa explorar a realidade por meio da percepção sensível, através da experiência e estudo de seus fragmentos”. (Desvallées e Mairesse, 2010, p. 48-50)

A musealização é vista simultaneamente como estratégia de preservação e como processo informacional (LOUREIRO, 2011). Trata-se de um processo integrado por um conjunto de práticas voltadas a uma forma específica de preservação que, em sua feição clássica, tem no museu seu caso exemplar.

Segundo Meneses (1992), “o eixo da musealização é a transformação do objeto em documento”. A musealização, para o autor, introduz “referências a outros espaços, tempos e significados”.

Ao abordar a etimologia da palavra objeto, Stocking ressalta suas sete dimensões: ... as três primeiras dimensões relacionam-se com a materialidade; a quarta com o tempo ou a história; a quinta dimensão refere-se à constituição da instituição museu - são as relações de poder envolvidas no processo de expropriação de objetos de seu contexto e a sua conseqüente reapropriação pelo outro em um contexto completamente diferente -; a sexta dimensão é a riqueza - os objetos passam a ter um valor monetário depois de identificados como objetos culturais; e uma última dimensão é a estética, resultado da relativização dos padrões estéticos ocidentais e do processo de recontextualização dos itens da cultura material (STOCKING apud GRANATO et al, 2007, p. 7).

Para abordar o objeto musealizado como documento, como informa Loureiro (2011), torna-se necessário mencionar o alargamento deste conceito pela Escola dos Annales na década de 1920. Se, para os historiadores vinculados à Escola Positivista, o documento era sinônimo de testemunho escrito, para Febvre (apud LE GOFF, 1984, p. 98) a História deveria ser feita com “tudo o que, pertencendo ao homem, depende do homem, serve o homem, exprime o homem, demonstra a presença, a atividade, os gostos e a maneira de ser do homem”. No âmbito da Documentação, a noção de documento sofre também um alargamento conceitual. Na década de 1930, o documentalista belga Paul Otlet propôs que a noção fosse aplicada a tudo quanto fosse passível “de guarda e preservação, pois representante de alguma ação humana ou de algum detalhe da natureza” (LIMA, 2008).

Toda ação musealizante implica, ainda, na existência de uma lógica seletiva que define o que será preservado e o que será condenado à extinção. Objetos de museu distinguem-se “pelo valor cultural que lhes é agregado, o que equivale a valorizar o ato da seleção como o responsável por transformar uma parte do mundo em objeto de museu” (LOUREIRO, 2011).

Para Van Mensch (1992), os objetos são portadores de dados. O autor não apenas enfatiza o ato de seleção como também a separação do contexto original que caracteriza o processo de musealização. Segundo Van Mensch, objetos de museu são objetos separados de seu contexto original (primário) e transferidos para uma nova realidade (o museu) a fim de documentar a realidade da qual foram separados. Um objeto de museu não é só um objeto em um museu. Ele é um objeto coletado (selecionado), classificado, conservado e documentado. Como tal, ele se torna fonte para a pesquisa ou elemento de uma exposição. (VAN MENSCH, 1992).

Ao analisar as relações entre Patrimônio Cultural e Musealização, Chagas (2009), considera que “só se preserva aquilo que está investido de algum poder de mediação” (p. 219). Segundo o autor

O que sublinho é a precedência nem sempre nítida, do poder de mediação sobre o anelo preservacionista, particularmente naquilo que se refere ao universo dos museus. Por esse prisma, a principal característica da *imaginação museal* não seria a preservação, como se poderia supor quando o entendimento se deixa engabelar pelos véus da ilusão, mas sim a possibilidade de articulação de uma determinada narrativa por intermédio das coisas, levando em conta as injunções históricas, políticas e sociais envolventes. Essa determinada narrativa pode ser acionada não só por meio de objetos herdados de um passado qualquer, mas também por objetos novos e construídos especificamente com o objetivo de dar corpo a um processo de comunicação (CHAGAS, 2009, p.219).

A musealização consiste, como informa Loureiro (2011), em um conjunto de processos seletivos de caráter info-comunicacional baseados na agregação de valores a coisas de diferentes naturezas às quais é atribuída a função de documento, e que por esse motivo tornam-se objeto de preservação e comunicação. Tais processos, que têm no museu seu caso privilegiado, exprimem na prática a crença na possibilidade de constituição de uma síntese a partir da seleção, ordenação e classificação de elementos que, reunidos em um sistema coerente, representarão uma realidade necessariamente maior e mais complexa. (LOUREIRO, 2011, p. 2-3).

Concebido por artistas e artífices entre os séculos XVII e XIX o antigo convento de Nossa Senhora dos Anjos e a imaginária que constitui o acervo do MART foram utilizados como objetos de culto e de fé. Atualmente, alguns exemplares sobrevivem ainda como objetos musealizados, tendo adquirido uma nova função, a de documento que se encontra sob a guarda do MART. De modo diferente de atas, relatórios, ofícios e outras fontes documentais textuais, tais objetos tornam-se representativos de uma categoria especial de documento, uma vez que não foram criados com a intenção de documentar: a função documento foi adquirida ao ser musealizado. E exprime o pensamento imaterial e os sentimentos religiosos e como são referenciados os objetos devocionais numa apresentação museológica. Para isso, circunscrevemos a abordagem à realidade que nos é mais próxima, focalizando a musealização de objetos do culto católico em contexto. A metodologia de investigação pressupõe a pesquisa histórica e o estudo de caso, baseados nos métodos de análise da história e da sociologia e da arte, numa abordagem interdisciplinar que analise o tema sob os vários aspectos da arte, história, museologia e estudos religiosos. Na museologia da arte religiosa, distingue-se a seguinte tipologia: museus e tesouros de iniciativa e tutela eclesiástica; museus de arte com coleções de objetos religiosos; museus de religião sem tutela eclesiástica. O MART se enquadra na tipologia museu de Arte com coleções e objetos religiosos e mais um museu tradicional clássico.

O MART preocupa-se com a exposição dos dados imateriais e a recontextualização do objeto em relação à anterior função sagrada, começando a considerar tanto o contexto, a função e o significado quanto os seus aspectos materiais, formais e históricos. A arquitetura e o equipamento museográfico constituem a primeira estratégia para anunciar o significado do objeto, mas é a documentação textual que o apresenta ao visitante da exposição. O objeto prevalece, pelo que o espaço envolvente se apresenta neutro e a informação é sintética e sutil na proximidade da exposição, tornando-se mais profusa à medida que se afasta do percurso, acompanhando o visitante no museu. O estudo do objeto religioso encontra aqui uma vantagem crescente, ao permitir a sua apropriação na área de investigação sistemática que tem, como base, uma estrutura multidisciplinar.

Abordamos a musealização como estratégia de preservação que, em sentido amplo, ultrapassa as ações destinadas à manutenção da integridade física de um objeto e inclui as atividades de registro, preservação e disseminação de informações para a sociedade em geral, incluindo as gerações futuras. Deve ser ressaltado o caráter seletivo do processo de musealização, o que lhe confere a condição de “ação consciente de preservação” (cf. CURY, 1999). Trata-se de uma ação que envolve escolhas: decidimos ao mesmo tempo o que preservar e o que não preservar, uma vez que musealizar implica em atribuir valores.

3.4 – Um laboratório no MART: as Pedagogias Culturais como instrumento essencial para o entendimento deste museu.

O conceito de Pedagogias Culturais advém de estudos desenvolvidos no âmbito dos Estudos Culturais. Segundo Nelson, Treichler & Grossberg (1992), uma série de esforços para definir e delinear o projeto dos estudos culturais ajuda a mapear a diversidade de posições e tradições que podem legitimamente reivindicar seu nome.

Conservando esses esforços em mente, podemos começar dizendo que os Estudos Culturais constituem um campo interdisciplinar, transdisciplinar e algumas vezes contra-disciplinar que atua na tensão entre suas tendências para abranger tanto uma concepção ampla, antropológica, de cultura, quanto uma concepção estreitamente humanística de cultura. Diferentemente da antropologia tradicional, entretanto, eles se desenvolveram a partir de análises das sociedades industriais modernas. Eles são tipicamente interpretativos e avaliativos em suas metodologias, mas diferentemente do humanismo tradicional, eles rejeitam a equação exclusiva de cultura com alta cultura e argumentam que todas as formas de produção cultural precisam ser estudadas em relação a outras práticas culturais e às estruturas sociais e históricas. Os Estudos Culturais estão, assim, comprometidos com o estudo de todas as

artes, crenças, instituições e práticas comunicativas de uma sociedade. (Nelson, Treichler & Grossberg, 1992, p.13).

Assim, segundo os autores citados, o impulso que motiva todas as tradições de Estudos Culturais seria identificar e articular as relações entre cultura e sociedade. A argumentação que apresentam é que “a ordem social constrange e oprime as pessoas, mas ao mesmo tempo lhes oferece recursos para lidar contra aqueles constrangimentos” (p.14). Nas tradições dos Estudos Culturais a cultura é entendida “tanto como uma forma de vida – compreendendo ideias, atitudes, linguagens, praticas, instituições e estruturas de poder – quanto toda uma gama de práticas culturais: formas, textos, cânones, arquitetura, mercadorias produzidas em massa, e assim por diante” (p.16).

Podemos perceber, então, que as diferentes tradições de Estudos Culturais se desenvolveram a partir de esforços para compreender os processos que moldaram a sociedade e a cultura modernas como a industrialização, modernização, urbanização, o surgimento da comunicação de massa bem como o colapso dos impérios colonialistas ocidentais, a criação de uma economia global e a disseminação mundial da cultura de massa, a emergência de novas formas de migração, do nacionalismo e das hostilidades raciais e religiosas entre outras. Portanto, uma preocupação contínua nos Estudos Culturais seria a noção de transformação social, de cultura radical e de como estudá-la.

Considerando as questões apresentadas, terminaremos essa breve apresentação dos Estudos Culturais com uma de suas características, que consideramos fundamental

Em virtualmente todas as tradições de Estudos Culturais, seus praticantes vêem os Estudos Culturais não simplesmente como uma crônica de mudança cultural, mas como uma intervenção nessa mudança e vêem a si próprios não simplesmente como *scholars* fornecendo um relato, mas como participantes politicamente engajados (Nelson, Treichler & Grossberg, 1992, p.23).

A partir das questões expostas abordaremos mais especificamente as dimensões teóricas centrais da pedagogia, vista como uma política cultural e como uma pratica cultural. Segundo informa Giroux (1995), existe uma luta constante em torno do próprio significado e propósito desta pedagogia considerando que o seu conceito deve ser usado com muita cautela pois

Além de existirem diferentes versões do que constitui pedagogia, não existe nenhuma definição genérica que possa ser aplicada ao termo. Por exemplo, tanto no discurso conservador quanto no progressista, a

pedagogia é frequentemente tratada como um conjunto de estratégias e habilidades a serem empregadas para ensinar conteúdos pré-especificados. Neste contexto, a pedagogia torna-se sinônimo de ensino, visto como uma técnica ou como a prática de uma habilidade artesanal. Qualquer noção viável de pedagogia crítica deve rejeitar esse tipo de definição, mesmo quando ela é apresentada como parte de um discurso ou projeto crítico. (Giroux, 1995, p.138).

Para Giroux (1995), a pedagogia, em seu sentido mais crítico, ilumina a relação entre conhecimento, autoridade e poder.

Ela chama a atenção para questões que dizem respeito a quem tem o controle sobre as condições para a produção do conhecimento. Ela também descreve a forma como o poder está implicado nos vários processos pelos quais o conhecimento, a identidade e a autoridade são construídos no interior de conjuntos particulares de relações sociais. (GIROUX, 1995, p.154).

A expressão “pedagogias culturais” pode ser atribuída como informa Costa (2009), a Henry Giroux entre outros para designar produções da cultura e o seu efeito educativo. Segundo a autora

Embora este seja um conceito tautológico; uma vez que todas as pedagogias são indiscutivelmente culturais, ele tem sido uma designação útil para distinguir as pedagogias praticadas para além da escola (COSTA, 2009, p.19).

Como informa Costa (2009), podem ser consideradas áreas pedagógicas todos os locais onde o poder é organizado e difundido.

Assim, quando artefatos culturais estão implicados tanto nas formas pelas quais as pessoas passam a entender a si e ao mundo que as cerca quanto nas escolhas que fazem e nas maneiras como organizam suas vidas, pedagogias estão sendo praticadas. Jornais, televisão, peças publicitárias, livros, filmes revistas e muitos outros artefatos... bem como os próprios espaços urbanos e a vida nas cidades são analisados como espaços voltados para a formação de sujeitos, como pedagogias culturais (COSTA, 2009, p.20).

Nesse sentido a educação é concebida como um processo aberto, amplo e multifacetado que contempla as variadas formas como educamos e somos educados, como nos tornamos sujeitos de certo tipo em meio às pedagogias da cultura e de nosso tempo.

Entendemos, a partir das questões expostas, que o processo de musealização traz implícito uma informação educativa e que a educação em museus nesse sentido pode ser entendida como uma pedagogia cultural. Coloca-se a possibilidade de papel

social que o museu pode desempenhar, refletindo a razão das pessoas frequentarem estes espaços e percebendo a estrutura de trabalho que predispõe os museus.

Educar utilizando o museu como um local de potencialidades educativas e culturais tornou-se um desafio pelas mudanças que ocorrerem o tempo todo e em qualquer lugar, portanto na educação em museus não poderia ser diferente, por isso repensar as práticas educativas em museus é mais que necessário para todos. Nada é e será igual por isso a pedagogia cultural encara as mudanças de identidade, relações, idéias, linguagens, mestiçagem como algo que faz parte da prática educativa e não mais seguir o currículo sem levar em consideração tudo isso.

Diferente da pedagogia tradicional a pedagogia cultural vai além dos espaços escolares abrangendo todos os espaços sociais em que saberes são constituídos, relações de poder são vividas, experiências são interpretadas, verdades são disputadas.

Cabe aos profissionais de museus a partir da compreensão do conceito de pedagogia cultural analisar diferenciar e multiplicar conhecimento caracterizando-a como uma prática que questiona para compreender de que modo o funcionamento do poder o estabelecimento de privilégios e a sua constituição determinam a vida de uma sociedade e de seus membros. Emergindo das necessidades dos grupos que elegem o museu como local de poder e conhecimento a pedagogia cultural demanda que nos tornemos muito menos escolares e muito mais culturais permitindo-nos sermos críticos analistas e artistas-culturais.

Pensar pedagogicamente o museu significa considerar que eles, os museus, tem sido, por muito tempo, um dos locais nos quais vários grupos têm tentado constituir noções de autoridade cultural e regular a forma como as pessoas compreendem a si próprias, suas relações com as outras e seus ambientes sociais e físicos comuns.

O que está, então, em questão é a forma como responder as questões carregadas de valores como: a quais propósitos os museus devem servir? Qual conhecimento é mais válido? Quem deve ter acesso a quais formas de conhecimento? O que significa conhecer algo?

Entendemos que isso significa que qualquer construção de uma pedagogia da possibilidade nos museus que assuma seu caráter de insurgência deve ser seriamente capaz de compreender como essa prática se insere em uma tradição discursiva que podemos chamar de política cultural.

3.5 - Acerca das relações entre Educação, Pedagogia Cultural e Museu.

Apresentar as questões relacionadas à diversidade cultural, entrelaçada a educação e por fim o papel da escola e do professor nessa relação envolvendo os conceitos museológicos, suas conceituações educativas e sua intervenção prática continua sendo defendida por muitos autores, entre eles destacamos, Reis (2014); Santos (2010) e Cury (2014) que norteiam este trabalho nos mais diversos textos e contextos. Textos estes que enfatizam a correlação da educação com as outras funções do museu como a salvaguarda, conservação, exposição e comunicação. A seguir apresentaremos alguns autores e documentos que abordam essas questões demonstrando o quanto vem sendo debatido pelo campo.

Mário Chagas, no livro *Há uma gota de sangue em cada museu: a ótica museológica de Mário de Andrade*, publicado em 2006, expõe a preocupação de Mário de Andrade com o atendimento ao público durante as exposições, bem como com o educador de museu, onde dizia que as visitas deveriam ser “visitas vivas” e “acompanhadas de explicador inteligente”. Com as afirmações anteriores e com outro fragmento de documento citado por Chagas (2006, p.92) no qual Andrade defende a organização de museus, mas de “*museus à moda moderna, museus vivos, que sejam um ensinamento ativo*”, entende-se a dimensão educativa do museu no pensamento do poeta modernista. Vale lembrar, ainda, que Mário de Andrade defendia “o uso educativo do patrimônio cultural” por meio de ações que permitissem ao museu ser um agente transformador da sociedade, pois, segundo Chagas (2006, p.91), “O museu concebido por Mário não é apenas um espaço de exposição, é *locus* de ação”. Em relação à participação ativa do público, Chagas (2006, p.92) explana que, para Mário de Andrade, “[...] o papel do museu não é só o de documentar, mas também o de denunciar, criticar e refletir. É a ideia de Fórum de Debates que ganharia corpo na década de 70 [do século XX]”. A pesquisa de Chagas (2006), portanto, muito contribui para a compreensão do pensamento de Mário de Andrade sobre o papel educativo dos museus no Brasil, no início do século XX, e permanece atual, propondo alternativas para problemas ainda presentes em muitos museus, em nosso país.

A função educativa dos museus também foi amplamente discutida no “Seminário Regional da UNESCO”, em 1958, na cidade do Rio de Janeiro, e que, conforme Araújo e Bruno (1995, p.7), “[...] simboliza paradigmaticamente uma preocupação profissional com a problemática educacional dos museus [...]”. Nesse Seminário, segundo Toral (1995, p.9), O museu deveria desenclausurar-se não somente através de programas

didáticos dirigidos à educação formal, como também da utilização de outros meios a seu alcance como o rádio, o cinema, a televisão, para atingir assim camadas mais amplas da população e poder melhor difundir sua mensagem. A atribuição ao museu como um agente educativo, na sociedade, possibilitou um alargamento das práticas museológicas, como também uma abertura para a discussão do papel do museu na sociedade contemporânea. Outros documentos fundamentais para compreender os avanços nas discussões sobre as práticas museais são, conforme Araújo e Bruno (1995, p.6), [...] a Declaração da Mesa-Redonda de Santiago do Chile de 1972, que introduziu o conceito de museu integral, abrindo novas trilhas para as práticas museais; a Declaração de Quebec de 1984, que sistematizou os princípios básicos da Nova Museologia e a Declaração de Caracas de 1992, que poderia ser interpretada como uma avaliação crítica de todo este percurso ao reafirmar o museu enquanto canal de comunicação.

Os referidos documentos consolidam a função educativa dos museus na contemporaneidade e servem de parâmetro para a construção de outros, como a “Política Nacional de Museus – PNM”, lançada no Brasil, em maio de 2003, que contou com contribuições da comunidade museológica e representantes de outros segmentos da sociedade envolvidos com as questões pertinentes ao campo museal. Entre as diversas diretrizes apresentadas na PNM, destaca-se, nos “Eixos Programáticos” – seção 2 –, quanto à “Democratização e acesso aos bens culturais”, no item 2.4, o seguinte: Criação de programas que visem a uma maior inserção do patrimônio cultural musealizado na vida social contemporânea, por meio de exposições, concursos, espetáculos, oficinas e outras ações de caráter educativo-cultural. (BRASIL – PNM, 2003, p.10). Nesse sentido, questiona-se: no decorrer desses anos de implantação da PNM – Política Nacional de Museus, o que realmente vem sendo cumprido, ou seja, qual a verdadeira “inserção” dos acervos dos museus “na vida social contemporânea” por meio de “ações de caráter educativo-cultural”?

O caráter educativo dos museus também é apresentado no Decreto nº 5.264, de 5 de novembro de 2004, que institui o “Sistema Brasileiro de Museus e dá outras providências”. Esse, em seu Art. 2º, define que

São características das instituições museológicas, dentre outras:

I - O trabalho permanente com patrimônio cultural;

II – A disponibilização de acervos e exposições ao público, propiciando a ampliação do campo de construção identitária, a percepção criticada realidade cultural brasileira, o estímulo à produção do conhecimento e à produção de novas oportunidades de lazer;

III - o desenvolvimento de programas, projetos e ações que utilizem o patrimônio cultural como recurso educacional e de inclusão social; e
IV - A vocação para a comunicação, investigação, interpretação, documentação e preservação de testemunhos culturais e naturais. (BRASIL, 2004).

Diante das afirmações nos referidos documentos, percebe-se o quanto as ações do museu devem estar voltadas para o acesso dos diferentes públicos a seu acervo e às suas potencialidades educativas, enfatizando de forma objetiva e sintetizada a valorização da diversidade e a construção de uma educação libertadora levando em consideração a importância da diversidade cultural na formação do cidadão. Além disso, constata-se que, desde o lançamento da Política Nacional de Museus em 2003, muitas iniciativas têm-se consolidado a fim de garantir a construção de uma política pública na área museológica como, por exemplo, o processo em andamento de elaboração de um Programa Nacional de Educação Museal (PNEM).

3.6 – As questões que envolvem as práticas educativas no MART: a natureza dialética dos objetos deste museu.

Nesta parte da dissertação um dos pontos que abordaremos é a participação do museu na produção do conhecimento e a transformação do objeto em documento ao ser acolhido em seu interior. Ao assumir as consequências dessa transformação, o museu passa a trabalhar não só com bens materiais, mas simbólicos. Nesse sentido toda operação com documentos museológicos é de natureza retórica e ideológica – e, portanto, atribuída - desde a escolha do acervo até a exposição. O museu deve trabalhar com a busca do sentido, oferecendo a possibilidade de, a partir de correlações que se estabelecem na construção da informação, apresentar o objeto em seus diferentes contextos e sugerir possibilidades de apropriação e de participação efetiva dos públicos nas exposições.

Na contemporaneidade, um dos papéis do museu é estar a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento. Assim, a função social, atribuída ao museu, potencializa-o como um espaço de comunicação que, por sua vez, dinamiza suas ações educativas, que devem ser pensadas para envolver os diferentes públicos.

Cury (2013) ao se referir a educação em museus considera que o museu é um meio de comunicação comprometido com a qualidade de comunicação, ou seja, com a capacidade de despertar a consciência, estimular questionamentos críticos. “Essa

qualidade comunicacional é, entretanto, construída e a educação em museu tem papel destacado nesse processo” (p.13).

Analisando a obra de Ulpiano Meneses, Cury (2013), considera que a maior contribuição dos museus à educação é aquela que se faz pelo objeto, “educação pelo objeto”. Segundo informa a autora

O museu é uma instituição e sua função maior remete à consciência sobre a materialidade do mundo necessária para a nossa vida e reprodução como entes biológicos, psíquicos, sociais, intelectuais, morais. A sociedade precisa de lugares para que se façam compreender o papel dos objetos naturais ou culturais, estruturas, objetos ou instalações de arte, imagens etc. a especificidade do museu está precisamente naquilo que, ao lhe dar personalidade, distinguindo-o de outros instrumentos similares do campo simbólico, garante condições máximas de eficácia: o enfrentamento do universo das coisas materiais. Em síntese, diríamos que a problemática do museu é justamente a problemática da cultura material, mas em um lugar institucionalizado que se apóia em um acervo [...] assim a lição é explorar a cultura material e não usar a materialidade presente no museu como ilustração de um discurso desvinculado dessa instituição ou mesmo supervalorizar certos objetos, impondo um valor patrimonial a eles. (CURY, 2013, p.15).

Segundo Meneses (2000), Educação é ação revestida de criticidade. Para o autor

Pode haver educação que não tenha como eixo a formação crítica? Estou certo que não. A capacidade crítica é, precisamente, a capacidade de separar, distinguir, circunscrever, levantar diferenças e avaliá-las, situar e articular os inúmeros fenômenos que se entrelaçam na complexidade da vida de todos os dias e nas transformações mais profundas de tempo rápido ou lento. É com a formação crítica que os museus deveriam se comprometer a trabalhar [...]. (MENESES, 2000, p. 94-95).

Meneses (2000), sugere que o museu deve ser crítico, da mesma forma que o projeto educacional e o educador, para que a ação educacional seja eficaz, para que o usuário do museu participe do processo museal criticamente. O autor considera a educação como [...] “caminho para que o público aprenda a usar museus, apreenda seus mecanismos de funcionamento, seu *modus operandi*, entenda sua dimensão política e conheça a museografia como processo que dá corpo às instituições.” (p.96)

Pensar e executar ações educativas são, com efeito, tarefas do profissional de museu, que precisa estar inteirado e afinado com os conceitos que permeiam esse espaço como também, acreditamos ser o caso do MART por ser esta uma instituição federal, com as diretrizes estabelecidas pela “Política Nacional de Museus”, que em substância propõe que os museus sejam espaços nos quais os cidadãos brasileiros sintam-se estimulados a frequentar e se apropriar de tudo o que eles possam oferecer.

Para provocar a reflexão e apropriação do conhecimento no espaço museal, é necessário, então, que o museu exerça também sua função educativa. Essas condições dizem respeito a toda a estrutura museológica no exercício das diversas funções

atribuídas ao museu, mas principalmente às políticas adotadas por ele, bem como a importância que é conferida, no seu cotidiano, ao caso educacional e investigativo, que é, por si só, uma política. Este caminho entre as ideias e conceitos que esta dissertação traz pode ser em um modo esquemático de explicação da realidade que se encontra no MART que se baseia em oposições e em choques entre situações diversas ou opostas em suas práticas museais e educativas onde ainda há de se refletir acerca da realidade, então, tudo está em processo de constante *devir*

3.7 – Resultados: Por um sinal aberto.

Buscando compreender a sociedade e, principalmente, a população, em especial de Cabo Frio, a partir de sua história, sua cultura, seu patrimônio, e dos discursos dos profissionais do MART, percebemos, que as práticas discursivas através dos questionários e documentos oficiais, não contemplam as pessoas que ali circulam: Sinal fechado

Os documentos, todas as suas formas, bem como as representações do e sobre a museologia e as práticas museológicas, são instituidores ou promotores da identidade e da preservação da memória, revelam a importância desta pesquisa, porém o que se constata, é que mesmo o MART tendo passado pelas mazelas estruturais, ter estado fechado e, em seguida, pós reestruturação, estar parcialmente aberto, o MART juntamente com seus profissionais, não teve a importância que cabe a instituições museológicas: ser um promotor cultural, artístico e educacional, entre outros. Portanto, construções históricas, sociais e discursivas, que se expressam a partir de sujeitos, lugares, interesses, estratégias e suportes diferenciados, revelam-se como itinerários simbólicos, produzem relações de poder, saberes, identidades, linguagens e práticas sociais, e tais conceitos passam pela total invisibilidade nesta instituição. Cabe, portanto ao MART e a seus profissionais resgatar a vocação de pertencimento desta instituição à sociedade cabofriense e revelar uma prática que possa ir além dos discursos oficiais.

No decorrer do ano de 2012 o Mart realizou uma pesquisa de opinião de público e demanda turística que visava apurar se havia o conhecimento do público sobre o patrimônio histórico e cultural da região dos lagos, principalmente o MART e qual o nível de interação dos moradores da região e de seus visitantes com esses atrativos. A técnica em assuntos culturais ao se referir a essa pesquisa empreendida por ela no ano de 2012 constatou o seguinte:

“Há grande desconhecimento em Cabo Frio sobre o Convento e, em especial, da existência de um museu no local. Embora em quantidade insatisfatória, o Mart é mais conhecido entre os moradores da região dos Lagos do que entre os que visitam

a cidade, principalmente devido ao trabalho de visita guiada realizado com as escolas. Chamou-nos atenção a dificuldade do público em se lembrar o nome do museu, Mart, pois muitos se recordaram do local após ouvirem a descrição do que encontrariam ao visitá-lo. Um grande problema que pode ser resolvido com alternativas simples, como a sinalização no local e articulada ao longo das vias urbanas, o que envolve políticas públicas e informação. Um fator que poderia contribuir para incentivar maior presença de público seriam os investimentos locais na área cultural. Entre os centros de cultura da cidade mais citados pelos entrevistados, estão os que promovem com maior regularidade eventos no setor, contribuindo para a formação de um público fiel. Desafio a ser enfrentado por nós, pelo museu. O público demonstra interesse em visitar o museu após ouvir sua descrição, especialmente se houver exposições”.

As noções de museu, patrimônio, memória, identidade, temas relacionados à cultura ganharam um novo fôlego interpretativo, ao considerar as instituições museológicas, em sentido ampliado, como um conjunto de equipamentos, ações, serviços, signos e condições gerais de existência que influenciam o modo de ser e a qualidade de vida dos indivíduos e da sociedade. Linguagens, memória, patrimônio e identidades são tomadas como construções históricas, sociais e tecnológicas, contemplando uma abertura de novas possibilidades aos estudos museológicos. Como nos falam Santos e Chagas (2001) pensar museu é inseri-los no mundo em que vivemos.

A narrativa da técnica acima denota uma preocupação de peso que se acrescenta à necessidade museológica de juntar-se a outras instituições que se empenham na construção social e educativa de ampliação da cidadania ao argumentar que

“É imprescindível a adoção pelo Mart de um calendário de atividades e eventos que dialoguem com seu acervo e estimulem a visita de variados públicos ao longo do ano, sempre com a perspectiva de retorno ao local, atraídos pelas novidades. Poderíamos adotar a máxima popular “se Maomé não vai até a montanha, a montanha vai a Maomé”. Uma proposta simples para a divulgação seria percorrer variados locais da cidade, com grande circulação de pessoas e escolas, levando até o público em potencial um *stand* com a reprodução de imagens do Convento e de seu acervo, além de informações sobre o museu e, por meio do diálogo, convidar as pessoas a visitá-lo. Para os moradores da cidade, é necessária a construção de sua identificação com os elementos que narram sua trajetória histórica e refletem suas tradições. Qualquer campanha de divulgação somente será bem-sucedida se aqueles que possuem vínculos permanentes com seus bens patrimoniais se identificarem com eles”.

A formulação e construção das identidades, as perspectivas simbólicas e ideológicas podem fortalecer o MART a partir do momento que o museu entrar na vida das pessoas que por ali circulam inseri-lo naquela cidade. Que pretende dizer o MART dentro da simbologia urbana contemporânea? Que pretendem dizer os profissionais do MART ao público em suas práticas educativas? Nesta última pergunta poderíamos dizer que a assepsia, a síndrome de Macondo e a burocratização das ações seria uma

resposta. Porém é importante destacar aqui que os depoimentos dos profissionais em algum sentido são positivos, no que consistem as ações propostas pelo IBRAM, onde se configura e exerce um calendário obrigatório de eventos, como os da Primavera de Museus, porém são ineficazes as ações educativas a partir do momento que configuram uma simbologia direcionada e distante da dimensão museológica, divergindo do que dizem Santos e Chagas (2001), ao considerar os museus como instituições que lidam com a construção de memória, onde não se pode ignorar que eles fazem parte da história, de um projeto aberto, cujo destino está em aberto. O diálogo entre museu e comunidade faz parte desta circunstância de abertura, de um destino que estimule e que exponha contradições, vozes silenciadas, que criem interlocutores significativos.

Um sinal aberto.

A visita das pessoas ao MART fortaleceria uma relação inextricável entre as diversas formas das práticas educativas de linguagens, o fortalecimento de um diálogo em conjunção com discursos ligados ao acervo do MART adequadas a prática educativa, tornando-se assim, uma ação de grande valia que pode e deve ser fonte de reflexão crítica e produção de conhecimento teórico aplicado em diversas áreas de atuação como por exemplos: a formação para o ensino e a pesquisa em museologia e patrimônio; a manutenção da ética e solidariedade na atuação nas escolas de ensino fundamental e médio; o desenvolvimento da interação entre disciplinas, áreas afins do conhecimento, enfim a divulgação junto à população que circula em torno é fundamental para que o MART saia da invisibilidade. Usar a tensão latente dos problemas estruturais pelos quais passou o MART pode ser argumento para sensibilizar a população e os poderes institucionais locais na elaboração de políticas públicas, como a prefeitura, por exemplo, assim como organizações da sociedade civil cabofriense.

Voltando às entrevistas (na íntegra em anexo), ponto importante para a fundamentação de alguns conceitos já delineados em passagens desta dissertação anteriormente, nos deparamos com as falas dos profissionais do MART que denotam discursos institucionais pré-formados, repetidos dos documentos normativos do IBRAM, por exemplo,

“Pretende-se mostrar que os museus não são instituições frias, estáticas, cheias de coisas velhas e desinteressantes. Museus são espaços de educação informal, em que se pode aprender muito através de recursos diversos daqueles que são usados em sala de aula, na educação formal”

“Existe a constante preocupação com a formação de um cidadão crítico da realidade em que se insere e identificado com sua comunidade; de um cidadão que, a partir da compreensão do seu passado, entenda a importância de sua história e cultura e passe a valorizá-las, reconhecendo-se como elemento fundamental na preservação dos patrimônios culturais e saberes locais.”

“Educação em museus é uma ferramenta de transformação social. Podemos dizer que certas palavras ou frases resumem a ação educativa em museus, como: documentação, informação, conhecimento, mediação, reflexão constante, pensamento criativo, formação de um cidadão crítico e participante, porque educação em museus começa na sua porta de entrada.”

Podemos afirmar com alguma segurança o que a entrevista não é. A entrevista nesta dissertação não está a serviço da captação de “verdades de práticas museológicas”; e sim como um dispositivo enunciativo que vá além da evidência e da existência de diferentes textos que circulam no MART em espaços e suportes variados (impressos, conversas cotidianas, interações sistemáticas ou casuais, de mais fácil ou mais difícil acesso, etc.) e que se revelam por extensão como, indicadores da existência de diferentes comunidades discursivas. Podemos observar que todas as respostas contidas nas entrevistas (material escolhido para contemplar as ações museológicas dos profissionais do MART) possuem um grande alinhamento com o discurso oficial, talvez daí surjam o desalinhamento deste museu com a comunidade cabofriense. Tal percepção poderia, por exemplo, acionar um olhar mais apurado dos profissionais do MART em relação as ações institucionais adequando os temas elaborados pelo IBRAM, à comunidade cabofriense e demais localidades fronteiriças.

Uma das atividades destacada pela técnica em assuntos educacionais foi o “Mart Adaptado”, evento educativo substituto da visitação, como durante um período o museu esteve com a sala de exposição permanente interdita para visitação:

“O objetivo era fazer com que os alunos conhecessem através de fotos e textos escondidos pelo jardim do museu algumas imagens do acervo permanente. A problemática que se procurou resolver com essa atividade diz respeito à visitação escolar, os grupos escolares se mobilizam para visitar o museu e devido a interdição ficam sem poder observar grande parte do acervo. A atividade consistia em fazer com que os alunos, quando chegavam no jardim do Mart (antigo claustro), procurassem fotos das peças (que estavam na sala interdita), as imagens eram acompanhadas por suas respectivas informações e, uma vez encontradas, eram repassadas para os demais alunos”.

Quando perguntado o que a entrevistada pensa sobre educação em museus, a mesma inicia a resposta dizendo: *“Transmitir para o público, em especial o estudantil, através da visita mediada e das atividades educativas realizadas”.*

Como um dos objetivos nesta dissertação também é possibilitar formas de reflexão sobre como transformar suas ações de modo a que este museu sirva de forma eficaz as práticas educativas libertadoras, a formulação de um Plano Político Pedagógico inexistente, mas proposta contida no Plano Museológico que atenda não

só de forma democrática as escolas com a participação de professores das escolas públicas, comunidade local e como também aos objetivos do museu, pode ser um caminho para trazer para o MART uma vitalidade e um fortalecimento do seu papel cheio de sentidos para a realidade local, dar voz e eco aos ruídos que perpassam por todas as pessoas que circulam nos pontos dos ônibus, que atenda aos alunos, aos camelôs, aos policiais, aos motoristas dos ônibus, a quaisquer pessoas que por ali circule é o sentido que este museu deve ter. Que haja um sinal aberto.

Quando partimos para olhar as exposições com a perspectiva de entendê-las como narrativa nos deparamos com alguns silêncios e alguns olhares como, por exemplo: uma exposição de grande repercussão esteve presente na fachada do museu intitulada Formigas. Eram curiosos os olhares que nunca se voltavam para o lado do museu ficarem intrigados com o que era aquilo, pregado, colado naquele prédio branco e imponente. Formigas. Para um lugar que é cenário de um “formigueiro humano” constantemente, ter essa exposição pode ter sido um vislumbre de que este museu por fora pode ter a vocação de trazer o “formigueiro humano” para dentro. Outras exposições e ações foram demonstradas nas fotografias no decorrer desta dissertação que de certa forma se encerraram apenas nas imagens, quase discurso algum foi reverenciado nas entrevistas sobre essas ações. Este é o silêncio que se instala no MART.

No início desta seção, o sinal fechado, alusão a música do Paulinho da Viola pontua uma metáfora em alguns itens relacionados ao MART e as práticas educativas nele instituídas, práticas estas que de certa forma “sumiu na poeira das ruas”, e não se abriu para o que aporta a sua frente todos os dias: gente. Não pretendemos dar cabo minuciosamente ao que se é dito pelos entrevistados, mas suscitar algumas ausências e presenças que são significativas e assumem de forma real a metáfora: sinal fechado. Nas observações ligadas as entrevistas no quesito exposição em apenas uma entrevista se fala de uma exposição do Portinari ter sido uma experiência valorosa e esta foi feita antes da criação do IBRAM. Em momento algum apesar de alardearem ser fundamental a Primavera de Museus, nenhuma exposição ligada a este evento foi citada. A exposição Formigas não foi mencionada. Estas observações relacionadas as exposições são apenas uma introdução que demonstra um efeito dispersivo neste quesito por parte dos profissionais do MART.

Um museu apresenta de maneira sintética uma visão da sociedade, ou de um determinado segmento da mesma ora em níveis mais frágeis, ora em níveis mais profundos. Há a dimensão social no museu, além da posição política e ideológica a dimensão psicológica da repressão, fazendo surgir indivíduos marcados pela

introspecção diante de uma prática museológica que utilizam, por exemplo, a técnica de indução. E há, por fim, a dimensão natural de um profissional que ocupa um cargo educativo sem a formação ligada efetivamente a educação. Verificamos na fala da técnica em assuntos educacionais o quanto é comum as expressões “transmitir” e “passar informações”

Nesse cenário e sem se darem muita conta do que acontecia a seu redor, vivi as experiências de visita ao MART: *“Essas imagens de santos, então, estão aqui porque são importantes para entender os cultos católicos?... Sim, isso mesmo”*. *“Porque não podemos tocar nas imagens? ...Porque são as regras do museu, elas podem ser danificadas”*. *“Essa santa também é Iemanjá, não é? ... Não, é N. S. da Conceição”*.

Existe um sincretismo entre as santas católicas, Nossa Senhora dos Navegantes, Nossa Senhora da conceição e Nossa Senhora da Glória e a orixá Iemanjá. Em alguns momentos, inclusive em festas, as divindades católicas e africanas se fundem. No Brasil, tanto Nossa Senhora dos Navegantes como Iemanjá têm sua data festiva no dia dois de fevereiro. Costuma-se festejar o dia que Ihe é dedicado, com uma grande procissão fluvial. A pergunta do visitante, que é um aluno da Rede Pública Municipal de Cabo Frio é intrigante e louvável. Professores podem através desta pergunta em sala de aula desenvolver as esferas ligadas a religiosidade ao sincretismo, fazendo valer a lei 10.639 que entrou em vigor no ano de 2003, tornando obrigatório o ensino da História e cultura africana e afro-brasileira nas instituições de ensino básico. O professor poderá tratar posteriormente, através de uma discussão em sala de aula, qual sentido da lei, e que contribuição a pergunta não respondida de imediato no museu sobre Iemanjá, poderá dar um caminho e impressões sobre o conteúdo a ser analisado após visita ao MART. Nas imagens de eventos no MART fica claro que ocorrem várias apresentações fundamentais ligadas a cultura africana como o Jongo e a Capoeira. Se diretamente a pergunta não foi respondida, a produção de presença também se apresenta na ausência que aparece neste momento.

Nas religiões afro-latino-americanas, cada orixá corresponde a um santo católico, mas, de fato, não se trata de um amálgama. As figuras não se confundem. Muitos dos santos católicos são cultuados também no candomblé e em outras religiões afro-latino-americanas. Também adaptaram alguns rituais africanos à tradição cristã: por exemplo, a incorporação da Lavagem do Bonfim à cerimônia das Águas de Oxalá. Podiam, assim, manifestar publicamente, ainda que de forma dissimulada, sua religiosidade africana.

No livro de Pierre Verger “Dieux d’Afrique” registrou Iemanjá como a orixá das águas doces e salgadas. Na mitologia ioruba, o dono do mar é Olokun, que é pai de Iemanjá, sendo ambos de origem Egbá. Yemojá é saudada como Odò (“rio”) Yyá (“mãe”)

pelo povo Egbá, por sua ligação com Olokun, orixá do mar (masculino no Benim e feminino em Ifé), referida como sendo a “rainha do mar” em outros países. No Brasil, a orixá goza de grande popularidade entre os seguidores de religiões afro-brasileiras e até por membros de religiões distintas. Em Salvador, ocorre anualmente, no dia 2 de fevereiro, a maior festa do país em homenagem à "Rainha do Mar". A celebração envolve milhares de pessoas que, trajadas de branco, saem em procissão até o templo mor, localizado no bairro Rio Vermelho, onde depositam variedades de oferendas, tais como espelhos, bijuterias, comidas, perfumes e toda sorte de agrados. Outra festa importante dedicada a Iemanjá ocorre durante a passagem de ano no Rio de Janeiro e em todo litoral brasileiro. Milhares de pessoas comparecem e depositam no mar, oferendas para a divindade.

Um profissional de museu ignorar a responsabilidade inventiva que um museu possui é não entender que sua prática pode saciar as dúvidas, a busca por um consolo, uma mudança no roteiro de percepções que norteiam um coerente sentimento que adviria do contato do homem com a natureza ou com o próximo, por vezes deveria ser abordado e constituinte de novas práticas dos profissionais de museus, mas o que observamos diante das entrevistas e da descrição das visitas do público ao museu é ver a prática museológica da técnica de assuntos educacionais é uma presente prática árida, desértica de significados, opressiva com uma visão marcada pela falta de perspectivas educacionais. A cada nova experiência museal, o sentimento de inadequação. Um museu tentando chegar a algum lugar, mas sem caminho. A narrativa da visita, conforme vimos anteriormente, deste museu faz com aquela visão de austeridade retorne, faz com que a intensidade da experiência educativa em um museu, mais especificamente no MART fique com o tom da resposta vaga como a que recebe o visitante ao perguntar algo que fuja ao script da visita engessada. O consolo que esta visita pode ter é trazer para esta prática museal desértica, o mar, a vida, os franciscanos, os ruídos, o estardalhaço da curiosidade que extrapola a ação da profissional. Cabe ao professor tentar de maneira clara e sedutora influir e discorrer através da prática profissional toda a gama sincrética e histórica após a visita ao MART.

A formação do profissional de museu, portanto, não se restringe ao saber técnico, nem, menos ainda, ao domínio das artimanhas do micro-poder. O desafio que se impõe é formar profissionais que sejam autônomos, críticos, infensos à inércia, propensos à luta pela transformação. Aparente paradoxo, que se busque a transformação, em uma profissão voltada para a preservação. No entanto, para que se possa, efetivamente, preservar, é necessário transformar uma realidade que contribui para destruir o patrimônio. O primeiro e decisivo passo é formar profissionais autônomos, independentes e transformadores do mundo. (FUNARI, 2014p. 3).

O relatório de atividades desenvolvidas pelas áreas técnicas do Museu de Arte Religiosa e Tradicional do ano de 2013 demonstra de forma asséptica suas ações e suas tentativas vãs de trazer ao texto, ao percurso expositivo, algo que possa dar sentido efetivo ao MART e a sociedade que dele usufrui. Nesta apatia esquece-se que

Hoje, um estudante dispõe da reprodução a cores da maior parte das obras magistrais, descobre muitas pinturas secundárias, as artes arcaicas, a escultura indiana, chinesa, japonesa, pré colombiana das épocas mais antigas, uma parte da arte bizantina, os frescos românicos, as artes selvagens e populares. (MALRAUX, 2013 página 13)

Conduzir esta investigação é não deixar de lado os conceitos como criatividade, sonho e mistério, conceitos cujo emprego pode ser dado aos estudantes que aportam nas visitas ao MART.

Realizada desde o ano de 2007 a Primavera de Museus através de ações integradas entre o IBRAM e os museus tem como metas promover o aumento das visitas nos museus; maior envolvimento da comunidade; fortalecimento da sua imagem, ou seja, através de diversas atividades incentivarem o diálogo entre os museus e a sociedade.

Podemos aqui fazer algumas ponderações sobre a relação museus – comunidade. Russio (1984) quando informa que o “Fato Museológico se faz num cenário institucionalizado, e esse cenário é o museu” diz que a institucionalização implica menos “um reconhecimento de quem cria, implanta ou instala um museu” e mais “um reconhecimento pela comunidade” origem e alvo do museu. Este pensamento avança quando afirma que “é tempo de fazer museu com a comunidade e não para a comunidade” (1984, p.60). Trazer as questões da comunidade para os museus. É isso, entendemos, que Varinne (2013) quer dizer ao falar sobre os museus abrirem para a sociedade. Não se limita, portanto, às questões de linguagem de exposição apenas.

O museu só existe na cabeça do visitante e, indo além, o museu se realiza como museu com o público, pois são os usos que o público faz dele que lhe dão forma social. Segundo Cury (2004) “comunicar significa, antes de tudo, trazer o público para dentro do museu, não no sentido físico somente, mas como elemento da sinergia que o museu é” (p.27). Portanto, o público agrega qualidades e valores. “O público agrega valor à sinergia não com a sua presença, mas com a sua contribuição em torno da discussão sobre o significado do patrimônio cultural” (p.27).

O que podemos observar nas versões da Primavera dos Museus empreendidas pelo MART é que os objetivos do programa ficaram muito distantes da prática. As parcerias são pontuais e apresentam mais as características do espetáculo e por essa via tentam dar mais visibilidade ao museu e este de sua parte “cumprir a tarefa”.

Com relação às atividades educativas observamos mais um descompasso entre a proposta e a prática. Acabam constituído atividades desvinculadas das demais como no caso do tema, “Mulheres, Museus e Memória”, enquanto o museu trabalha o seu acervo abordando as imagens femininas, como informa a técnica em assuntos culturais,

“Em 2011, desenvolvemos o circuito “Irmã Lua” para a Primavera dos Museus, pois o tema era relacionado às mulheres. A ideia era praticamente aproveitar o circuito expositivo permanente do Museu, mas abordando, durante a visitação com os grupos, a imaginária feminina e o acervo composto de quadros concebidos por mulheres e que retratam o Convento e seu entorno”.

o setor educativo trabalha com material diverso produzido em escolas e transposto para o museu como o painel de iconografia de personalidades femininas.

É importante destacar que o termo utilizado para qualificar as visitas, ora é utilizado “visitas guiadas” ora “visitas mediadas” o que demonstra uma oscilação sobre os seus propósitos. Segundo Ana Mae Barbosa (2008), o uso do termo “visita guiada” é revelador da concepção que se tem do público “pressupõe a cegueira do público e a ignorância total”. A autora defende a idéia de “visita diálogo”, pois implica em participação e trocas.

Na sétima versão da Primavera de Museus o tema é Museus, Memória e Cultura Afro-brasileira. Ao trabalhar “afrodescendentes” a impressão que se tem é que o entendimento dos profissionais do MART é de que “o acervo limita” na medida em que ele não é utilizado também para nenhuma das atividades educativas propostas. Compreendemos que o que dificulta a ação museal e a do educador é justamente o fato de que o acervo é ilimitado, plural, multifacetado; que pode ser fragmentado e reinterpretado; que no conjunto ou segmentado em coleções ou agrupamentos, o acervo é obra aberta sustentada no conhecimento inerente a instituição.

Com relação aos jogos e brincadeiras elaborados pelo setor educativo, são constituídos de jogos de memória, cruzadinhas, caça-palavra, liga pontos e folha para colorir. Estas práticas de memorização ou de lazer consideradas como “lúdicas” podem ser encontradas nas escolas ou em qualquer banca de jornal. Mais uma vez podemos observar uma fuga da especificidade da educação em museus.

O Plano Museológico do MART não contém um programa de comunicação, e acreditamos que a ausência de uma discussão sobre a política de comunicação da instituição reflete as práticas observadas no MART na medida em que entendemos que a educação no museu esteja diretamente ligada a essa política. O fato do museu não possuir um documento que apresente e discuta os princípios comunicacionais do museu, ou seja, como a instituição deseja se comunicar com a sociedade, como

conceitua o seu público e como propõe formas de interação acaba por interferir na prática profissional ao não considerar alguns aspectos que são fundamentais como a diversidade e a diferença, a possibilidade de diferentes abordagens e alcances e nas possíveis parcerias entre o museu e as escolas.

Durante muito tempo o museu manteve-se ocupado com o objeto, voltado para a pesquisa, a conservação e a documentação e trabalharam muito lentamente na construção de uma relação mais estreita com seus públicos. A ação educativa, embora presente teve sua relevância e legitimidade construídas paulatinamente e agora se apresenta como algo a ser superado rapidamente e em face dessa situação e tendo sido chamado a participar socialmente muitas vezes o museu acabou por ceder às pressões da escola, adaptando os seus objetivos, princípios e métodos educativos a ela. Portanto, escolarizando-se.

Reis (2012), empreende uma crítica radical a tudo que pode ser imposto como pano de fundo às reflexões que objetivam compreender parte do processo educativo que ao pedagogizar a prática museológica por meio da ênfase ao ensino ou a aprendizagem, escolariza tal prática, colocando-a a margem das culturas e, ao territorializá-la melhor se exerce como mediadora e reforçadora das práticas escolares convencionais.

Ao abordar a questão da educação me reporto a dicotomia que se trava em meio ao debate ensino e/ou aprendizagem como uma das funções do museu em contraponto às possibilidades de uma educação integral e libertadora como proposta para um museu efetivamente educativo e pelo qual e no qual está presente a dimensão social do patrimônio na qual se assentam de modo indissociado a diversidade cultural, a alteridade, o global e também o local. (REIS, 2012, p.3).

Assim, Reis (2012), aponta para a importância de descolarizar as práticas educativas efetuadas nos museus como capaz de escapar das limitações presentes nos discursos que defendem, ora o ensino como preponderante ora a aprendizagem, como se os mesmos não constituíssem uma mesma unidade, como se não fossem ambos parte indissolúveis de um mesmo processo integrado.

Podemos argumentar que o museu tem há muito tempo o seu caráter educativo definido, mas apesar disso teve por séculos a sua ação mais ligada a pesquisa do que ao público como agente do processo educacional. Cury (2012) informa que o museu por muito tempo operou como instituição a partir da lógica das ciências que abrigou

Um exemplo são as visitas guiadas, ações calcadas na informação científica de uma exposição concebida por pesquisadores de coleções museológicas. O guia, nessa situação, tenta, quando pode e mesmo assim de forma limitada, decodificar a informação para o visitante. Quando

não pode, porque lhe falta entendimento, repete algo para o outro, o visitante individual ou os visitantes organizados em grupo. Para o educador de museu, a saída foi sustentar-se nas práticas da escola, uma vez que essa já possuía um método para transpor o conhecimento para os educandos, ao passo que o museu não. (CURY, 2012, p.24).

Com isso o museu acabou por perder visibilidade e espaço de participação e ainda mais, popularidade na medida em que faltou-lhe ação que atribuísse sentido para o público. Segundo Cury, “[...] até hoje carregamos esse peso: ora de lugar chato, ora de lugar escolarizado. Ainda, carregamos o peso da justificativa numérica, i. e., da dependência da visitação escolar para dar conta de índices de atendimento” (p.25).

Defendemos, aqui, que o museu é um espaço cultural e a educação realizada em seu ambiente deve se sustentar nos postulados da cultura material e da museologia. O alargamento do conceito de educação aproximando-o da cultura e da comunicação, nesse sentido, torna-se fundamental para alcançarmos este horizonte posto pela educação nos museus.

Nesta seção apreciamos, à guisa de conclusão, as categorias de análise de itens importantes para as narrativas que foram apresentadas no decorrer deste trabalho: A formação do público, a institucionalidade das falas dos sujeitos do MART e a baixa repercussão das ações museológicas, enfatizando o conceito de identidade, tendo como base para estas questões Stuart Hall (2006), que pode contribuir e ampliar as compreensões sobre as mesmas. Explorar essas categorias a partir de Hall nos auxiliam na “desconstrução” de conceitos e na reconstrução do conhecimento, ampliando assim nossas lentes sobre o assunto pesquisado apresentando algumas questões sobre identidade cultural, contemplando, a partir dele, os conceitos de sujeito e identidade do período da modernidade até a pós-modernidade analisando a possível existência de uma crise de identidade, investigando os caminhos percorridos por essa crise e propondo novos olhares para a temática da identidade. Neste ponto, acredito que o MART a partir do momento que elaborar suas diretrizes do Plano Museológico e do Plano Político Pedagógico, tendo em vista a distinção apresentada dessas concepções de identidade, baseado na compreensão dos diferentes atores e autores (professores, estudantes, associação de amigos do museu, associação de moradores, outras instituições governamentais e os profissionais do MART), é o primeiro ponto para estabelecer sua identidade por meio das relações que constrói, sendo esse o sujeito central, para contribuir para a formação de público que ao meu ver a argumentação de Hall ilustraria os elementos teóricos, juntamente com as narrativas descritas neste trabalho. A compreensão de hibridismo, sinalizando que as identidades culturais são híbridas, ou seja, movidas por mudanças, encontros e desencontros, reforça o entendimento em torno da identidade. Hall alega que não é possível afirmar que temos

uma “identidade”, mas diz que somos compostos por uma identificação, passível de mudança e transformação.

O autor discute a questão questionando sobre o que, efetivamente, consiste a dita crise de identidade e afirmando a urgente necessidade de repensarmos o nosso entendimento de identidade, visto que as sociedades foram, ao longo do tempo, marcadas por transformações, que influenciaram as maneiras de compreender os sujeitos e sua cultura. Mais do que falar em identidade, Hall sugere uma nova maneira de trabalharmos com a temática, percebendo que toda identidade é móvel e pode ser redirecionada, indicando a possibilidade de utilizarmos o termo identificação ou a expressão processo identitário para compreender de maneira mais significativa as representações que formam (e transformam) as culturas, os sujeitos e os espaços. O MART precisa efetivamente nortear suas ações e trazer à tona as características transformadoras que perpassam nos museus. A partir do momento que o museu se posiciona, construir suas diretrizes, a repercussão das ações museológicas, evidenciar que são constituídos por representações, sendo essencial compreender o mundo por esse olhar, em que as mudanças acontecem, as culturas se misturam e as certezas são inconstantes, é de certa forma, promover uma desconstrução de nossas crenças em torno daquilo que entendemos por identidade, desafiando-nos a pensar em processos identitários, os quais estão em constante modificação e são compostos por diferentes olhares, em distintos tempos e espaços. Não é apenas uma ação, uma narrativa ou uma categoria que aponta conceitos sobre a temática Museu. Ao contrário: a baixa repercussão das ações museológicas no MART, chegou em boa-hora, para desmitificar, desconstruir e propor uma reflexão sobre a categoria identidade, lançando voos mais altos para aqueles que ousam pesquisar os processos identitários, as culturas e os museus.

Estamos progredindo com relação a diversos aspectos de desenvolvimento social e o acesso à cultura e o MART precisa acompanhar este movimento. A Formação de públicos de museus precisa disponibilizar à educadores conhecimento para exercerem com mais propriedade o papel de mediadores nas visitas ao MART. Quando devidamente preparados, os profissionais da educação são aliados fundamentais para qualificar e facilitar o contato do público com os museus que, muitas vezes, se valem de códigos e linguagens sofisticados e específicos. Para que o público possa ter uma experiência completa e transformadora no contato com a cultura e os museus, professores, pesquisadores da área, equipes educativas e pessoas que atuam como mediadores em espaços culturais são, cada vez, mais importantes. Em um país culturalmente tão rico e com uma diversidade enorme como o Brasil, mas ainda repleto de desigualdades, democratizar o acesso às manifestações culturais e os museus e

torná-los compreensíveis aos diferentes públicos, é assumir as múltiplas faces que ali se encontram.

Considerações finais.

Ao percorrer o MART, para escrever esta dissertação um pensamento dominante impedia que este objeto de estudo que tanto me intrigou, que me fez estudá-lo fosse acessível a quem fosse visitá-lo por algum tempo por motivos estruturais, problemas pelos quais fez com que este museu estivesse em grande parte fechado ao público e, nestes momentos, me incluía na posição de público, longe, fechado afastado deste museu. As minhas dificuldades em chegar aos objetivos reais enquanto professor de História que me fizeram vir para o mestrado em museologia e percorrer um caminho íntimo e solitário nesta escrita e nesses caminhos as dificuldades encontradas me fez lembrar o Romance de Umberto Eco “O nome da Rosa”. A história do romance ocorre no ano de 1327 (Séc. XIV) em um mosteiro Beneditino Italiano. No mosteiro havia uma biblioteca que guardava pergaminhos e livros com textos científicos e filosóficos, tidos como proibidos. A chegada de um monge franciscano foi designada para investigar várias mortes que estavam ocorrendo no mosteiro. O ato intrigante é que os mortos eram encontrados com a língua e os dedos roxos. No decorrer da história, descobre-se que os mortos tinham manuseado um determinado livro.

O livro, cuja tinta utilizada para escrevê-lo estava envenenada, foi escrito pelo filósofo Aristóteles onde enaltecia o riso, ofendendo profundamente a Igreja Católica Antiga. O acesso a este livro era restrito, porque era considerado como uma ameaça à doutrina cristã. A comédia era vista como uma forma de fazer com que as pessoas perdessem o temor a Deus e, portanto, faria desmoronar todo o poderio cristão.

O romance pode ser interpretado como um caráter filosófico quase metafísico, já que nele também se busca "a verdade". Este se desenvolve no período Renascentista. O Renascimento pregava a valorização do homem e da natureza, em oposição ao divino e ao sobrenatural. Lá se retoma o pensamento de Santo Agostinho (354-430), um dos últimos filósofos antigos e o primeiro dos medievais, que fará a mediação da filosofia grega e do pensamento do início do cristianismo com a cultura ocidental que dará a filosofia medieval, a partir da interpretação de Platão e o neoplatonismo.

O Renascimento, enquanto movimento cultural resgatou da antiguidade Greco-romana os valores antropocêntricos e racionais, que adaptados ao período, entraram em choque com o Teocentrismo e o Dogmatismo medieval sustentados pela Igreja. “O nome da Rosa” é uma crônica dádiva religiosa do século XVI. A expressão nome da Rosa foi usada na Idade Média significando o infinito poder das palavras. A rosa de então, centro real do filme é a antiga biblioteca de um convento. A rosa subsiste seu nome, apenas; mesmo que não esteja presente e nem sequer exista.

O veneno da língua, o veneno de Eucanaã, o enclausurar dos museus se apresentam como o romance de Eco. A Educação é silenciosa, a visita é dogmática, “a

verdade” é mostrada anualmente nos eventos oficiais, o riso é apagado, os valores distorcidos, a sua filosofia entra em choque com o infinito poder que este museu poderia ter para uma cidade que é sitiada pelo mar. Museu que guarda a possibilidade do renascimento real, onde as noções de matemática, física, filosofia, história e musealidade aportassem ali à frente.

Aportar a identidade de São Benedito, neste museu de “verdades” poderia servir à construção de identidades étnicas e religiosas no período colonial, da cidade de Cabo Frio, identidades essas que pudessem procurar e recriar aspectos dessa memória existente na localidade, revelando a religião em geral como um papel importante dentro da construção da consciência e unidade de origem africana no Brasil, tendo a religião como o elemento de reelaboração cultural, até mesmo de resistência cultural, dentro da própria redefinição das culturas africanas na América portuguesa. O desafio de analisar as representações artísticas ligadas à religião no MART mais uma vez passou ao largo nos eventos oficiais.

O historiador italiano Carlo Ginzburg, um dos pioneiros de um ramo da disciplina conhecido como “micro-história”, em seu livro *Medo Reverência e Terror – Quatro ensaios de Iconografia Política*, lança seu olhar sobre imagens que se tornaram ícones políticos, de quadros de Pablo Picasso e Jean-Louis David as propagandas de alistamento no Exército, e os efeitos das imagens sobre o público anônimo. Tendo como foco principal o papel do medo e paixões a ele relacionadas em obras visuais planejadas para comover politicamente o público a que se destinam - e assim persuadi-lo -, o historiador italiano dá continuidade a uma vertente de interpretação esboçada por Aby Warburg há mais de cem anos. Abraham Moritz Warburg foi um historiador da arte alemão, célebre por seus estudos sobre o ressurgimento do paganismo no renascimento italiano. Por sua vez Ginzburg analisa um elemento comum entre os ensaios: a idéia de que poderes políticos se apropriam da linguagem da religião para despertar reações de medo, reverência ou terror.

A micro-história muda nossa percepção da História de muitas formas. Ela nos ensina a não desdenhar de nada (nem de possíveis temas, nem da escala de observação). Ensina também que a comparação, explícita ou implícita, é inevitável.

O olhar do observador/investigador que possui acessos a tipos de experiências estas que passam de pessoa para pessoa, através da oralidade e da reunião das peças que consistem os usos sociais deste patrimônio se envolve, em um conjunto de comunicação que lembram a alfabetização através da linguagem da arte.

Cabe neste ponto abrir os olhos para retirar uma espécie de miopia ou de névoa que se interpõe neste museu em seus eventos e nas práticas museológicas. Criar um

mecanismo concebido para suscitar interpretações, ter um diálogo permanente, atravessar os discursos provenientes de muitos campos do saber, para além do filosófico, como o direito, a teologia, a linguística, a gramática histórica, a antropologia, a sociologia, a ciência política, a iconografia, a psicanálise, a literatura e, principalmente nesta dissertação, a museologia e educação, pode ser uma saída para este museu, o MART. Esta dissertação em todo o tempo busca uma tentativa de capturar a outra face deste museu, uma nova leitura, um antídoto contra o “veneno” que parece conter em suas obras expostas. Não se trata de distinguir o que é bom do que é mal. O problema, sobretudo, é que se não se compreende o que se põe em jogo no MART, não se chega a observar sequer o sentido museológico. E que sentido seria este? Sobretudo, ser capaz de transformar cada vez as dicotomias em potências, oposições substanciais num campo de forças percorridas por tensões que estão presentes em cada um dos pontos deste museu, onde exista alguma possibilidade de traçar linhas claras de demarcação e interpretação. Lógica do campo e lógica da substância. Mostrar a coleção ato que fiz num capítulo desta dissertação demonstra exatamente o sentido apático que este museu anuncia na cidade de Cabo Frio. Talvez a micro-história possa dar um tom mais puro, profano, livre aos nomes sagrados, que restitua o MART ao uso comum dos homens. Mas o uso aqui como algo natural; como um acesso ao mesmo através de uma profanação, desejo, magia e natureza onde o visitante possa construir uma narrativa composta de episódios, de pequenas peças que se juntam conforme se avança na trama, onde o observador crie ensaios que revelem em seu conjunto uma discussão de fundo sobre estética, política, experiência museal e educação. É um trabalho árduo e inovador, onde o poder soberano e religioso que parte da natureza do indivíduo e das suas relações com a religião, com as imagens, a criação avance além onde:

Cada manhã recebemos notícias de todo mundo. E no entanto somos pobres em histórias surpreendentes. A razão é que os fatos já nos chegam acompanhados de explicações. Em outras palavras: quase nada do que acontece está a serviço da narrativa, e quase tudo que acontece está a serviço da informação. Metade da arte narrativa está em evitar explicações. O extraordinário e o miraculoso são narrados com a maior exatidão, mas o contexto psicológico da ação não é imposto ao leitor. Ele é livre para interpretar a história como quiser, e com isso o episódio narrado atinge uma amplitude. (BENJAMIN, p. 212)

Neste contexto a arte narrativa pode ser na verdade um enigma onde um conceito pode ser fabricado, uma aparência, que começa além da solução. Agamben (2002) corrobora com essa tese quando:

De fato, nada é mais desesperante do que a constatação de que não há enigma, mas tão somente a sua aparência. O que significa na realidade, que o fato enigmático se refere apenas à linguagem e à sua ambiguidade, e não aquilo que nessa linguagem é visado, e que, em si, não só é absolutamente desprovido de

mistério, como também não tem nada a ver com a linguagem que deveria dar-lhe expressão, mas mantém, a uma distância infinita. Que o enigma não exista, que o próprio enigma não consiga captar o ser, a um tempo perfeitamente manifesto e absolutamente indizível: esse é agora o verdadeiro enigma, perante o qual a razão humana para, petrificada. (AGAMBEN, p. 106)

A narração consiste em arranjar uma sequência de fatos na qual os personagens se movimentam num determinado espaço à medida que o tempo passa. O texto narrativo é baseado na ação que envolve personagens, tempo, espaço e conflito. Nesta dissertação procuramos dar algumas respostas as linguagens e as narrativas que perpassam sobre o MART.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. **Profanações**. Editora Boitempo, São Paulo, 2005.

ANDRADE, Everardo Paiva de. **Mais História e ainda mais docência (por uma epistemologia da prática docente no Ensino de História)**. Editora FAFIC, Campos dos Goytacazes, 2002.

ANDRÉ, Marli E. D. A.; LÜDKE, Menga. **Pesquisa em Educação: Abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

ARAÚJO, Marcelo M.; BRUNO, Maria Cristina O. (Org.). **A memória do pensamento museológico contemporâneo: documentos e depoimentos**. Comitê Brasileiro do ICOM. 1995.

BARBOSA, Maria Helena R. Ações educativas em museus de arte: entre políticas e práticas. **Palíndromo** n.º 7/2012 – Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais – CEART/UDESC.

BOURDIEU, Pierre. **As Regras da Arte - Gênese e Estrutura do Campo Literário**. Cia das Letras, São Paulo, 2009.

BRASIL. Ministério da Cultura. **Política Nacional de Museus: memória e cidadania**. [Brasília]: MinC, 2003. Disponível em: [http://museus.gov.br/downloads/Politica Nacional de %20Museus.pdf](http://museus.gov.br/downloads/Politica%20Nacional%20de%20Museus.pdf) .

BRASIL. Decreto nº 5.264, de 5 de novembro de 2004 - Institui o Sistema Brasileiro de Museus e dá outras providências. *In*: MINISTÉRIO DA CULTURA. **Política Nacional de Museus: relatório de gestão 2003-2006**. [Brasília]: MinC/ IPHAN/ DEMU, 2006.

. Lei nº 11.904, de 14 de janeiro de 2009. Institui o Estatuto de Museus e dá outras Providências. Disponível em: <http://planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2009/Lei/L11904.htm>.

. Lei nº 11.906/2009, de 20 de janeiro de 2009. Cria o Instituto Brasileiro de Museus – IBRAM, cria 425 (quatrocentos e vinte e cinco) cargos efetivos do Plano Especial de Cargos da Cultura, cria Cargos em Comissão do Grupo-Direção e Assessoramento Superiores - DAS e Funções Gratificadas, no âmbito do Poder Executivo Federal, e dá outras providências. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2009/Lei/L11906.htm>.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. **Investigação Qualitativa em Educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Portugal: Porto, 1994.

CÂNDIDO, Manuelina Maria. Ondas do pensamento museológico brasileiro. **Cadernos de Museologia – nº20**. Lisboa, ULHT, 2003

CERVO, Amado L.; BERVIAN, Pedro A. **Metodologia Científica**. 5. Ed. São Paulo, Atlas, 2002.

CHAGAS, Mário. **Há uma gota de sangue em cada museu: a ótica museológica de Mário de Andrade**. Chapecó: Argos, 2006.

CHAGAS, Mario. Museus: Interseções e Caminhos. In: **Seminários de Estudos Avançados em Museologia**, Lisboa, ULHT, 2011.

_____. **A Imaginação Museal: Museu, memória e poder em Gustavo Barroso, Gilberto Freyre e Darcy Ribeiro**. Rio de Janeiro, Minc/IBRAM, 2009.

_____. Memória e Poder: focalizando as instituições museais. **Interseções: Revista de Estudos Interdisciplinares**. Rio de Janeiro, ano 3, n. 2, p. 5-23, 2001.

CHIZZOTTI, Bernard. **A Mistificação Pedagógica**. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

COELHO, Maria Augusta M. Acervo do Museu de Arte Religiosa e Tradicional. In: FINAGEIV, Belmira (org.). **Carta à Cidade de Cabo Frio**. IBPC, Rio de Janeiro, 1994.

COSTA, Marisa Vorraber (org.). **A Educação na cultura da mídia e do consumo**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009.

CURY, Marília Xavier. Museu, filho de Orfeu, e musealização. In: **ENCUENTRO REGIONAL DO ICOFOM-LAM, 8**. 1999, Coro, Venezuela. Anais. p. 50-51.

CURY, Marília Xavier. **Exposição: concepção, montagem e avaliação**. São Paulo: Annablume, 2005.

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. **Mil Platôs**. São Paulo, Ed. 34, 2011.

DESVALLÉES, André; MAIRESSE, François (dir.). **Concepts clés de la muséologie**. Paris: Armand Colin et ICOM, 2010.

ECO, Umberto. **O nome da rosa**. Editora Record, Rio de Janeiro, 1989.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e Mudança Social**. Brasília, Editora Universidade de Brasília, 2001.

FERRAZ, Eucanaã. **Veneno Antimonotonia: os melhores poemas e canções contra o tédio**. Rio de Janeiro, Objetiva, 2005.

FERREZ, Helena D. Documentação Museológica: Teoria para uma boa prática. In: IPHAN. **Estudos Museológicos**, Rio de Janeiro: IPHAN, 1994. P. 65-74. (Cadernos de Ensaio 2).

FINAGEIV, Belmira. **Carta à cidade de Cabo Frio**. IBPC, Rio de Janeiro, 1994.

FURTADO, J. L. Instrumentos em contexto: os caminhos e os limites da historiografia dos objetos de ciência. **Anais do Seminário Nacional de História da Historiografia: historiografia brasileira e modernidade**. Ouro Preto: UFOP, 2007. p. 1-11.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

_____. **Extensão ou Comunicação**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2001.

GIL, Antonio C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. Ed. São Paulo, Atlas, 2002.

GINZBURG, Carlo. **Medo, Reverência e Terror** - Quatro ensaios de iconografia política. Cia das Letras, São Paulo, 2014.

GRANATO, M., SANTOS, C. P., FURTADO, J. L., GOMES, L.P. Objetos de Ciência e Tecnologia como Fontes Documentais para a História das Ciências: Resultados parciais. In: **ENANCIB – ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 8**. Salvador: 2007.

GRIGOLETO, Maria Cristina. Informação e Documento: Expressão Material do Patrimônio. InCID: **R. Ci. Inf. e Doc.**, Ribeirão Preto, v.3, n.1, p.57-69, jan./ jun. 2012.

GUMBRECHT, H. U. **Produção de Presença. O que o sentido não consegue transmitir**. Rio de Janeiro, Ed. Contraponto / Ed. PUC-Rio, 2010.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

LE GOFF, Jacques. **São Francisco de Assis**. Record, Rio de Janeiro, 2013.

_____. Documento/Monumento. In: **Enciclopédia Einaudi**. Lisboa: Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 1984. p. 95-106.

LOUREIRO, M. L. N.M. Preservação in situ X ex situ: reflexões sobre um falso dilema. In: SEMINARIO IBEROAMERICANO DE INVESTIGACIÓN EM MUSEOLOGÍA, 3. Madrid, 2011.

LOURENÇO, MARTA C. O patrimônio da ciência: importância para a pesquisa. *Museologia e Patrimônio - Revista Eletrônica de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio*, v.2, n.1, 2009.

LOURENÇO, Maria Cecília França. **Museus acolhem o moderno**. São Paulo: Edusp, 1999.

LIMA, Diana F. Correa. Museologia – Museu e Patrimônio, Patrimonialização e Musealização: ambiência de comunhão. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**, v.7, n.1, p.31-50, jan. /abr. 2012.

_____. Museologia, Campo disciplinar da musealização e fundamentos de inflexão simbólica: 'tematizando' Bourdieu para um convite a reflexão. **Museologia e Interdisciplinaridade**, Brasília, 2013.

LIMA, V. A. **Mídia: Teoria e Política**. São Paulo, Perseu Abramo, 2001.

MALRAUX, André. **O Museu Imaginário**. Edições 70, Lisboa, 2013.

MENESES, Ulpiano Bezerra de. A exposição museológica: reflexões sobre pontos críticos na prática contemporânea. **Ciências em Museus**, Belém, n. 4, p. 103-120, 1992

MONTEIRO, A.M.F.C. **Ensino de História: entre saberes e práticas**. Tese de Doutorado. Programa de pós-graduação em Educação da PUC-Rio. Rio de Janeiro, 2002.

NASCIMENTO, Sylvania Sousa do. O desafio de construção de uma nova prática educativa para os museus. *In*: FIGUEIREDO, Betânia Gonçalves; VIDAL, Diana Gonçalves. **Museus: dos gabinetes de curiosidades à museologia moderna**. Belo Horizonte: Argvmentvm; Brasília: CNPq, 2005.

OBEARLAENDER, Magaly. Os retábulos e a história da arte religiosa. *In*: FINAGEIV, B. (org.). **Carta à cidade de Cabo Frio**. IBPC, Rio de Janeiro, 1994

PRIMO, Judite Santos. Pensar Contemporaneamente a Museologia. **Cadernos de Sociomuseologia**. UTLH. Nº. 16, 1999.

REIS, Maria Amélia; PINHEIRO, Maria do Rosário. Para uma pedagogia do museu: algumas reflexões. *In*: **Museologia e Patrimônio**. Vol.II, Nº. 1 jan./jun. de 2009.

REIS, Maria Amélia S. **A educação pela práxis em museus: desafios e avanços rumo a uma educação emancipatória, intercultural e transformadora**. Texto apresentado na Reunião do CECA 2014: MUSEOS Y BIEN COMUM.

_____. **A Descolarização/Descolonização dos Museus: Uma reflexão acerca da pedagogização da prática educativa museológica**. Texto apresentado no congresso ICOFOM LAM, Petrópolis, 2011.

RIZZI, Christina. **Contemporaneidade (mas não onipotência) do Sistema de Leitura de Obra de Arte Image Watching**. Disponível em: <http://www.artenaescola.org.br/pesquisa_artigos_texto.php?id_m=15>.

_____. Educação em museus: produto ou processo? *In*: DOSSIÊ CECA-Brasil. **MUSAS** – Revista Brasileira de Museus e Museologia/ Instituto do Patrimônio Artístico Cultural, Departamento de Museus e Centros Culturais. Vol. 1, n.1, (2004). Rio de Janeiro: IPHAN,

ROWER, Frei Basílio. **Páginas de História Franciscana no Brasil**. Petrópolis, Vozes, 1991.

RÚSSIO, Waldisa. Cultura, Patrimônio e preservação, texto III. *In*: ARANTES, Antônio Augusto (org.). **Produzindo o passado**. São Paulo: Brasiliense/CONDEPHAAT, 1984. p. 59-64.

SANTOS, Maria Célia T. Moura. Museu e educação: conceitos e métodos. *In*: **Encontros museológicos**: reflexões sobre a museologia, a educação e o museu. Rio de Janeiro: MinC/IPHAN/DEMU, 2008.

SANTOS, Maria Célia T. Moura. **Encontros Museológicos – Reflexões sobre a Museologia, a Educação e o Museu**. (Coleção Museu, Memória e Cidadania, 4), Rio de Janeiro, 2008.

SCHEINER, Tereza Cristina. Repensando o Museu Integral: do conceito às práticas. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**. Ciências Humanas, v.7, n.1, Jan./Abr. 2012.

STAKE, Robert E. **A Arte da investigação com Estudo de Caso**. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2007.

STUDART, Denise C. A produção intelectual do CECA-Brasil nas conferências internacionais do Comitê de Educação e Ação Cultural do Icom de 1996 a 2004. **Revista Musas, vol. I, nº I**, 2004. Rio de Janeiro: DEMU/IPHAN/MinC.

TARDIF, Maurice. **Saberes Docentes e Formação Profissional**. Petrópolis, RJ. Vozes, 2005.

VALENTE, Maria Esther. Educação e Museus: a dimensão educativa do museu. *In*: **Museu e Museologia: Interfaces e Perspectivas**. MAST COLLOQUIA, Vol. 11, 2009.

VARINE, Hugues de. **As Raízes do Futuro: O Patrimônio a Serviço do Desenvolvimento Social**. Medianiz, Porto Alegre, 2012.

VAN MENSCH, Peter. Towards a methodology of museology. (PhD thesis). University of Zagreb, 1992. Disponível em: http://www.muuseum.ee/et/erialane_areng/museoloogiaalane_ki/ingliskeelne_kirjand/p_van_mensch_towar/ Acesso em: Jul. 2011.

TORAL, Hernan Crespo. Seminário Regional UNESCO sobre a Função Educativa dos Museus, Rio de Janeiro -1958. *In*: ARAUJO, Marcelo M.; BRUNO, Maria Cristina O. (Org.). **A memória do pensamento museológico contemporâneo**: documentos e depoimentos. Comitê Brasileiro do ICOM. [São Paulo, 1995. Disponível em: <HTTP://www.icom.org.br/memoria%20do%20pensamento%20museologico4.pdf>

WARBURG, Aby. **A renovação da antiguidade pagã. Contribuições científico - culturais para a história do Renascimento Europeu.** Contraponto, Rio de Janeiro, 2012.

YIN, Robert K. **Estudo de Caso: Planejamentos e Métodos.**4. Ed. Porto Alegre, Bookman, 2010.

ANEXOS

ANEXO I

Material acessado por Adriano Vieira (pesquisador)

Objetivo: Dissertação de Mestrado “O Fazer Museológico e a Educação em Museus: Musealidade e Dimensão Pedagógica nas ações do MART” - Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio da UNIRIO

1. Fotos do MART e de Atividades relacionadas ao período 2011 a 2013 – Arquivo Digital

Semana Fluminense do Patrimônio 2012 – fotos nº 153 a 195

Visitas de Escolas – Escola Teixeira e Souza e Ciep (10 de novembro) – fotos: 013; 015; 026; 029; 030; 040; 050 e 064

Fotos 5ª Primavera de Museus:

Fotos 20/09/11: 20.09_36; 20.09_40; 20.09_45; 20.09_46; 20.09_52; 20.09_53; 20.09_54; 20.09_56; 20.09_57

Fotos 21/09/11: 21.09(M)_03; 21.09(M)_20; 21.09(M)_18; 21.09(T)_74; 21.09(T)_78; 21.09(T)_80; 21.09(T)_82; 21.09(T)_92; 21.09(T)_94

Fotos 22/09/11: 22.09(M)_09; 22.09(M)_19; 22.09(M)_56; 22.09(M)_58; 22.09(M)_70; 22.09(M)_73; 22.09(M)_79

Fotos 23/09/11: 23.09_01; 23.09_16; 23.09_24; 23.09_29; 23.09_32; 23.09_43; 23.09_50; 23.09_63

Visita à exposição “Divino Mudinho”: DSC0084; DSC0085

Abertura da exposição MUF: 4935; 4936; 4939; 4941; 4942; 4948; 4950; 4962; 4988; 4990; 4992; 5000; 5050

2. Arquivo Digital – Atividades do MART

Trabalho.Completo (Pesquisa de Perfil de Público e Demanda Turística 2012 – 2014 – Arquivo Word)

Texto.MART.Convento.2014 (Divulgação NBEAHR)

Relatório de Atividades – PPP

Esquema Exposição (Exposição Imagens de Fé e História)

Pasta 7ª.Primavera – contém pastas: brincadeiras; logomarcas; material.apoio; recital; relatório.7ª. primavera; release.7ª.primavera + arquivos: Gilmarino.santana.cartaz; Gilmarino.santana.cartaz-A4; texto.material.recepção

Pastas: Acervo (1); Acervo (2) – modificado; Acervo (3) (Material que serviu de base para circuito Irmã Lua na 5ª Primavera)

3. 5ª Primavera dos Museus (Pasta Educativo)

Programação

Material sobre o Circuito “Irmã Lua”

Relatório

4. Livro de Depoimentos

Cópia das páginas 118, 123, 124, 125, 127, 128, 129, 130, 132 e 133.

5. Pesquisa “in loco”

Pastas: ARQ.060, 064, 069, 076, 225, 226, 232, 234, 235 e 242, 261, 262, 265, 268 e 286; GDAC; Livro de Assinaturas; Livro de Registro de Eventos; Livro de Depoimentos

6. Estatística Mensal de Público – 2011

7. Questionário respondido por:

Sônia Mª G. Duarte – Diretora Interina

Flávia M. Franchini Ribeiro – TAC: História

Manoella Évora R. Gago - TAE

ANEXO II



**Museu de Arte Religiosa e Tradicional
Instituto Brasileiro de Museus**

Estatística de visitação

Ano de 2012

Visitação até 28/01/12 (quando ocorreu o incidente que interditou parcialmente o museu):
740 pessoas

Ano de 2011

Total de visitantes: 5.909

Total de estudantes: 2.182

Total de estrangeiros: 228

Principais países: Argentina (101), Chile (34), França(33)

Total de brasileiros: 5.696

Principais cidades/estados: Cabo Frio(2054), Rio de Janeiro (639) e Minas Gerais (352).

Principais profissões – Professores (544), Aposentados (194), Do lar (144) e Funcionários Públicos (139).

Visitação mês a mês

Janeiro de 2011

Total de visitantes: 783

Total de estudantes: 123

Total de estrangeiros: 10

Total de brasileiros: 773

Professores: 107

Funcionários públicos: 34

Aposentados: 34

Do lar: 29

Comerciantes: 29

Militar: 14

Pedagogos: 10

Fevereiro de 2011

Total de visitantes: 139

Total de estudantes: 16

Total de estrangeiros: 19

Total de brasileiros: 120

Professores: 13

Aposentados: 07

Enfermeiros: 06

Advogados: 05

Março de 2011

Total de visitantes: 277

Total de estudantes: 19

Total de estrangeiros: 26

Total de brasileiros: 251

Professores: 35

Aposentados: 16

Funcionários públicos: 13

Empresários: 09

Do lar: 08

Abril de 2011

Total de visitantes: 368
 Total de estudantes: 118
 Total de estrangeiros: 05
 Total de brasileiros: 363
 Professores: 36
 Funcionários públicos: 15
 Aposentados: 13
 Enfermeiros: 07

Mai de 2011

Total de visitantes: 1.188
 Total de estudantes: 853
 Total de estrangeiros: 10
 Total de brasileiros: 1.178
 Professores: 69
 Aposentados: 14
 Funcionários públicos: 10
 Advogados: 08

Junho de 2011

Total de visitantes: 342
 Total de estudantes: 145
 Total de estrangeiros: 07
 Total de brasileiros: 335
 Professores: 29
 Do lar: 13
 Aposentados: 11

Julho de 2011

Total de visitantes: 416
 Total de estudantes: 106
 Total de estrangeiros: 18
 Total de brasileiros: 371
 Professores: 66
 Aposentados: 29
 Funcionários públicos: 16
 Do lar: 16
 Militar: 24

Agosto de 2011

Total de visitantes: 197
 Total de estudantes: 36
 Total de estrangeiros: 16
 Total de brasileiros: 181
 Professores: 17

Aposentados: 09
 Militar: 06

Setembro de 2011

Total de visitantes: 573
 Total de estudantes: 271
 Total de estrangeiros: 19
 Total de brasileiros: 554
 Professores: 37
 Do lar: 24
 Empresários: 21

Outubro de 2011

Total de visitantes: 445
 Total de estudantes: 97
 Total de estrangeiros: 29
 Total de brasileiros: 416
 Professores: 42
 Do lar: 23
 Funcionários públicos: 17
 Aposentados: 12
 Enfermeiros: 12

Novembro de 2011

Total de visitantes: 565
 Total de estudantes: 317
 Total de estrangeiros: 20
 Total de brasileiros: 545
 Professores: 49
 Aposentados: 22
 Do lar: 14
 Funcionários públicos: 09
 Enfermeiros: 08

Dezembro de 2011

Total de visitantes: 616
 Total de estudantes: 81
 Total de estrangeiros: 50
 Total de brasileiros: 566
 Professores: 61
 Aposentados: 26

Funcionários públicos: 25

Administradores: 17

Advogados: 17

Do lar: 17

Comerciantes: 10

Anexo III

Questionários enviados e respondidos por e-mail

Este questionário faz parte da coleta de dados para a pesquisa de dissertação de mestrado desenvolvido no Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio da UNIRIO que tem como título: O Fazer Museológico e a Educação em Museus: Musealidade e Dimensão Pedagógica nas ações do MART.

Tem como objetivo complementar e aprofundar as informações obtidas nos documentos da instituição.

Agradecemos pela atenção e disponibilidade da Direção e equipe de profissionais do MART acreditando nesse estudo como forma de contribuir para os avanços da Museologia em nosso país.

Solicitamos sua colaboração respondendo às perguntas abaixo.

01.Sua formação:

Graduação em Direito e Pós-graduação em Direito Civil.

02.Que atividade desenvolve no MART? Há quanto tempo?

Técnica em Assuntos Educacionais. Desde outubro de 2010.

03. Comente sobre sua prática profissional. (Que trabalho desenvolve no seu cotidiano profissional).

Planejamento, elaboração e execução de atividades educativas voltadas para públicos específicos;

Atendimento a grupos escolares agendados previamente ou não;

Planejamento e execução dos eventos do Ibram (Semana Nacional de Museus e Primavera de Museus) e outros afins, no Mart;

Desenvolvimento de atividades educativas específicas relacionadas às exposições temporárias no Mart;

Planejamento de oficinas voltadas para públicos específicos.

04. Gostaria de destacar alguma atividade desenvolvida?

“Mart Adaptado”:

Voltada para o público escolar, foi realizada durante o período em que o Museu esteve parcialmente fechado para visitação.

Escola, professores e alunos se mobilizavam para ir até o museu e, ao chegarem, não podiam visitá-lo por completo (a sala de exposição permanente estava interdita); surgiu então a necessidade de criar uma atividade educativa que suprisse essa carência. Seu objetivo, portanto, foi suprir, dentro da realidade existente, a necessidade do público estudantil de conhecer aquela parte do acervo permanente da instituição que estava inacessível.

A atividade consistia em fazer com que os alunos, quando chegavam no jardim do Mart (antigo claustro), procurassem fotos das peç as (que estavam na sala interdita), remetendo ao fato de que algumas foram encontradas emparedadas ou enterradas. As imagens eram acompanhadas por suas respectivas informações e, uma vez encontradas, eram repassadas para os demais alunos.

Semana Nacional de Museus e Primavera de Museus:

Dois eventos nacionais coordenados pelo Instituto Brasileiro de Museus; em cada edição, há um tema diferente, que deve ser o norte das atividades desenvolvidas pelos museus participantes.

A Divisão Educativa do Mart sempre organiza uma programação voltada para o público escolar em torno do tema escolhido, realizando-a dentro do Museu ou, quando o local não tem condições de receber visitação pública, em alguma escola parceira.

05. Quando falamos em educação em museus, o que vem a sua cabeç a?

Transmitir para o público, em especial o estudantil, através da visita mediada e das atividades educativas realizadas, duas idéias fundamentais.

A primeira é fazer com que os alunos, uma vez conhecendo a história do Antigo Convento de Nossa Senhora dos Anjos e o contexto social da época, possam reconhecer a importância do monumento, passando a valorizá-lo e assim, contribuir para a sua preservação, difusão do conhecimento e o resgate do saber local, da cultura e da religiosidade da população de que   parte. Com o respeito e a valorização do seu patrimônio, cultura, comunidade e história regional, são também fortalecidos nos visitantes os sentimentos de cidadania e identidade.

Além disso, pretende-se mostrar que os museus não são instituições frias, estáticas, cheias de coisas velhas e desinteressantes. Museus são espaços de educação informal, em que se pode aprender muito através de recursos diversos daqueles que são usados em sala de aula, na educação formal. É possível ter contato direto com a história que se conta em sala de aula. Os museus, através das atividades que desenvolvem, tornam-se espaços em que se transmite conhecimento das mais diversas áreas do saber, ao mesmo tempo em que também podem ser vistos como locais de lazer, entretenimento e diversão, garantindo uma aproximação ainda maior do patrimônio com os visitantes.

06.Considera que a educação seja uma preocupação presente na sua prática profissional? De que forma?

Sim.

O Mart possui variadas possibilidades de interação com as mais diversas áreas do saber. A que mais se destaca é a história regional. Mas também pode ser utilizado como recurso de aprendizado para todas as outras áreas. Por exemplo, nas artes e na Literatura, quando se fala do estilo Barroco; na matemática e na física, quando se trata a arquitetura do local, entre outras; e estas podem ser, a pedido do professor, mais enfocadas pelo Museu durante a visita ou com apartes do próprio professor.

Além disso, existe a constante preocupação com a formação de um cidadão crítico da realidade em que se insere e identificado com sua comunidade; de um cidadão que, a partir da compreensão do seu passado, entenda a importância de sua história e cultura e passe a valorizá-las, reconhecendo-se como elemento fundamental na preservação dos patrimônios culturais e saberes locais.

Questionário respondido por:

Técnica em Assuntos Culturais – História:

Ministério da Cultura

Instituto Brasileiro de Museus - Ibram

Lotação: Museu de Arte Religiosa e Tradicional (Cabo Frio/RJ)

01.Sua formação:

Comunicação Social – Habilitação: Jornalismo e História – Licenciatura pela UFJF (Juiz de Fora/MG).

Mestrado em História, Cultura e Poder pela UFJF.

02. Que atividade desenvolve no MART? Há quanto tempo?

Como Técnica em Assuntos Culturais na área de História, ingressei na instituição em outubro de 2010. Nos dois anos iniciais participei no desenvolvimento de atividades de iniciativa da Direção e do atendimento ao público em geral e escolas, durante a visitação.

Em 2012, visando ao desenvolvimento de atividades de pesquisa e designada para organizar o acervo fotográfico, iniciei os trabalhos de tratamento do acervo arquivístico acumulado pelo MART desde o início do seu funcionamento, também com o intuito de conhecer o processo da instituição. Trabalho atualmente junto ao Núcleo de Biblioteca Especializada e Arquivo Histórico Regional do MART.

Neste setor também há o atendimento ao público que busca informações sobre o MART, a realização de visitação com grupos e a pesquisa de público, de responsabilidade de outro servidor, mas de cujos trabalhos participamos em parte, desenvolvendo-o em consonância com nosso estudo sobre os dilemas do patrimônio cultural e o turismo de sol e praia em Cabo Frio (RJ), sede do museu.

Excepcionalmente, ou por convocação da Direção, atuamos na recepção de escolas do Ensino Fundamental no museu e do público em geral, e junto às atividades desenvolvidas pelo Setor Educativo.

03. Comente sobre sua prática profissional. (Que trabalho desenvolve no seu cotidiano profissional).

Creio que boa parte desta questão já foi desenvolvida na resposta anterior. Como a equipe do Museu é reduzida, é comum a participação no atendimento ao público, área que exige maior demanda por pessoas.

Mesmo com o museu parcial ou completamente fechado desde 2012 (com o sinistro ocorrido em janeiro de 2012 e as obras de requalificação), o atendimento ao público é solicitado, atividade que me é particularmente muito prazerosa. Esse atendimento se dá individualmente, em atividades de consulta ao material sobre o museu, e que estamos organizando, ou na visitação de áreas do museu.

Porém, com a limitação do acesso ao público nos dois últimos anos, nossa atividade tornou-se mais “tecnicista”, voltada para o controle de acervo que está sob a guarda do Núcleo de Biblioteca Especializada e Arquivo Histórico Regional, inclusive com a realização de inventário.

Neste período também participamos da pesquisa de perfil de público e demanda turística que envolveu a aplicação de questionários por pontos pré-determinados em Cabo Frio sobre a relação do público, moradores e visitantes, com o patrimônio cultural e a atividade turística em Cabo Frio e região.

04. Gostaria de destacar alguma atividade desenvolvida?

Nossa participação direta na Semana dos Museus e Primavera de Museus, atividades propostas pelo Ibram, foi geralmente para apoio. Mas atuamos na concepção de atividades em 2011, na Semana e na Primavera, em 2012 na Semana e em 2013, na Primavera. Acredito que esses eventos são interessantes pela propositura de temas que podem ser norteadores das atividades, passíveis de serem desenvolvidas criativamente.

Em 2011 a Semana dos Museus propunha um diálogo com o tema memória. Então desenvolvemos uma cápsula do tempo que guardou elementos que pudessem registrar aquela semana, como objetos, jornais e panfletos, além de relatos de pessoas que participaram das atividades que foram desenvolvidas e estão registradas em um diário. O trabalho ainda não está concluído. A previsão de abertura da caixa é na Semana dos Museus a ser realizada em 2017, ano que marcará os 400 anos da cessão das terras para a construção do Convento de Nossa Senhora dos Anjos, sede do MART, quando pretendemos reunir o maior número de pessoas que participou das atividades em 2011.

Ainda em 2011, desenvolvemos o circuito “Irmã Lua” para a Primavera dos Museus, pois o tema era relacionado às mulheres. A ideia era praticamente aproveitar o circuito expositivo permanente do Museu, mas abordando, durante a visitação com os grupos,

a imaginária feminina e o acervo composto de quadros concebidos por mulheres e que retratam o Convento e seu entorno. Em 2013, quando o mesmo evento propôs nossa tradição afrodescendente, procuramos reproduzir, porém de forma mais limitada devido à circulação parcial no museu, a mesma proposta, trabalhando, por exemplo, com a imagem de São Benedito no acervo e com a recuperação da presença de escravas no local durante o período de funcionamento do Convento.

05.Quando falamos em educação em museus, o que vem a sua cabeça?

Criatividade e integração. Criatividade para se pensar intensamente o museu e aqueles que serão o outro vértice do diálogo que produziremos a partir dele. Cada público é um público, cada momento um momento. Pensar a comunicação com a comunidade do entorno do Convento, por exemplo, é diferente de pensá-la com as pessoas que esperam o ônibus no ponto final da Salineira em frente ao Convento, só para nos atermos a um recorte espacial restrito.

Mas tudo isso é reflexão. E é daí que creio ser importante a palavra integração. Não somente a integração do museu com seus públicos, mas em equipe. Acredito que este trabalho terá resultado somente se advir de uma reflexão conjunta em que pontos de vistas diversos serão trabalhados em prol do bem comum.

Como ex-professora de História, vi na prática deste trabalho de atendimento ao público em museus uma oportunidade para se desenvolver propostas ambicionadas por metodologias de aprendizagem nessa área, criando oportunidades para as pessoas refletirem sobre sua inserção enquanto sujeitos ativos num processo histórico e social mais amplo. Isto é, a construção de políticas de cidadania.

Mas, acredito, é necessário pensar e praticar as ferramentas para se atingir a esse objetivo, mais fáceis de serem desenvolvidas por um trabalho educativo em museus, do que na pressão do cumprimento de metas curriculares em uma sala de aula. Senão, tudo continua só na teoria.

Definitivamente não vejo o trabalho de educação em museu a ser determinado por um projeto de comunicação de curto prazo, ou seja, marketing. Acho que ele independe de folhetos, sinalização, mídia. Embora necessário, imagino que essa prática pertença à outra seara.

06.Considera que a educação seja uma preocupação presente na sua prática profissional? De que forma?

Até ingressar no Ibram nunca havia tido contato direto com a prática do fazer museológico, a não ser como visitante em museus. Embora tenha me formado em História, voltei-me durante os estudos para a área de história política, aprofundando-me em outros temas. No entanto, a História é uma prática interdisciplinar, com um diálogo aberto com as outras disciplinas das ciências sociais, mais recentemente, com a antropologia. E vejo assim o trabalho em museus. Não consigo ficar restrita ao “meu quadrado” e tenho prazer em trabalhar quando sou convocada pela chefia para atuar junto a outras áreas, esta prática um pouco restrita desde que o museu fechou para obras. Porém, mesmo assim, por exemplo, estou trabalhando junto com um servidor da manutenção que realiza o acompanhamento diário das obras no museu. Essa atividade possibilita o olhar sobre diversas características do monumento e do acervo que me são muito instrutivas.

A questão é como compartilhar essas informações que estou apreendendo com o público, para que o museu cumpra-se enquanto serviço público para a comunidade. Essa é uma preocupação constante e expressa oportunamente. Considero ser ainda carente a sua efetivação. Poderia ser isto, talvez, o resultado dos acontecimentos dos últimos anos que limitaram a infraestrutura e impuseram uma rotina peculiar ao grupo com o público.

Porém, em nossa prática rotineira, sempre que recebemos um grupo agendado, procuramos saber seu histórico, sua intenção ao visitar o Convento, seu perfil, o que fica muito fácil de definir quando ele é composto por escolares. São visitantes que estão trabalhando o barroco, a religiosidade do período colonial, os pontos turísticos de Cabo Frio, estão estudando a Era Vargas, etc. Procuramos estudar para essas visitas os elementos do Convento e de seu acervo que possam remeter a significados para intermediar a identificação destes visitantes com o museu.

É importante, por exemplo, em nossa opinião, que o visitante que estuda o Brasil pós-30 compreenda que a preservação desse patrimônio material insere-se em um período da política nacional-desenvolvimentista. Nesse sentido, discordo dos que olham para o Convento, datado de 1686, como um local que serve para se trabalhar apenas o período colonial ou a história da arte sacra; ele é um “prato cheio” para compreendermos nosso processo histórico nos últimos séculos e, assim, analisarmos nosso presente. Basta observarmos seu entorno: o Convento está preservado, mas o casario do Largo de Santo Antônio, onde se situa, foi destruído e hoje abriga o comércio. Nesse sentido: qual é a cidade que planejamos? Qual a política que empregamos?

No entanto, esta reflexão não é o resultado de um trabalho sistematizado, o que faz com que ela não se caracterize por uma política com planejamento, em que, inclusive, serão

analisadas as ações e suas consequências. Trata-se mais de um exercício individual e empírico.

Assim, creio que a setorização por áreas seja, em minha opinião, um entrave quando, por exemplo, aplicado na experiência de comunicação do museu. De toda forma, o retorno que recebo oralmente de professores e estudantes após as visitas tem sido muito positivo.

Com o intuito de investir nesse campo de possibilidades, outros trabalhos que ainda destaco em referência a essa preocupação: a pesquisa de perfil de público de público e demanda turística e a organização do arquivo. A pesquisa integra um trabalho mais amplo, em nossa concepção, de pensar o museu em diálogo com os seus públicos - esta nomenclatura, utilizada no plural, pela própria característica da cidade de Cabo Frio: uma cidade turística e com parte significativa de seus habitantes formada por pessoas não nascidas aqui. Sob os mais variados aspectos, o turismo afeta positiva ou negativamente a todos na região e não pode ser ignorado quando se analisa o contexto em que o museu está inserido.

Sua função é ajudar o museu a pensar-se a si mesmo neste contexto, para que possa atingir plenamente seu papel enquanto um serviço público. No momento, trabalhamos para tentar desenvolver em conjunto com a equipe algumas proposituras apontadas no relatório final da pesquisa.

Já o trabalho junto ao acervo arquivístico acumulado pelo MART me possibilitou conhecer melhor a instituição. Suas práticas e trabalhos desenvolvidos antes de nossa chegada. Principalmente por que não convivi tempo o suficiente com a pessoa que talvez tenha influenciado mais significativamente o funcionamento do museu ao longo de sua existência sua antiga, que foi diretora, Dolores Brandão Tavares

Este questionário faz parte da coleta de dados para a pesquisa de dissertação de mestrado desenvolvido no Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio da UNIRIO que tem como título: O Fazer Museológico e a Educação em Museus: Musealidade e Dimensão Pedagógica nas ações do MART.

Tem como objetivo complementar e aprofundar as informações obtidas nos documentos da instituição.

Agradecemos pela atenção e disponibilidade da Direção e equipe de profissionais do MART acreditando nesse estudo como forma de contribuir para os avanços da Museologia em nosso país.

Solicitamos sua colaboração respondendo às perguntas abaixo.

01.Sua formação:

Resposta: Biblioteconomia e Documentação

02.Que atividade desenvolve no MART? Há quanto tempo?

Resposta: Estive à frente do MART como diretora substituta desde 1996 e, desde junho de 2012 estou atuando como diretora interina.

03. Comente sobre sua prática profissional. (Que trabalho desenvolve no seu cotidiano profissional).

Resposta: Iniciei minhas atividades no MART, em 1995, quando vim transferida da Fundação Biblioteca Nacional no Rio de Janeiro, com o projeto de iniciar um Núcleo de Biblioteca e Arquivo Histórico Regional do MART objetivando cumprir uma das cláusulas do Convênio firmado entre o Arcebispado de Niterói e o antigo DPHAN (atual IPHAN). A carência de servidores na instituição me levou a contribuir com vários setores do museu e a exercer concomitantemente outras atividades como: trabalho educativo, exposições, eventos culturais diversos, assessoria à direção, etc.

Atualmente como diretora interina, supervisiono e coordeno os trabalhos que são desenvolvidos pelas áreas técnicas e administrativas, bem como, procuro promover a comunicação interna e externa do museu. Respeitando sempre as funções básicas do museu, atuo para a preservação das coleções, a comunicação envolvendo o trabalho educativo e a exposição e a pesquisa.

04.Gostaria de destacar alguma atividade desenvolvida?

Resposta: O trabalho no museu é sempre instigante e desafiador. Mas em 1999 fizemos uma exposição chamada “O Brasil de Portinari” em parceria com a Prefeitura Municipal de Cabo Frio e a Petrobrás. Face à riqueza de informações e recursos envolvidos foi possível desenvolver um trabalho bastante gratificante, não só pela oportunidade de estreitarmos laços com a equipe da Secretaria de Educação/PMCF (da qual vários docentes participaram com entusiasmo e alegria), como também a de desenvolver o trabalho educativo com muitas informações e atrativos durante a mediação com os alunos e professores das três redes públicas de ensino.

05.Quando falamos em educação em museus, o que vem a sua cabeça?

Resposta: Educação em museus é uma ferramenta de transformação social. Podemos dizer que certas palavras ou frases resumem a ação educativa em museus, como: documentação, informação, conhecimento, mediação, reflexão constante, pensamento criativo, formação de um cidadão crítico e participante, porque educação em museus começa na sua porta de entrada.

O MART, por exemplo, sediado em um monumento centenário, tombado e reconhecido como patrimônio nacional, tem o seu próprio prédio como gerador de conhecimento, do modo de viver de uma época, por meio de sua arquitetura religiosa que nos revela detalhes de uma época quando, sem energia elétrica, a luz natural era utilizada pelos franciscanos que ocupavam o prédio, motivo pelo qual o prédio possui muitas janelas; também os objetos sacros têm um valor simbólico que muitas vezes não está documentado por escrito.

É dever do museu promover seu papel educativo e atrair a comunidade/sociedade que representa.

Como os museus são espaços de oportunidades, eles também geram reflexões. Deverá o aluno sair do museu com muitos questionamentos.

06.Considera que a educação seja uma preocupação presente na sua prática profissional? De que forma?

Resposta: Adquirir conhecimento não é minha única preocupação, pois temos que ter uma bagagem teórica sim, porém, o museu é um local de estudo e aprendizado, em que não só trabalhamos, mas também aprendemos com o dia a dia das atividades realizadas. A equipe de trabalho é importante para estimular o debate e a reflexão.

Conquistamos saber através de livros, convivência com colegas, visitantes, aulas. Esse fazer permanente nas ações do museu é o responsável pela conquista do saber. Concluo também que não dispenso o aprendizado formal como aquele adquirido na participação em cursos e a busca por leituras específicas sobre o tema “museus”.

Anexo IV

RELAÇÃO DAS UNIDADES ESCOLARES DA REDE MUNICIPAL DE ENSINO //201 4

Nº

Cód.

Pasta

Escolas Municipais Tel. fixo

(ESCOLA)

Celular

(ESCOLA)

1 054

ACHILLES ALMEIDA BARRETO (E. M. Prof.)

Avenida Wilson Mendes, s/nº - Porto do Carro

CEP 28922-000

empachillesbarreto@semecabofrio.rj.gov.br

Segmento: 1º ao 5º ano

2648-5564

(secretaria)

92617746

2 001

AGRISA (E. M.)

Estrado do Araçá, s/nº - Agrisa - 2º Distrito

emagrisa@semecabofrio.rj.gov.br

Segmento: Creche IV, Pré I e II ao 5º ano

92878404

3 092

ALFREDINA OLIVEIRA FRANCESCONI (E. M. Prof.ª)

Rua Paraná, 13 - Jardim Esperança

empalfredinafrancesconi@semecabofrio.rj.gov.br

Segmento: 1º ao 5º ano

2629-9554 92615280

4 069

ALFREDO CASTRO (E. M.)

Rua Inglaterra, 121 - Jardim Caiçara

CEP 28910-360

emalfredocastro@semecabofrio.rj.gov.br

Segmento: 6º ao 9º ano

2644-0908 92618401

5 023

ALITTA MARIA DO VALLE (E. M. Prof.ª)

Rod. Amaral Peixoto , Km 137 - Gargaó
CEP 28901-970

empalittadovale@semecabofrio.rj.gov.br

Segmento: Pré I ao 5º ano

2630-4500 92615565

6 024 **AMÉLIA FERREIRA (E. M. Prof.ª)**

Rod. Amaral Peixoto , Km 133 - Unamar

CEP 28907-080

empameliaferreira@semecabofrio.rj.gov.br

Segmento: 1º ao 5º ano / EJA (1º segmento)

2630-5824 92641559

7 059

AMÉRICA DOS ANJOS MONICA (E. M.)

Rua Rubens Ribeiro, nº60 - Boca do Mato

emamericadosanjos@semecabofrio.rj.gov.br

Segmento: Creche IV ao Pré II

92635113

8 002 **AMÉRICO VESPÚCIO (E. M.)**

Rua Theonas Terra, 70 - Parque Burle

CEP 28913-210

emamericovespucio@semecabofrio.rj.gov.br

Segmento: 6º ao 9º ano

2645-4909 92834557

9 082

ANA PEREIRA GONÇALVES (E. M. Prof.ª)

Rua 16, s/n.º, Unamar

empanapereira@semecabofrio.rj.gov.br

Segmento: Creche III ao Pré II

2630-0481 92640833

10 003

ANGELIM (E. E. Mz)

Estrada do Araçá – Tamoios - 2º Distrito

eemangelim@semecabofrio.rj.gov.br

Segmento: Creche IV ao 5º ano

11 053 **ANITA TEIXEIRA DA SILVA (E.M. de Ed. Inf. Prof.ª)**

Rua Juscelino Kubistchek, s/nº, Santo Antônio, 2º

Distrito de Cabo Frio

emeipanitateixeira@semecabofrio.rj.gov.br

Segmento: Creche III ao Pré I

92711165

12 004

ANTONIO DA CUNHA AZEVEDO (E. M.)

Rua Maestro Clodomiro Guimarães de Oliveira, 95 -

Passagem

emantoniocunha@semecabofrio.rj.gov.br

Segmento: 1º ao 5º ano

2620-1207 92878369

13 005

ARAÇÁ (E. M.)

Estrada do Araçá, s/nº, Araçá - Tamoios - 2º Distrito

CEP 28905-150

emaraca@semecabofrio.rj.gov.br

Segmento: Creche IV ao 5º ano

2646-5425 92878402

14 025

ARLETE ROSA CASTANHO (E. M.)

Rua Cel. Mario Quintanilha, 299 - Vila Nova

CEP 28907-420

emarleterosa@semecabofrio.rj.gov.br

Educação Especial (Pré II ao Ensino Médio)

2620-1342 92614950

15 **CARLOS ALBERTO GOMES DE CARVALHO (E. M.**

Prof.)

Rua Três, s/nº, Loteamento Colinas do Peró

empcarlosalberto@semecabofrio.rj.gov.br

Segmento: 6º ao 9º ano

92744557

16 063

CATHARINA DA SILVEIRA CORDEIRO (E. M. Prof.ª)

Rua Dr. Cardoso da Fonseca, s/nº - Monte Alegre CEP

28900-100

empcatharinadasilveira@semecabofrio.rj.gov.br

Segmento: 1º ao 5º ano (integral)

2644-4412 91755531

17 026

CECILIA NOGUEIRA MACHADO GUIA (E. M. Prof.ª)

Av. Wilson Mendes, s/nº - Jacaré - CEP 28922-113

empcecilianogueira@semecabofrio.rj.gov.br

Segmento: 1º ao 5º ano

2644-4411 92877330

18 062 **CILÉA MARIA BARRETO (E. M. Prof.ª)**

Rua Minas Gerais, s/nº - Jardim Peró

empcileabarreto@semecabofrio.rj.gov.br

Segmento: 1º ao 5º ano

2629-3409

(orelhão)

92615749

19 027

CLÁUDIA MUZIO FREITAS DE OLIVEIRA (E. M.

Prof.ª)

Rua Durval Silva, s/nº - Jardim Esperança

CEP 28920-020

empclaudiamuzio@semecabofrio.rj.gov.br

Segmento: Creche IV ao Pré II

2629-9378

(orelhão)

92618708

20 100 **CLADYR DA ROCHA MENDES (E. M. de Ed. Infantil)**

Rua Dez, s/nº, Parque Burle

emeicladyrmendes@semecabofrio.rj.gov.br

Segmento: Creche III ao Pré II

92732700

21 096

CLEUSA GUIMARÃES FARIA BRAGA

(E.M. de Ed. Infantil Prof.ª)

Rua Justiniano de Souza, s/nº - Maria Joaquina

emeipcleusaguimaraes@semecabofrio.rj.gov.br

Segmento: Creche III e IV (parcial e integral)

22 035 **DALCY BARROSO PILLAR (E. M. de Ed. Infantil**

Prof.ª)

Rua Luis Feliciano Cardoso, s/nº, Praia do Siqueira

emeipdalcypillar@semecabofrio.rj.gov.br

Segmento: Creche III e IV (integral e parcial)

Pré I e II (parcial)

92732477

23 006 **DEODORO AZEVEDO (E. M.)**

Rua Governador Valadares, 1096 - Guarani

CEP 28909-010

emdeodoroazevedo@semecabofrio.rj.gov.br

Segmento: 1º ao 5º ano

2620-1296

(orelhão)

92614570

24 051

DO BRAGA (E. M.)

Rua Omar Fontoura, 36 - Braga

CEP 28908-110

emdobraga@semecabofrio.rj.gov.br

2620-1526 92877411

Segmento: 1º ao 5º ano

25 065

DO PERÓ (E. M.)

Rua Anequim, Trav. São Lucas, 04, casa 02, Praça do

Moinho - Peró

emdopero@semecabofrio.rj.gov.br

Segmento: 1º ao 5º ano e EJA (1º segmento)

2644-3415 92346007

26 085 **DO POMAR (E.M. de Ed. Infantil)**

Trav. Beija Flor, 05, casa 04 - Jacaré

emeidopomar@semecabofrio.rj.gov.br

Segmento: Pré I e Pré II

2644-7221 92786036

27 007 **DOMINGOS GOUVÊA (E. M.)**

Rua Henrique Terra, 154 - Portinho

CEP 28901-970

emdomingosgouvea@semecabofrio.rj.gov.br

Segmento: 1º ao 5º ano

2620-1495 92786088

28 028 **EDILSON DUARTE (E. M. Prof.)**

R. Profª Amélia Ferreira, s/nº - Jardim Caiçara

CEP 28910-440

empedilsonduarte@semecabofrio.rj.gov.br

Segmento: 6º ao 9º ano e EJA (Ensino

Fundamental e Médio)

2644-6196 92797012

29 008 **EDITH CASTRO DOS SANTOS (E. M.)**

Rua Dois, nº 138 - Santo Antônio (2º Distrito)

CEP 28927-000

emedithcastro@semecabofrio.rj.gov.br

Segmento: 6º ao 9º ano e EJA (2º segmento)

2630-5050 92814852

30 074

ELENICE MARTINS (Creche E. M. Prof.ª)

Rua Seis, s/nº - Reserva do Peró

cempelenicemartins@semecabofrio.rj.gov.br

Segmento: Creche IV ao Pré II

2630-3332 92815475

31 021

ELENITA FERREIRA DOS SANTOS ABREU

(E. M. de Ed. Infantil Prof.ª)

Rua das Dunas, 998 - Manoel Corrêa

emeipelenitaferreira@semecabofrio.rj.gov.br

Segmento: Creche III e IV

2644-2296 92427029

32 090

ELICÉA DA SILVEIRA (E. M. Prof.ª)

Rua Jorge Veiga, 630 - Gamboa

empeliceadasilveira@semecabofrio.rj.gov.br

Segmento: 1º ao 5º ano

26447222 92879313

33 070 **ELZA MARIA SANTA ROSA BERNARDO (Colégio M.**

Prof.ª)

Av. Ézio Cardoso da Fonseca, s/nº - J. Esperança

cmpelzabernardo@semecabofrio.rj.gov.br

Segmento: 6 ao 8º ano, Ens. Médio e EJA (Ens.

Médio)

2629-7087 92817941

34 010 **ETELVINA SANTANA DA FONSECA (E. M.)**

Rua do Moinho, s/nº - Peró / CEP 28922-235

emetelvinafonseca@semecabofrio.rj.gov.br

Segmento: Creche IV ao Pré II

26470204 92785898

35 009

EVALDO SALLES (E. M.)

Rua do Moinho, s/nº - Peró / CEP 28922-230

emevaldosalles@semecabofrio.rj.gov.br

Segmento: 1º ao 9º ano

2620-1446 92711949

36 050

FRANCISCA NAZARETH DE SOUZA (E. E. Mz.)

Rodovia Amaral Peixoto, Km 118 - Campos Novos /

CEP 28901-970

eemfranciscanazareth@semecabofrio.rj.gov.br

Segmento: Pré I ao 5º ano

2630-4493 92345081

37 058

FRANCISCO FRANCO (E. M.)

Estrada da Agrisa, s/nº - Araçá CEP 28950-150

emfranciscofranco@semecabofrio.rj.gov.br

Segmento: 6º ao 9º ano

92346107

38 076

IARA COUTINHO GOMES (E.M. Prof.ª)

Av. Teixeira e Souza, 576 - Vila Nova

2647-7430 92427025

empiaracoutinho@semecabofrio.rj.gov.br

Segmento: Creche III ao Pré II

39 029

IZABEL DOS SANTOS MACHADO (E.M.Prof.ª)

Rua França, s/nº - Jardim Caiçara - CEP 28910-140

empizabelmachado@semecabofrio.rj.gov.br

Segmento: 1º ao 5º ano

2646-4754 9234-4826

40 012

JOÃO BESSA TEIXEIRA (E. M.)

Av. Antônio Feliciano de Almeida, 374 - União

CEP 28906-240

emjoaobessa@semecabofrio.rj.gov.br

Segmento: Pré I ao 5º ano

2620-1341 9234-4872

41 013

JOÃO EVANGELISTA DOS SANTOS (E. M.)

Rod. Amaral Peixoto, km 121 - Botafogo
(2º Distrito) CEP 28901-970
emjoaoevangelista@semecabofrio.rj.gov.br

Segmento: Pré I ao 5º ano

2625-6043 9234-6615

42 014

JOÃO ROCHA (E. M.)

Rua Francisco Paranhos, 701 - Vila Nova
CEP 28907-320

emjoaorocha@semecabofrio.rj.gov.br

Segmento: Pré I ao 5º ano

2620-1247 92345967

43 094 JOSÉ BONIFÁCIO FERREIRA NOVELLINO (E. M.)

Rua Amazonas, s/nº - Jardim Però - Cep. 28.920-100

emjosebonifacio@semecabofrio.rj.gov.br

Segmento: 1º ao 5º ano

2629-3592 92346591

44 048 JUSTINIANO DE SOUZA (E. M.)

Rua da Paz, s/nº - Maria Joaquina (2º Distrito)

CEP 28950-000

emjustinianodesouza@semecabofrio.rj.gov.br

Segmento: Pré I ao 5º ano

2633-7465 9234-4976

45 043

LAIR DIAS GAGO PEREIRA (E. M. Prof.ª)

Rua São Paulo, nº 560, Jardim Però CEP 28921-100

emplairgago@semecabofrio.rj.gov.br

Segmento: Creche III ao Pré II

9233-1949

46 038 LEAQUIM SCHUINDT (E. M. Vereador)

Rua Projetada, nº 03 - Jardim Esperança

CEP 28924-030

emvleaquimschuindt@semecabofrio.rj.gov.br

Segmento: 6º ao 9º ano e EJA (1º e 2º seg.)

2629-4834

(orelhão)

9234-6588

47 089

LEOMARI GARCIA BARRETO (E. M. Prof.ª)

Rua Nelson Mandela, s/nº - Tangará (frente à praça)

empleomaribarreto@semecabofrio.rj.gov.br

Segmento: 1º ao 5º ano

2630-3628 9234-6296

48 030 LERINÉA FIGUEIREDO (E. M. Prof.ª)

Rua do Pomar, s/nº - Jacaré

emplerineafigueiredo@semecabofrio.rj.gov.br

Segmento: 1º ao 5º ano

2644-4408 92346203

49 061 LUCELÉA RODRIGUES DA COSTA (E. M. Prof.ª)

Rua da Assembléia, s/nº - Aquáriu

(2º Distrito) CEP 28915-440

empluceleardrigues@semecabofrio.rj.gov.br

Segmento: 1º ao 5º ano e EJA (1º seg.)

2630-7192

(Orelhão)

92346153

50 049

LUIZ LINDENBERG (E. M.)

Av. Luis Lindenberg, 1137 - Guarani

CEP 28909-340

emluislindenberg@semecabofrio.rj.gov.br

Segmento: 1º ao 9º ano

2644-0389 92332672

51 016 MANOEL MENDES DE SOUZA (E. M.)

Av. Adolfo Beranger Junior, 3160 - Jardim Nautilus /

CEP 28909-030

emmanoelmendes@semecabofrio.rj.gov.br

Segmento: Creche IV ao Pré II

2644-2376 92331677

52 36 MÁRCIA FRANCESCONI PEREIRA (E. M. Prof.ª)

Rua Expedicionários da Pátria, 410 - São Cristóvão /

CEP 28909-480

empmarciafrancesconi@semecabofrio.rj.gov.br

Segmento: 6º ao 9º ano

2620-1488 92332107

53 07 MARIA AMÁLIA DOS SANTOS SILVEIRA (Creche E.

M. Prof.ª)

Rua do Pomar, 13 - Jacaré / CEP 28922-595
 cemprariaamalia@semecabofrio.rj.gov.br

Segmento: Creche III e IV – Integral

2644-7219 92331283

54 018 **MARIA DARIA SALDANHA (E. M.)**

Estrada de Búzios, 100 - Jardim Esperança / CEP
 28922-270

emmariadaria@semecabofrio.rj.gov.br

Segmento: 1º ao 5º ano

2629-9300 92330974

55 075 **MARIA EMILIA DOS SANTOS CASTRO (Creche E. M.)**

Rua Dr. Cardoso da Fonseca, s/nº - Monte Alegre CEP
 28901-970

cemmariaemilia@semecabofrio.rj.gov.br

Segmento: Creche III ao Pré II

2644-7554

92344699

56 032

MARIA JOSÉ BARROSO (E. M. Prof.ª)

Rua Juscelino Kubitschek, s/nº - Santo Antonio
 empmariajosebarroso@semecabofrio.rj.gov.br

Segmento: Pré II ao 2º ano

2 2630-8068

(orelhão)

92344539

57 093 **MARIA LEONÍDIA PARENTES FORTES MARTINS
 PINHEIRO (Creche Municipal)**

Rua Bosque dos Cajueiros, s/nº - Reserva do Peró
 cmmarialeonidia@semecabofrio.rj.gov.br

Segmento: Creche III e IV - integral

2629-2719 92332987

58 079 **MARIA QUITÉRIA DA COSTA RIBEIRO (Creche
 Municipal Prof.ª)**

Rua R, 45 - Unamar (2º Distrito)

cmpmariaquiteria@semecabofrio.rj.gov.br

Segmento: Creche IV ao Pré II

2646-1168 92334290

59 071 **MARILIA DE TEVES MORENO (Creche Escola
 Municipal Prof.ª)**

Rua das Dunas, s/nº - Manoel Corrêa

cempmariliadeteves@semecabofrio.rj.gov.br

Segmento: Creche III ao Pré II

2644-2418 92330727

60 060 **MARÍLIA PLAISANT (E. M. Prof.ª)**

Rua Dimas Teixeira, s/nº - Jardim Esperança

empmariliaplaissant@semecabofrio.rj.gov.br

Segmento: 1º ao 5º ano

2629-6446

92344582

61 068 **MARLI CAPP (Centro Educacional M. Prof.ª)**

Rua E, 20, Quadra 15 - Unamar (2º Distrito)

cempmarlicapp@semecabofrio.rj.gov.br

**Segmento: 6º ao 9º ano/ Ens. Méd. e EJA (2º seg. e
 Médio)**

2630-0680 92344715

62 041 **NILO BATISTA (Escola Agrícola Municipal)**

Rodovia Amaral Peixoto, s/nº, Km 124 - Campos Novos

eamnilobatista@semecabofrio.rj.gov.br

Segmento: 6º ao 9º ano/ Ens. Médio – Téc. Agrícola

92366760

63 033 **OSWALDO SANTA ROSA (E. M. Prof.)**

Estrada do Guriri, s/nº, Guriri

CEP 28901-970

emposwaldosantarosa@semecabofrio.rj.gov.br

Segmento: Pré I ao 5º ano

2629-2452 92344412

64 078

PALMIRA BESSA DE FIGUEIREDO (E. M.)

Rua 11, quadra 38, lote 09 e 10 – Condomínio Santa

Margarida, Unamar

empalmirabessa@semecabofrio.rj.gov.br

Segmento: 1º ao 5º ano

92332685

65 086

PARQUE ELDORADO (Creche Escola Municipal)

Rua Francisco Alves, nº 06 - Parque Eldorado
 cemparqueeldorado@semecabofrio.rj.gov.br

Segmento: Creche III ao Pré I

2629-4631 92641648

66 057

PATRÍCIA AZEVEDO DE ALMEIDA (E. M. Prof.ª)

Rua Paraná, 07 - Jardim Esperança

empatriciaazevedo@semecabofrio.rj.gov.br

Segmento: 1º ao 5º ano

2629-2004 92641625

67 020

PAULO BURLE (E. M.)

Rua Espanha, 38 - Jardim Caiçara /

CEP 28910-190

empauloburle@semecabofrio.rj.gov.br

Segmento: 1º ao 5º ano

2644-0917 92642090

68 022

PEDRO JOTHA (E. M.)

Estrada de Campos Novos, s/nº, São Jacinto, 2º Distrito

empedrojottha@semecabofrio.rj.gov.br

Segmento: Creche IV ao 5º ano

2648-8821

(orelhão)

92877326

69 067 **RENATO AZEVEDO (E. M. Prof.)**

Rua Líbano, nº 16, São Francisco / CEP 28905-160

emrenatoazevedo@semecabofrio.rj.gov.br

Segmento: 1º ao 5ª ano - Educação Especial

2620-1230 92878446

70 039 **ROBINSON CARVALHO DE AZEVEDO (E. M.)**

Av. Victor Rocha, 998 - Parque Burle

emrobinsoncarvalho@semecabofrio.rj.gov.br

Segmento: 1º ao 5º ano

2646-4138

(orelhão)

2644-0038

(direção)

92878475

71 031 **RUI BARBOSA (Colégio Municipal)**

Rua Rui Barbosa, 814 - Centro - CEP 28909-030

cmrui Barbosa@semecabofrio.rj.gov.br

Segmento: Ensino Médio

2645-4262

92877278

72 052 **RUI CAPDEVILLE (E. M. Maestro)**

Av. Adolfo Beranger Junior, nº 1200 - Guarani

emruicapdeville@semecabofrio.rj.gov.br

Segmento: 1º ao 5º ano

2644-7967 92644135

73 064 **SAMBURÁ (E. M.)**

Rua Estrela Dalva, 55 - Samburá

emsambura@semecabofrio.rj.gov.br

Segmento: 1º ao 5º ano

2630-0590 92425369

74 056

SANTOS ANJOS CUSTÓDIOS (E. M.)

Rua Irmã Josefina da Veiga, 63 - Praia do Siqueira CEP

28911-120

emsantosanhos@semecabofrio.rj.gov.br

Segmento: 1º ao 9º ano

2644-0327 92644045

75 066 **SÃO CRISTÓVÃO (E. M.)**

Rua Fagundes Varela, 216 - São Cristóvão

emsaocristovao@semecabofrio.rj.gov.br

Segmento: 1º ao 5º ano

2620-1491

(orelhão)

92733160

76 077

TALITA HERNANDES PERELLÓ (E. M.)

Estrada de Búzios, 100 - Jardim Esperança

CEP 28922-270

emtalitaperello@semecabofrio.rj.gov.br

Segmento: 6º ao 9º ano

92753873

77 091

TANIA MARIA GOMES DE ÁVILA (E. M. Prof.ª)

Rua Governador Valadares, s/nº - Guarani
emptaniaavila@semecabofrio.rj.gov.br

Segmento: 6º ao 9º ano

2645-2226 92755197

78 047

TEIXEIRA E SOUZA (E. E. Mz.)

Rua Rosalina C. da Fonseca, s/nº - Porto do Carro /
CEP 28922-010

eemteixeiraesouza@semecabofrio.rj.gov.br

Segmento: 6º ao 9º ano

2647-7444

79 037 THEMIRA PALMER (E. M.)

Rua Panamá, s/nº - Manoel Corrêa
emthemirapalmer@semecabofrio.rj.gov.br

Segmento: 1º ao 5º ano

2620-1494 92732284

80 045 TIO COTIAS (E. M. de Ed. Infantil)

Rua Humberto de Campos, s/nº - Tangará
emeitiocotias@semecabofrio.rj.gov.br

Segmento: Creche III ao Pré II

2629-2754 92757486

81 044

TOSANA (E. E. Mz.)

Rod. Amaral Peixoto, Km 138 – Fazenda da Pedra
eemtosana@semecabofrio.rj.gov.br

Segmento: Creche IV ao 5º ano

92757421

82 015

VOVO CINHA (E. M. de Ed. Infantil)

Av. Vitor Rocha, 85 - Parque Burle
CEP 28911-000

emeivovocinha@semecabofrio.rj.gov.br

Segmento: Creche III e IV (integral e parcial)

Pré I e II (parcial)

2648-3168 92757471

83 019 VOVO OLIVIA (E. M. de Ed. Infantil)

Rua Lourival Franco de Oliveira, nº 112 - Jardim
Esperança / CEP 28901-970

emeivoolivia@semecabofrio.rj.gov.br

Segmento: Creche III e IV (integral)

2629-9595 92711637

Creche IV ao Pré II (parcial)

84 011 WALDEMIRA THEREZA DE JESUS (E. M.)

Rua Roma, nº 01 - Jardim Excelsior / CEP 28915-130
emwaldemirateresadejesus@semecabofrio.rj.gov.br

Segmento: Creche IV ao Pré II

2620-1305 92714574

85 088 WANDA M.ª NOGUEIRA GONÇALVES (Creche E. M. Prof.ª)

Estrada de Búzios, 100 - Jardim Esperança
CEP 28922-270

cempwandagoncalves@semecabofrio.rj.gov.br

Segmento: Creche III e IV (parcial e integral)

Pré I e II (integral)

2629-5909 92714911

86 081 WANDA PEREIRA ROQUE (E. M. Prof.ª)

Rua dos Marimbas, s/nº - Samburá - 2º Distrito /
CEP 28927-000

empwandaroque@semecabofrio.rj.gov.br

Segmento: 6º ao 9º ano

92755563

87 098 YONE NOGUEIRA

(Escola Municipal de Educação Infantil Prof.ª)

Rua das Tainhas, s/nº, Cajueiro
emeipyonenogueira@semecabofrio.rj.gov.br

Segmento: Creche III e IV (integral)

2620-1218 92635566

88 034 ZÉLIO JOTHA (E. M. Prof.)

Av. Joaquim Nogueira, 812 - São Cristóvão /
CEP 28909-490

empzeliojottha@semecabofrio.rj.gov.br

Segmento: 1º ao 5º ano e EJA (1º seg.)

2620-1205 92715187

Instituições

01

APAE Cabo Frio

Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais
Av. Joaquim Nogueira, 571, São Cristóvão
apaecabofrio@bol.com.br
26430115
02

Centro de Educação Especial Integrado Prof. Durval Silva

Rua Durval Silva, s/nº, Jardim Esperança
ceeipdurvalsilva@semecabofrio.rj.gov.br
92423336

03

Centro de Educação Especial Integrado Prof.ª Maria Aparecida de Azevedo Galvão

Rua Samburá, s/nº, (Prédio da subprefeitura de Tamoios)
ceeipmariaaparecidagalvao@semecabofrio.rj.gov.br

04

Centro de Estudos de Educação Natália Caldonazzi

Rua Coronel Ferreira, 221, Portinho
ceenataliacaldonazzi@semecabofrio.rj.gov.br

26440385

26201322

05

Conselho Municipal de Educação

Rua Coronel Ferreira, 221, Portinho
conselhomeducao@semecabofrio.rj.gov.br

26438602

06

Fernando Azevedo (C.E.E.I)

Rua Arizio Gomes da Costa, 14, Jardim Flamboyant
CEP.: 28911-970

ceEIFernandoazevedo@semecabofrio.rj.gov.br

26439771 92345046

07

Centro Municipal de Integração Social Warly Studart

Rua Los Angeles, 25, Jardim Olinda
cmiswarlystudart@semecabofrio.rj.gov.br

92059189

08

Núcleo da SEME no 2º Distrito

Rua G, Quadra 5, Lote 15 - Unamar
nucleo2distrito@semecabofrio.rj.gov.br

26460831

09

NTM- Núcleo de Tecnologia Educacional

Rua Florisbela Rosa da Penha, 292 - Braga
26473459

ntem@semecabofrio.rj.gov.br